



FUNDAÇÃO COMUNITÁRIA TRICORDIANA DE EDUCAÇÃO

Decretos Estaduais n.º 9.843/66 e n.º 16.719/74 e Parecer CEE/MG n.º 99/93

UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE DE TRÊS CORAÇÕES/MG

Recredenciamento e-MEC 200901929

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão

NAMAR OLIVEIRA SILVA FIGUEIREDO

A IDENTIDADE CULTURAL SOB A INFLUÊNCIA DA MÍDIA:

Um olhar sobre os adolescentes e jovens da Comunidade do Taquaral

Três Corações
2013

NAMAR OLIVEIRA SILVA FIGUEIREDO

**A IDENTIDADE CULTURAL SOB A INFLUÊNCIA DA MÍDIA:
Um olhar sobre os adolescentes e jovens da Comunidade do Taquaral**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Linguagem Cultura e Discurso – da Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Orientadora

Prof.^a Dr.^a Lilian Teixeira de Sousa.

**Três Corações
2013**

307.0981

F475i Figueiredo, Namar Oliveira Silva

A Identidade cultural sob a influência da mídia: um olhar sobre os adolescentes e jovens da comunidade do Taquaral. -- Três Corações : Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações, 2013.

126p.

Orientadora : Lilian Teixeira de Sousa.

Dissertação (especialização) – UNINCOR / Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações / Mestre em Letras. Área de concentração: Estudos Linguísticos, 2013.

1.Comunidades – Aspectos sociológicos. 2.Comunidade Quilombola. 3. Taquaral. 4. Identidade. 5. Cultura e mídia I. Sousa, Lilian Teixeira de , orient. II. Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações. III. Título.

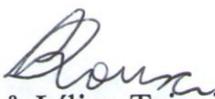
Marisa A F Marques Bibliotecária **CRB 2352**

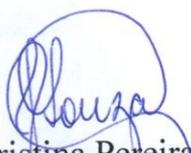

Marli Aparecida de Andrade
Bibliotecária
CRB-6/2132

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Aos trinta dias do mês de agosto de dois mil e treze, a **Professora Doutora Assunção Aparecida Laia Cristovão** e a **Professora Doutora Jocysre Cristina Pereira de Souza**, sob a presidência da **Professora Doutora Lílian Teixeira de Sousa**, membros de banca examinadora, reuniram-se para a sessão de defesa da dissertação intitulada **“A identidade cultural sob a influencia da mídia: um olhar sobre adolescentes e jovens da Comunidade do Taquaral”** da mestranda **Namar Oliveira Silva Figueiredo**, aluna do Curso de Mestrado em Letras - Linguagem, Cultura e Discurso. O resultado foi pela aprovação. Eu, secretária, lavro a presente ata que, depois de lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos demais membros da banca examinadora.

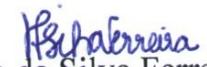
Três Corações, 30 de agosto de 2013.


Prof.^a. Dr.^a. Lílian Teixeira de Sousa
Presidente da Banca


Prof.^a. Dr.^a. Jocysre Cristina Pereira de Souza
Membro da Banca


Prof.^a. Dr.^a. Assunção Aparecida Laia Cristovão
Membro da Banca


Prof. Ms. Carlos Manoel Frade
Pró – Reitor


Adriana da Silva Ferreira
Secretária Geral

Dedico essa vitória ao Único Deus Verdadeiro,
autor da vida.

Aquele que pela **palavra** trouxe
à existência todas as coisas...

“No princípio criou Deus os céus e a terra.

A terra era sem forma e vazia;

E disse Deus: haja luz. E houve luz.”

(Gênesis 1: 1-3)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Jesus, razão do meu viver e em quem todas as coisas subexistem... Como está escrito em João 1: 1-3: “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus, *Ele* estava no princípio com Deus *e todas as coisas foram feitas por intermédio dele e sem Ele nada do que foi feito se fez.*”

Em segundo lugar aos meus pais (*in memória*), que me ensinaram o valor do conhecimento e a amar os livros desde a mais tenra idade.

À minha família, principalmente ao meu amado esposo Marco Antônio Figueiredo pela paciência com que me ajudou a percorrer esses longos dois anos e meio de mestrado. Aos meus filhos, Fernanda, Thales e Débora, pelo estímulo e confiança de que eu seria capaz de concluir com êxito essa difícil tarefa de conciliar estudos, trabalho e o lar. Obrigada pelas contribuições que vieram de várias formas: como apoio, suporte, material, conversas e considerações sobre o trabalho que ora chega ao fim. Amo muito vocês, vocês são minha herança eterna.

Às amigas de caminhada Edézia e Ana Paula, pelo percurso “pedregoso” (“Tinha uma pedra no meio do caminho”... né Drumond?) que trilhamos juntas, com nossas inquietações e incertezas, mas sempre acreditando que outro “mundo é possível sempre”.

Agradeço a todos os colegas do mestrado pelas trocas possibilitadas durante o curso: Marcos, Marcelo, Rafael, Humberto, Stela, Dany, Cris, Rosângela, Talita, Tereza, Priscila. Sem vocês o mestrado não teria a mesma magia.

Agradecimento especial à companheira/amiga e irmã Ana Paula Campos, que dividiu comigo o espaço da pesquisa, o mesmo sonho de ver concretizar na realidade do Taquaral a possibilidade de ver germinar a cidadania roubada daqueles que ali residem e que, como nós, sonham e merecem um mundo melhor, mais digno, mais humano, mais socialmente construído.

À companheira e amiga Valma que participou conosco da primeira visita ao Taquaral e nos brindou com um livro como contribuição para pesquisa.

Um agradecimento mais que especial aos moradores da Comunidade do Taquaral, que tão gentilmente nos recebeu e nos permitiu conhecê-los e dividiu conosco a sua história. História de um povo sofrido que se constituiu como milhares de brasileiros, mas com um

diferencial, hoje somos um com vocês na busca da titulação de comunidade quilombola. Contem conosco.

Aos adolescentes e jovens, sujeitos dessa pesquisa que graciosamente se doaram respondendo nossas indagações e nos emocionando com seus desejos e sonhos.

À fonte viva de conhecimento que atende pelo nome de Márcia Fonseca, incansável lutadora pela preservação da Memória Cultural do Taquaral, que nos recebeu e partilhou conosco a história oral sobre o Taquaral. Ao Sr. Pedro Barbosa, seu companheiro, que nos conquistou com sua simpatia e nos fez recordar em muito a história recente do Brasil, nos fazendo viajar no tempo.

Não poderíamos deixar de estender os nossos agradecimentos ao Museu da Oralidade - Vira Minas, de Três Corações, na pessoa de Paulo Morais, Andressa Gonçalves e Danielle Terra, que nos proporcionou contato com o mundo encantado da história tricordiana e nos equipou literalmente para ir a campo. Muito obrigada amigos.

À querida e inesquecível professora “Tida Carvalho”, que se apresentou como garimpeira fiel ao nos ensinar encontrar diamantes no leito fértil da literatura e da linguística. Foi ela quem nos apresentou Homi Bhabha, figura imprescindível para *startar* todo processo desse trabalho. Obrigada de coração Tida.

À professora Ana Claudia Romano que nos brindou com o primeiro livro que contava a história dos Arturos, comunidade de origem afro, situada em Contagem – MG, que nos estimulou à pesquisa.

Meu muito obrigado aos professores do mestrado: Sueli, Assunção, Luciano, Ana e Paulo, Eliana, Claudinha, Gil Negreiros e ao querido Zé Geraldo.

À coordenadora Cilene Pereira, pelo empenho e dedicação ao curso.

À querida orientadora prof^a. Lílian Teixeira, que com a sua singeleza e competência nos motivou e nos conduziu ao *grand finale*. Prof^a. Lílian seremos eternamente gratas a você.

À amiga e prof^a. Ângela Brito pela amizade, companheirismo e competência profissional, que por motivo alheio à sua vontade não pode revisar esse trabalho. Estimo melhoras para você Ângela e sei que você o faria se não fosse esse momento crítico. Obrigada.

À amiga e companheira Silvana Prado que tão prontamente se dispôs em revisar esse trabalho, no apagar das luzes. Obrigada de coração Sil...

E finalmente, mas não menos importante à prof^a. Jocyare que caminhou conosco os caminhos do serviço social e se encantou na caminhada... Obrigada Jô por ter aceitado o convite de partilhar conosco dessa vitória.

EPIGRAFE

Em vez de tomar a palavra, gostaria de estar à sua mercê e de ser levado muito para lá de todo o começo possível. Preferiria dar-me conta de que, no momento de falar, uma voz sem nome me precedia desde há muito: bastar-me-ia assim deixá-la ir, prosseguir a frase, alojar-me, sem que ninguém se apercebesse, nos seus interstícios, como se ela me tivesse acenado, ao manter-se, um instante, em suspenso. Assim não haveria começo; e em vez de ser aquele de onde o discurso sai, estaria antes no acaso do seu curso, uma pequena lacuna, o ponto do seu possível desaparecimento. Preferiria que atrás de mim houvesse (tendo há muito tomado a palavra, dizendo antecipadamente tudo o que eu vou dizer) uma voz que falasse assim: "Devo continuar. Eu não posso continuar. Devo continuar. Devo dizer palavras enquanto as houver. Devo dizê-las até que elas me encontrem. Até elas me dizerem — estranha dor, estranha falta. Devo continuar. Talvez isso já tenha acontecido. Talvez já me tenham dito. Talvez já me tenham levado até ao limiar da minha história, até à porta que se abre para a minha história. Espantar-me-ia que ela se abrisse."

(Foucault em "A Ordem do Discurso")

RESUMO

FIGUEIREDO, Namar Oliveira Silva. **A IDENTIDADE CULTURAL SOB A INFLUÊNCIA DA MÍDIA: um olhar sobre os adolescentes e jovens da Comunidade do Taquaral.** 2013 p.126 (Dissertação – Mestrado em Letras). Universidade Vale do Rio Verde – UninCor – Três Corações/MG.

No presente trabalho, proponho-me a analisar os processos de constituição de uma suposta identidade étnico-racial de adolescentes e jovens ditos quilombolas, da Comunidade do Taquaral no município de Três Corações, Minas Gerais (Brasil) uma vez que esses estudam e/ou trabalham fora da comunidade, não estando, portanto, restritos a esse ambiente e se a mídia através do seu discurso hegemônico, bem como os aparatos tecnológicos da pós modernidade os influenciam na constituição de suas identidades. Buscamos abordar os temas discurso, linguagem, mídia, raça, globalização, identidade, utilizando como referencial teórico as proposições de Bakhtin, Pêcheux, Foucault, Orlandi, Fernandes, Soares, Lais, Rodrigues e Ianni e dos Estudos Culturais com destaque para reflexões de Stuart Hall e Giddens. Ao analisar o perfil sócio econômico dos entrevistados percebemos a relação existente entre a escolarização, o acesso ao espaço urbano e a inclusão digital, demonstrando que as gerações mais novas não sentem os efeitos da segregação territorial, por transitar entre o rural e o urbano, mas principalmente por estarem interagindo e se incluindo por meio das tecnologias no processo de globalização, por meio da internet e suas redes sociais. Ao verificar as referências feitas tanto pelos adolescentes como pelos jovens, percebe-se que a “indústria cultural, inclusive como setor produtivo altamente lucrativo, de alcance mundial”, se faz presente, nas falas dos mesmos. E para se sentirem parte desse mundo moderno, globalizado, a aquisição de bens e produtos tecnológicos, tais como celular, que permitem acesso às redes sociais ou lan houses, que permitem navegar na internet, torna-se um meio pelo qual esses sujeitos inserem-se no mundo globalizado e sentem-se parte dessa “comunidade global”, em que não estar inserido, significa estar excluído, e estar excluído, afeta a sua identidade.

Palavras chaves: Comunidade Quilombola, Taquaral, Identidade, Cultura e Mídia.

ABSTRACT

FIGUEIREDO, Namar Oliveira Silva. **A IDENTIDADE CULTURAL SOB A INFLUÊNCIA DA MÍDIA: um olhar sobre os adolescentes e jovens da Comunidade do Taquaral.** 2013 p.126 (Dissertação – Mestrado em Letras). Universidade Vale do Rio Verde – UninCor – Três Corações/MG.

The current paper intends to analyze the formation process of an alleged teenager's racial ethnic identity as well as young people recognized as Quilombolas from Taquaral Community in the city of Três Corações, since they study and/or work outside the community, not being, therefore, restricted to this environment and whether through its hegemonic discourse, as well the technological apparatus of post-modernity influences the formation of their identities. We seek to approach the following topics: speech, language, media, race, globalization and identity, using as theoretical propositions: Bakhtin, Pecheux, Foucault, Orlandi, Fernandes Soares, Giddens. When analyzing the socio-economic profile of the interviewees we realized the relationship between schooling, access to urban space and digital inclusion, demonstrating that the younger generations do not feel the impact of the territorial segregation because of the transition between rural and urban, but mainly because of the interacting and including through technologies in the process of globalization, through the internet and this social networks. At verify these references both by the adolescents and the young, it is clear that the "culture industry, including a highly profitable productive sector of global reach", is present in their discourse. Then, o feel part of the modern globalized world, the acquisition of technologic products such as mobile phone, - which allow access to social networks - or lan houses, where they can surf the internet, becomes a way by which these adolescents are inserted in the globalized world and feel part of this "global community" in which not being inserted means being excluded, and being excluded, affects their identity.

Keywords: Quilombola Community, Taquaral, Identity, Culture and Media

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Edital de Convocação para fundação da Associação de Moradores do Taquaral	66
Figura 02 - 1ª Ata de organização a Associação de Moradores e Proprietários da Comunidade do Taquaral.....	67
Figura 03 - Ofício da AMPCT de filiação a UTAM.....	68
Figura 04 - Página 01 e verso do Livro Caixa da Associação de Moradores e Proprietários da Comunidade do Taquaral.....	69
Figura 05 - Gráfico sobre a população jovem brasileira, segundo a Seppir.....	73
Figura 06 - Registro fotográfico da última visita a Comunidade Taquaral em 25/05/2013	75
Figura 07 - Distribuição dos entrevistados por categoria.....	77
Figura 08 - Gráfico com a distribuição dos Adolescentes entrevistados por Sexo.....	78
Figura 09 - Gráfico com a distribuição dos Jovens entrevistados por Sexo	78
Figura 10 - Gráfico com a Escolaridade dos Adolescentes entrevistados	79
Figura 11 - Gráfico com a Escolaridade dos Jovens entrevistados.....	79
Figura 12 - Gráfico demonstrativo da composição do número de irmãos dos entrevistados	80
Figura 13 - Gráfico demonstrativo do grupo familiar dos entrevistados.....	80
Figura 14 - Gráfico com a distribuição dos entrevistados por renda familiar.....	81
Figura 15 - Gráfico demonstrativo da escolaridade dos pais dos entrevistados.....	81

Figura 16 - Gráfico com a distribuição das atividades de lazer citadas pelos entrevistados	82
Figura 17 – Gráfico com a situação de participação dos entrevistados em grupos ou coletivos	82
Figura 18 – Gráfico demonstrativo dos Meios de Comunicação utilizados por Adolescentes e Jovens	83
Figura 19 – Registro Fotográfico da TV por Assinatura usada por moradores visitados. .	84
Figura 20 – Gráfico demonstrativo dos canais de TV assistidos por Adolescentes e Jovens	84
Figura 21 – Registro Fotográfico do uso de equipamentos de telecomunicação (antenas parabólicas) para captação de sinal de TV Aberta na comunidade do Taquaral.....	85
Figura 22 – Gráfico demonstrativo dos Programas de TV preferidos por Adolescentes e Jovens entrevistados.....	85
Figura 23 – Gráfico com a quantidade de Adolescentes que declararam usar o Facebook	86
Figura 24 – Gráfico com a quantidade de Jovens que declararam usar o Facebook.....	87
Figura 25 – Gráfico demonstrativo dos Meios de Acesso às Redes Sociais utilizados por Adolescentes e Jovens entrevistados.	87
Figura 26 - Registro fotográfico do interior de uma residência na Comunidade do Taquaral realizado em 23/09/2011.....	91
Figura 27 – Registro fotográfico de uma residência na Comunidade do Taquaral realizado em 23/09/2011.....	92
Figura 28 – Registro fotográfico de uma residência na Comunidade do Taquaral realizado em 23/09/2011.....	93

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1.....	20
A ANÁLISE DO DISCURSO, GÊNEROS DISCURSIVOS E MÍDIAS	20
1.1 UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA.....	20
1.2 GÊNEROS DO DISCURSO.....	23
1.3 O DISCURSO E AS MÍDIAS.....	27
1.3.1 A Televisão.....	30
1.3.2 O Telefone.....	33
1.3.3 A Internet (rede social Facebook).....	33
1.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO.....	34
CAPÍTULO 2.....	36
CONSIDERAÇÕES SOBRE LÍNGUA, CULTURA E IDENTIDADE...	36
2.1 LÍNGUA ENQUANTO PRÁTICA SOCIAL.....	36
2.2 CULTURA.....	43
2.3 A IDENTIDADE EM QUESTÃO.....	47
2.3.1 Existe uma Crise de Identidade?	54
CAPÍTULO 3	64
METODOLOGIA.....	64
3.1. A COMUNIDADE DO TAQUARAL: LOCAL DA PESQUISA.....	64
3.1.1 Comunidade Quilombolas.....	70
3.1.2 Sobre a Juventude Negra no Brasil.....	72
3.2 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS.....	74
4. DAS ANÁLISES.....	74

4.1 LEVANTAMENTO SÓCIO FAMILIAR.....	77
4.2 ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	88
4.2.1 A Questão do Nome.....	90
4.2.2 Do Acesso às Tecnologias.....	92
4.2.3 Identificação e Escolhas.....	99
5. TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	103
6. REFERÊNCIAS.....	107
ANEXO I.....	112
ANEXO II.....	118
ANEXO III.....	121
ANEXO IV.....	122
ANEXO V.....	123
ANEXO VI.....	125
ANEXO VII.....	126

INTRODUÇÃO

Motivação

A motivação inicial para o desenvolvimento deste estudo surgiu após o contato com a comunidade do Taquaral, no distrito de Três Corações-MG, a qual vem recentemente buscando junto aos órgãos oficiais o título de comunidade quilombola.

A comunidade fica na zona rural de Três Corações, a cerca de 10 quilômetros de distância. É composta por 55 famílias descendentes de ex-escravos. Seus antepassados ocupavam esse espaço desde antes da abolição da escravatura.

Como a comunidade é formada principalmente de negros descendentes de ex-escravos, passamos a nos questionar sobre os processos de constituição de uma suposta identidade étnico-racial de adolescentes e jovens ditos quilombolas, uma vez que esses estudam e/ou trabalham fora da comunidade, não estando, portanto, restritos a esse ambiente.

Outra questão que levantamos diz respeito ao papel da mídia na constituição da identidade desse grupo, sendo essa uma importante fonte externa de informação.

A princípio tal abordagem sustentava-se em estudos de alguns teóricos (Ianni, 2004; Hall, 2006; Giddens, 1991; Woodward, 2012, etc) que apontam que a globalização, principalmente a partir da segunda metade da última década do século XX, estaria diretamente ligada ao processo de midiaticização e que esta estaria causando na juventude em um contexto geral impacto na constituição de suas identidades.

O desafio era saber se tal impacto ocorria também em cidades distantes dos grandes centros e/ou em comunidades situadas na zona rural, a saber, entre os adolescentes e jovens moradores da comunidade do Taquaral, no município de Três Corações.

Outra motivação para a escolha desta localidade se deu por tratar-se de uma comunidade, no município de Três Corações, onde também está localizada a UninCor, universidade onde o mestrado é realizado. Bem como por se tratar de um espaço privilegiado para observação e proposição de pesquisas acadêmicas em seus mais variados aspectos, por ser um local onde as várias manifestações da “questão social” se evidenciam e por ser esta o objeto de trabalho do assistente social, formação da autora.

Percebemos durante as visitas ao Taquaral e também nas falas dos entrevistados que essas manifestações da questão social¹ são evidentes no cotidiano da comunidade: analfabetismo, desemprego, saneamento básico, alcoolismo e drogas, ausência de cidadania, exclusão, etc. A ausência das políticas públicas também é notória. Faltam escolas de educação infantil (creches) principalmente para as mães trabalhadoras deixarem seus filhos, o alto índice de desempregados é evidente, não há um posto de saúde para atendê-los, falta lazer, saneamento básico, etc. De acordo com os moradores os políticos só se lembram dos mesmos em épocas de eleição. Apesar dos adolescentes e jovens terem um bom nível de escolaridade, normalmente o trabalho que lhes é oferecido é sempre na lavoura em época de safra ou no mercado informal, trabalhando como babás ou empregados domésticos.

Os moradores do Taquaral por viverem em um contexto de exclusão, não sendo contemplados pelas políticas públicas, buscam essa completude no que se oferece no espaço urbano, porém não estão inseridos nesse espaço. Como diria Santos (1996, p.81): “quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação”.

Em alguns depoimentos os moradores relatam que sentem por parte dos empregadores da cidade certo receio em contratá-los e atribuem isso à distância da comunidade do centro urbano e à dificuldade de transporte, principalmente em época de chuvas. Dizem se sentirem discriminados enquanto moradores do Taquaral no que diz respeito aos seus direitos enquanto cidadãos.

O Taquaral não é apenas uma localidade rural. A sua característica básica é a origem da sua constituição que se dá a partir de seus antepassados que já habitavam a região antes mesmo da abolição da escravatura e que puderam se fixar na terra. Essas características associadas ao modo de reprodução social e cultural desses moradores é o que lhes garante o perfil de Comunidade Quilombola, permitindo-lhes a partir da autoafirmação, buscar a titulação.

O direito de reconhecimento e titulação das comunidades quilombolas foi conquistado com a Constituição Federal de 1988. No entanto, para buscar o direito à propriedade de suas terras, as comunidades devem seguir procedimentos orientados pelas legislações federais e estaduais.

As legislações estaduais são seguidas nos casos em que o processo de titulação é conduzido

¹ O conceito de questão social mais difundida no Serviço Social é a de CARVALHO e IAMAMOTO: A questão social não é senão as expressões do processo de formação e desenvolvimento da classe operária e de seu ingresso no cenário político da sociedade, exigindo seu reconhecimento como classe por parte do empresariado e do Estado. É a manifestação, no cotidiano da vida social, da contradição entre o proletariado e a burguesia, a qual passa a exigir outros tipos de intervenção mais além da caridade e repressão (CARVALHO e IAMAMOTO, 1985, p.77).

por um órgão de competência estadual e, no caso de Minas Gerais, a responsabilidade é do Instituto de Terras do Estado de Minas Gerais, o ITER-MG.

O ITER-MG faz as titulações seguindo as orientações da legislação mineira e tem nas suas ações uma busca por atender de forma afirmativa comunidades negras e indígenas. No entanto, o procedimento previsto pela legislação não atende a demanda das comunidades quilombolas, pois o processo de certificação ocorre no âmbito individual sendo que, as comunidades quilombola se constituem como territórios coletivos com usos e costumes que atendem a dimensão cultural étnica de um grupo social. Não se trata apenas de posse, mas de constituição de território e de identidades.

Tal constatação podemos inferir nas palavras de Torres (2009):

ao falar em território quilombola, é necessário, reconhecer que o direito à propriedade a transcende, configurando-se como um direito étnico-cultural. Privado da terra, o grupo tende a se dispersar e a desaparecer, sugado pela sociedade envolvente. Portanto, não é só a terra que se perde, pois a identidade coletiva também tende a sucumbir. (TORRES, 2009, p.7).

Reconhecendo essa característica dos territórios quilombolas, percebe-se que os procedimentos executados pelo instituto estadual não atende a demanda quilombola, de forma que, para atender o interesse coletivo da comunidade do Taquaral, a entrada com o processo deverá ocorrer junto ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), uma vez que este órgão de competência nacional atende às diretrizes constitucionais e definidas pelo Decreto 4.887/03 que afirma em seu art. 2º:

Art. 2º Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.

§ 1º Para os fins deste Decreto, a caracterização dos remanescentes das comunidades dos quilombos será atestada mediante autodefinição da própria comunidade.

§ 2º São terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos as utilizadas para a garantia de sua reprodução física, social, econômica e cultural.

§ 3º Para a medição e demarcação das terras, serão levados em consideração critérios de territorialidade indicados pelos remanescentes das comunidades dos quilombos, sendo facultado à comunidade interessada apresentar as peças técnicas para a instrução procedimental. (BRASIL, 2013, p.§).

O atendimento às comunidades quilombolas ofertados pelos institutos (INCRA e ITER) tem

em sua execução final resultados diferentes. Enquanto para que o nacional a posse coletiva é uma realidade, no órgão estadual ITER-MG, a titulação ocorre da mesma forma que para posseiros, com a emissão de títulos individuais.

Para Torres (2009), a questão da titularidade quilombola ultrapassa a simples formalização da posse das terras devendo se considerar a:

estreita relação existente entre a terra e suas tradições e expressões orais, seus costumes e línguas, suas artes e rituais, seus conhecimentos relacionados com a natureza, suas artes culinárias, seu direito consuetudinário, sua vestimenta e valores. Em função da terra está a integração dos quilombolas com a natureza e com a construção de sua história (TORRES, 2009, p.8).

Nesse sentido, ainda que seja mais burocrático e demorado, a abertura de processo e acompanhamento pelo INCRA, se apresenta como a melhor forma de buscar o direito à titulação quilombola para a comunidade do Taquaral.

A partir da titulação quilombola a comunidade poderá acessar recursos e desenvolver projetos que visem o melhoramento do cotidiano dos moradores do Taquaral, tendo em vista o programa do Governo Federal, lançado em 12 de Março de 2004, Programa Brasil Quilombola (PBQ) como uma política de Estado para as áreas remanescentes de quilombos.

Como pode ser observado na fala de Torres (2009), questões culturais e mesmo a preservação de uma tradição que faça referência a um grupo étnico são pontos importantes na constituição de uma comunidade quilombola. Considerando a perda observada nos traços identitários étnicos de vários grupos residuais de quilombos e ainda o processo de globalização e o acesso a novas mídias, perguntamo-nos sobre a formação identitária desses grupos, em especial dos jovens e adolescentes da comunidade do Taquaral. Assim, dada a importância da questão da identidade para as comunidades quilombolas, passamos a analisá-la a partir de relatos das populações mais jovens do Taquaral.

As nossas hipóteses eram as seguintes:

- A mídia exerce influência na formação identitária do adolescente e jovem quilombola da Comunidade do Taquaral;
- A perda de identidade quilombola dos adolescentes e jovens da comunidade do Taquaral tem relação com a sua inserção no mercado de trabalho e/ou com a mudança de escola para o contexto urbano;
- A necessidade de ser aceito pelo grupo, exerce muita influência na assimilação e aquisição de produtos e serviços oferecidos no mercado global/local.

- Existe o desejo inconsciente de preservação da identidade cultural do povo africano.

Objetivo Geral

O principal objetivo deste trabalho é identificar o modo de vida dos adolescentes e jovens da Comunidade Taquaral e a influência da mídia na constituição de suas identidades.

Objetivos Específicos

- Identificar a percepção desses adolescentes e jovens quanto ao apelo da mídia e a resposta dos mesmos em relação à construção da sua identidade determinada pela Indústria Cultural.
- Entender de que forma os adolescentes e jovens da comunidade Taquaral assimilam e reproduzem os apelos midiáticos em suas performances.
- E, ainda, até que ponto a mídia influencia e altera a identidade de uma comunidade rural/quilombola, no caso a do Taquaral no município de Três Corações.

O suporte teórico que utilizaremos para alcançar os objetivos se fundamenta na teoria da Análise do Discurso de linha francesa, doravante (AD), tendo como foco as teorias que as fundamentam, principalmente, a visão bakhtiniana de linguagem e o conceito de sujeito em Pêcheux.

Os estudos da Análise do Discurso de Linha Francesa nos permitem compreender a linguagem como um processo de produção de sentidos fazendo a mediação entre o homem e a realidade natural e social.

Segundo Orlandi (2005, p. 53), “a linguagem não é transparente, os sentidos não são conteúdos. É no corpo a corpo com a linguagem que o sujeito (se) diz”.

Dessa maneira a linguagem é vista como uma prática de sentidos que vão tomando formas, contornos e construindo-se diante de um momento real, por uma perspectiva ideológica. Podemos dizer que a linguagem dessa forma é um processo criador que organiza as experiências do cotidiano. E assim, através dela, o sujeito vai se constituindo.

Ao tratar do conceito de linguagem, na AD temos que falar também de discurso.

Assim vemos em Orlandi (2005) que,

a análise de discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna

possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana (ORLANDI, 2005, p.15).

É por meio do discurso que o sujeito se revela, sendo possível sua transformação e deslocamento em relação à realidade em que vive.

Com isso nos perguntamos se pode o discurso midiático provocar, nesses jovens e adolescentes, mudança e fragmentação nas suas identidades pelo discurso da igualdade veiculado pela televisão?

Entendemos que o discurso apresentado pela televisão, principalmente através das propagandas, apresenta uma pseudo possibilidade de se poder adquirir determinado bem e se igualar ao outro. Como na propaganda da TIM (telefonia celular) em que diz: “você sem fronteiras”. Como se todos pudessem ter acesso aos planos da operadora e assim romperiam as fronteiras... Pergunta-se: quais fronteiras? Da desigualdade, da distância, do acesso a bens?

Considerando que a linguagem não existe sem sujeito e que este é levado a cometer sempre gestos de interpretação de objetos simbólicos na linguagem, podemos dizer que os sujeitos e sentidos vão se constituindo ao mesmo tempo diante de um processo discursivo.

A metodologia da pesquisa consistiu da aplicação de questionários e entrevista com os falantes adolescentes e jovens da comunidade, bem como a transcrição e análise qualitativa desses dados em que se busca entender o discurso dos sujeitos sobre o seu estilo de vida e a influência que os meios midiáticos exercem na constituição de suas identidades.

O *corpus* da pesquisa foi construído a partir de entrevista com 12 adolescentes e jovens da comunidade do Taquaral. Sendo estes três adolescentes do sexo feminino e três do sexo masculino, com idades entre 13 e 18 anos e seis jovens sendo três do sexo femininos e três masculinos, com idades compreendidas entre 19 e 26 anos .

A dissertação é dividida da seguinte forma: no primeiro capítulo procuramos abordar à análise do Discurso de linha francesa, os gêneros discursivos e as mídias, trazendo uma breve contextualização teórica, através das ideias dos principais teóricos, tais como Pêcheux, Foucault e Bakhtin.

No segundo capítulo, tratamos de conceitos relativos à linguagem, cultura e identidade, com foco no sujeito pós-moderno, em que teóricos, como Hall (2012, p. 108), afirmam que as identidades estão em constantes processos de mudança e transformação e que essas estão “cada vez mais fragmentadas, fraturadas, que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos”. Neste aspecto apontamos a mídia como colaboradora nessas mudanças, pois

segundo Ianni (2004, p.146) essa vem “caracterizando um aspecto fundamental da cultura de massa na época da globalização”.

No terceiro capítulo, tratamos da caracterização do local onde ocorreu a pesquisa, bem como dos métodos e procedimentos utilizados na coleta de dados.

No quarto capítulo, apresentamos as análises e, ao final sintetizamos os passos dados durante os processos do estudo, apresentando algumas reflexões no intuito de ampliar as perspectivas de discussões sobre o tema proposto.

CAPÍTULO 1

A ANÁLISE DO DISCURSO, GÊNEROS DISCURSIVOS E MÍDIAS

1.1 UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

A análise do discurso de linha francesa é uma disciplina que tem sua origem na década de 60, na França, e tem como seus principais articuladores Jean Dubois e Michel Pêcheux. O primeiro, linguista, lexicólogo envolvido com os empreendimentos da linguística da sua época e o segundo, um filósofo que se envolvia com os debates em torno do marxismo, da psicanálise e da epistemologia. Esses teóricos foram bastante influenciados politicamente na época pelas ideias do marxismo e comungam das convicções sobre a luta de classes, a história e o movimento social (MUSSALIM, 2001).

Neste viés, segundo Mussalim (2001, p. 102), “o projeto da AD se inscreve num objetivo político e a linguística oferece meios para abordar a política”.

Se na visão estruturalista, pensava-se que existia uma autonomia relativa da linguagem e por consequência, o seu objeto de estudo, a língua, “não é apreendida na sua relação com o mundo, mas na estrutura interna de um sistema fechado sobre si mesmo”, Michel Pêcheux, apoiado na sua formação filosófica parte para um questionamento crítico em relação a linguagem.

Pêcheux inscreve os processos de significação, considerando não apenas o sujeito ou os sentidos como individuais, mas como históricos e ideológicos. Uma vez que as condições sócio-históricas de produção de um discurso são constitutivas de suas significações (MUSSALIN, 2001, p.105-106).

Para Pêcheux, o sujeito é constituído no discurso, é como se houvesse uma “máquina discursiva”, que determinasse sempre numa relação com a história e com as condições de produção do discurso.

De acordo com os pressupostos teóricos da AD, não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. Portanto, o sujeito é afetado pelo inconsciente e interpelado pela ideologia. Esse sujeito fala de um determinado lugar social, o qual é afetado por diferentes relações de poder.

Para Pêcheux,

a cadeia sintática dos significantes determina para o sujeito o seu lugar, identificando-o a um certo ponto na cadeia (o significante, no qual ele se representa), e que esse mecanismo de identificação diferencial não é outro senão o “efeito de sociedade”, cujas dissimetrias encontram aqui sua causa (PÊCHEUX, 1995, p. 75).

A noção de sujeito, para Pêcheux, é determinada pela posição, pelo lugar de onde ele fala: do interior de uma formação discursiva (FD), regulada por uma formação ideológica (FI) (MUSSALIM, 2001).

Fernandes (2005, p. 20) diz que “o discurso não é a língua(gem) em si, mas precisa dela para ter existência material e/ou real”. Ou seja, para se falar em discurso, é necessário considerar os elementos que têm existência no social – as ideologias, a história.

Para o autor, “os discursos não são fixos, estão sempre se movendo e sofrem transformações, acompanham as transformações sociais e políticas de toda natureza que integram a vida humana” (FERNANDES, 2005, p.22).

O sujeito da AD, para Fernandes (2005), não se trata de um sujeito individual, ou seja, de um “eu” individualizado, mas de um sujeito que tem existência em um espaço social e ideológico, em um dado momento da história. Esse sujeito se constitui a partir das diferentes vozes sociais. Compreender este sujeito discursivo requer compreender quais são as vozes sociais que se fazem presentes em sua voz.

Em relação aos sujeitos da pesquisa, moradores da comunidade do Taquaral, questionamos quais são as vozes que os constituem enquanto grupo social, enquanto sujeitos discursivos. De sua voz ecoam as vozes constitutivas e/ou integrantes desse lugar sócio-histórico? Ou a influência das vozes exteriores ao meio social deles os influencia a tal ponto de se misturarem e assim constituírem sua identidade a partir da influência das multimídias na pós-modernidade?

Ou ainda, não são eles também constituintes desse meio “externo”, ao serem inseridos nele, seja pela inserção na escola urbana ou pelos processos de trabalho, no cotidiano da sua práxis social?

Ousamos aqui lançar mão do conceito althusseriano, sobre os aparelhos ideológicos do estado, em que o Estado é aqui considerado como “um aparelho repressivo do Estado (ARE), que funciona “pela violência” e cuja ação é complementada por instituições”, tais como, a escola, a religião e que são determinadas pela ideologia, denominada “aparelhos ideológicos de Estado (AIE)” (MUSSALIM, 2001, p.104). Donde se depreende que “o discurso é também “um aparelho ideológico” através do qual se dão os embates entre posições diferenciadas” (MUSSALIM, 2001, p. 123-124).

É no contexto do palco do materialismo histórico e do estruturalismo que surge a análise do discurso. Neste aspecto a AD se instala em um lugar onde as questões teóricas relacionadas à ideologia e ao sujeito se encontram imbricadas.

Lowy (1985, p. 12) apresenta o conceito de Ideologia utilizado por Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) como o “conjunto de ideias que procura ocultar a sua própria origem nos interesses sociais de um grupo particular da sociedade”.

Mussalim (2001, p.103), ao se referir a Althusser, diz que este parte do pressuposto de que “as ideologias têm existência material, ou seja, devem ser estudadas não como ideias, mas como um conjunto de práticas materiais que reproduzem as relações de produção”.

Para o materialismo histórico, “o objeto real (tanto no domínio das ciências da natureza como no da história) existe independente do fato de que ele seja conhecido ou não, isto é, independentemente da produção ou não produção do objeto do conhecimento que lhe corresponde” (MUSSALIM, 2001, p. 103).

Compreende a teoria marxista que as relações de produção implicam no antagonismo entre aqueles que são os donos do capital e aqueles que vendem sua força de trabalho. E a riqueza socialmente produzida pela classe trabalhadora é apropriada pela classe burguesa. Sendo esse modo de produção a base econômica da sociedade capitalista.

Nesta perspectiva, Althusser apresenta a metáfora do edifício social, onde a infraestrutura determina a superestrutura, ou seja, a base econômica é que determina o funcionamento das instâncias político, jurídica e ideológicas de uma sociedade. E neste caso a ideologia é parte da superestrutura do edifício. Dessa forma, a ideologia acaba por perpetuar a base econômica que a sustenta (MUSSALIM, 2001, p.104).

Para Mussalim a AD, calcada no materialismo histórico, “conceberá o discurso, como uma manifestação, uma materialização da ideologia decorrente do modo de organização dos modos de produção social” (MUSSALIM, 2001, p.110).

Neste aspecto, concordamos com a autora quando diz que

[...] o sujeito do discurso não poderia ser considerado como aquele que decide sobre os sentidos e as possibilidades enunciativas do próprio discurso, mas como aquele que ocupa um lugar social e a partir dele enuncia, sempre inserido no processo histórico que lhe permite determinadas inserções e não outras. Em outras palavras, o sujeito não é livre para dizer o que quer, mas é levado, sem que tenha consciência disso [...] a ocupar seu lugar em determinada formação social e enunciar o que lhe é possível a partir do lugar que ocupa (MUSSALIM, 2001, p. 110).

Sendo assim a linguística aparece como um horizonte para o projeto Althusseriano, em que “a ideologia deve ser estudada em sua materialidade e a linguagem se apresenta como o lugar privilegiado em que a ideologia se materializa”. Ou seja, a linguagem se coloca, para Althusser, “como uma via por meio do qual se pode depreender o funcionamento da ideologia” (MUSSALIM, 2001, p.104).

Outra vertente que compõe o quadro epistemológico do surgimento da análise do discurso é a psicanálise lacaniana, que também traz suas contribuições. Lacan ao fazer uma releitura de Freud, busca no estruturalismo linguístico, ou seja, em Saussure e Jakobson, abordar o inconsciente com maior precisão (MUSSALIM, 2001). Desta forma, Lacan apresenta o inconsciente se estruturando como uma linguagem, como uma cadeia de significantes latentes que se repete e interfere no discurso efetivo, como se o discurso fosse atravessado pelo discurso do Outro, do inconsciente (MUSSALIM, 2001, p.107).

Na psicanálise lacaniana, este outro se refere ao discurso do pai, da família, da lei, em que o sujeito vai se definindo em relação às manifestações do inconsciente e ganhando identidade. Dessa maneira o sujeito é visto como uma representação destes vários discursos, ou seja, fica evidente que existe uma estrutura discursiva que é regida por leis. Sendo que a que mais interessa à AD, “é a que diz respeito ao conceito de sujeito, definido em função do modo como ele se estrutura a partir da relação que mantém com o inconsciente, com a linguagem”, uma vez que, para Lacan, “a linguagem é condição do inconsciente” (MUSSALIM, 2001, p.107).

Para Mussalim (2001, p. 109), Lacan rompe com a simetria apresentada por Jakobson, pois, para ele, “o Outro ocupa uma posição de domínio com relação ao sujeito, é uma ordem anterior e exterior a ele, em relação a qual o sujeito se define, ganha identidade”.

Dessa maneira procuramos situar nesse capítulo de forma bem sucinta o berço do nascimento da AD, ou seja, o estruturalismo, o marxismo e a psicanálise.

1.2 GÊNEROS DO DISCURSO

Segundo Bakhtin (1992), a utilização da língua está relacionada a todas as esferas da atividade humana, com isto, nos deparamos também com uma vasta variedade dessa utilização.

De acordo com Bakhtin (1992, p.279),

a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, [...] mas também e, sobretudo, por sua construção composicional (BAKHTIN, 1992, p.279).

Para Bakhtin (1992), ainda que o enunciado visto isoladamente seja individual, em cada esfera de utilização da língua são elaborados tipos relativamente estáveis de enunciados, ao que se denomina Gênero do Discurso.

Em Bakhtin (1992), a heterogeneidade dos gêneros do discurso é tão diversa quanto a atividade humana, sendo que cada esfera dessa atividade comporta repertório de gêneros do discurso que vai se ampliando e se diferenciando, à medida que essa esfera se complexifica.

A heterogeneidade dos gêneros do discurso é da ordem da oralidade e da escrita. Os gêneros do discurso se dividem em primário (simples) e secundário (complexo), sendo que o gênero primário se constitui nas circunstâncias da vida cotidiana, nas comunicações verbais mais espontâneas, ou seja, se dão mais no nível da oralidade, enquanto o secundário está mais no campo da escrita, tais como no romance, no teatro, no discurso científico, no discurso ideológico, ou seja, nas circunstâncias mais complexas e relativamente mais evoluídas (BAKHTIN, 1992).

Segundo Bakhtin, a distinção entre gêneros primários e gêneros secundários tem grande importância teórica. Diz, ainda, que

ignorar a natureza do enunciado e as particularidades do gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo linguístico, leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua (BAKHTIN, 1992, p.282).

Vemos ainda em Bakhtin que, na comunicação verbal, o locutor e o ouvinte desempenham papéis importantes e distintos, uma vez que o locutor, ao enunciar, pressupõe uma atitude responsiva do ouvinte, pois este concorda ou discorda, completa, adapta, estando o ouvinte em atitude constante de elaboração, durante o processo de compreensão. Ainda de acordo com Bakhtin, “toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se locutor” (BAKHTIN, 1992).

Schneuwly (2004), em seu texto “Gêneros e tipos de discurso”, inicia utilizando-se da visão vygotskiana e bakhtiniana para discorrer sobre gênero. Para apresentar a tese em que “o gênero é um instrumento”, o autor cita a passagem de *A ideologia Alemã*, utilizando o texto de Marx e Engels, em que estes apresentam a ideia da apropriação dos instrumentos pelos homens para utilizá-los na transformação da realidade pelas ideias, uma capacidade exclusiva dos homens. O autor apresenta a visão da psicologia, em que a atividade do indivíduo ocorre entre dois polos, ou seja, o sujeito de um lado e, do outro, o objeto. Os instrumentos estão

entre o indivíduo e o objeto. Visto pela perspectiva do interacionismo social, a atividade é então concebida como tripolar, ou seja, “a ação é mediada por objetos específicos, socialmente elaborados, frutos da experiência das gerações precedentes, através dos quais se transmitem e se alargam as experiências”.

Apresentando a perspectiva bakhtiniana, o autor aborda os seguintes aspectos:

Cada esfera de troca social elabora tipos relativamente estáveis de enunciados: os gêneros; três elementos os caracterizam: conteúdo temático-estilo- construção composicional; a escolha de um gênero se determina pela esfera, a necessidade da temática, o conjunto dos participantes e a vontade enunciativa ou intenção do locutor (SCHNEUWLY, 2004, p.25).

Schneuwly (2004), utilizando da visão bakhtiniana, discorre sobre os gêneros primários e secundários, sua conceituação e como se desenvolvem. Apresenta os gêneros primários como àqueles presentes numa comunicação verbal espontânea e gêneros secundários como não espontâneos. Recordando Bakhtin, o autor diz que “a aparição dos gêneros secundários tem efeitos profundos sobre os gêneros primários: transmuta-os”.

Sintetizando, apresenta a especificidade humana como aquela capaz de construir instrumentos e, a partir deles, construir outros mais complexos, afirmando ser os gêneros primários instrumentos de criação dos gêneros secundários.

O autor finaliza trazendo suas hipóteses concernentes aos tipos de textos, e defende seu ponto de vista, dizendo que

os tipos de textos ou, psicologicamente falando, as escolhas discursivas que se operam em níveis diversos do funcionamento psicológico de produção, seriam, portanto, construções ontogenéticas necessárias à automatização dos diversos tipos de funcionamento e, de modo mais geral, da passagem dos gêneros primários aos gêneros secundários (SCHNEUWLY, 2004, p.37-38).

Em Bazerman (2005), apresenta-se também a visão de gêneros textuais, de forma mais prática, ou seja, a sua práxis social ou sua utilização.

O autor apresenta conceitos tais como: fatos sociais, atos de fala, gêneros, sistema de atividades, e mostra como as pessoas criam novas realidades de significação, relações e conhecimentos, fazendo uso dos textos.

O autor apresenta alguns conceitos como:

- a) **fatos sociais:** são “coisas que as pessoas acreditam que sejam verdadeiras e, assim, afetam o modo como elas definem uma situação. As pessoas, então, agem como se estes fatos fossem verdades”.
- b) **Intertextualidade:** “Procura criar uma compreensão compartilhada sobre o que foi dito anteriormente e a situação atual como se apresenta”.

c) **Atos de fala:** “As palavras não apenas significam, mas fazem coisas” (BAZERMAN, 2005, p.23-25).

Segundo Bazerman (2005), se utilizarmos padrões comunicativos com os quais as pessoas já estão familiarizadas, será mais fácil para estas reconhecerem o que estamos dizendo e o que pretendemos realizar.

O autor apresenta os gêneros “como fenômenos de reconhecimento psicossocial, que são parte de processos de atividades socialmente organizadas”.

Em suma, “gêneros emergem nos processos sociais em que pessoas tentam compreender umas às outras suficientemente bem para coordenar atividades e compartilhar significados com vistas a seus propósitos práticos” (BAZERMAN, 2005, p. 31).

Bazerman (2005, p.31) afirma que “os gêneros tipificam coisas além da forma textual. São parte do modo como os seres humanos dão formas às atividades sociais”. Os gêneros são as diferentes formas de textos e podem ser reconhecidas por suas características distintivas que parecem nos dizer muito sobre sua função.

Outro autor que apresenta o assunto sobre gênero é Marcuschi (2008).

O mesmo apresenta que o estudo de gêneros textuais não é novo, ele remonta aos tempos de Platão e Aristóteles.

Para o autor, hoje o estudo dos gêneros textuais está na moda, mas em perspectiva diferente da aristotélica. Desta forma, a expressão “gênero” vem sendo atualmente usada de maneira cada vez mais frequente e em número cada vez maior de áreas de investigação.

Marcuschi (2008, p.149) apresenta os gêneros como uma “forma de ação social”. “Eles são um ‘artefato cultural’ importante como parte integrante da estrutura comunicativa de nossa sociedade”.

De acordo com o autor, “cada gênero textual tem um propósito bastante claro que o determina e lhe dá uma esfera de circulação” (MARCUSCHI, 2008, p.150).

E ainda, segundo Marcuschi (2008, p.150), (...) “os gêneros têm uma forma e uma função, bem como um estilo e um conteúdo, mas sua determinação se dá basicamente pela função e não pela forma”.

Para Marcuschi (2008, p.155), “os gêneros são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas”.

Marcuschi (2008, p. 155), afirma que, “no domínio discursivo, constitui-se muito mais uma “esfera da atividade humana”, no sentido bakhtiniano do termo, do que um princípio de classificação de textos e indica instâncias discursivas”, tais como discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso, etc.

Para o autor, há uma grande heterogeneidade tipológica nos gêneros textuais. Os gêneros textuais são dinâmicos, de complexidade variável. É de difícil classificação. “A tendência hoje é explicar como eles se constituem e circulam socialmente” (MARCUSCHI, 2008, p.150).

Para Marcuschi (2008)

os gêneros são atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variados tipos de controle social e até mesmo ao exercício de poder. Pode-se, pois, dizer que os gêneros textuais são nossa forma de inserção, ação e controle social no dia a dia (MARCUSCHI, 2008, p.161).

Segundo o autor, seria ingenuidade pensar que temos em nossas mãos todo o sistema decisório, uma vez que vivemos em uma sociedade que nos molda sob vários aspectos, pois desde que nos constituímos como seres sociais, estamos envolvidos numa máquina sociodiscursiva, em que os gêneros textuais se apresentam como instrumentos poderosos dessa máquina (MARCUSCHI, 2008, p.162).

Considerando que a realização de uma análise do discurso só é possível através da materialização desse o enfoque será dado em relação a duas instâncias midiáticas principais da contemporaneidade, a Televisão e as Redes Sociais, na Internet. Também será abordada a questão do telefone celular uma vez que este ganhou novo perfil de suporte-meio de gêneros orais para se transformar em uma mídia de comunicação com aporte dos gêneros textuais, tais como mensagens de texto, acesso a internet, etc.

1.3 O DISCURSO E AS MÍDIAS

Seguindo o trabalho de Soares (2008), optamos pela caracterização do termo mídias no plural, por buscar abranger um conjunto mais amplo. Nesse sentido, quando pontuamos sobre as mídias, definimos pelo conceito de comunicação as mídias de massa, das artes e da literatura; nesse bojo podemos elencar o rádio, a televisão, as propagandas, o cinema, teatro, música, todas as expressões literárias, acolhendo a este conceito também as mídias emergentes associadas às tecnologias de informação e comunicação (TIC's) que, para a autora, compreendem em três aspectos, o uso da informática, das telecomunicações e das mídias eletrônicas (SOARES, 2008).

Considerando que as mídias podem ser entendidas tanto como um suporte de gêneros textuais/discursivos, sejam orais, escritos ou multissemióticos, podemos acompanhar o pensamento de Silverstone (2002 apud LAIS, 2011, p.3): “a mídia deve ser pensada como um

processo de mediação que se estende para além do ponto de contato entre textos midiáticos, leitores ou expectadores". Deve-se observar que como meio de entretenimento, os "significados são produzidos, oferecidos e transformados". De forma que, para Lais (2002), a mídia implica em uma interação de significados de um texto para o outro, de um discurso para o outro, de um evento para o outro, pois existe uma constante mutação de significados à medida que textos da mídia e sobre a mídia circulam em forma escrita, oral e audiovisual (LAIS, 2011, p.3).

Nesse conjunto de suportes ou *midium*, conforme nos traz Maingueneau (2001), observaremos com maior atenção o telefone (celular), a televisão e a internet (com ênfase na rede social Facebook).

Esses suportes estão relacionados a grandes transformações na sociedade tanto em escala local quanto mundialmente globalizada. Propulsoras da chamada "cultura de massa", vemos nos trabalhos de Ianni (2004, p.145) que a mídia impressa e eletrônica é responsável pelo processo de mundialização cultural que "organizou-se como uma indústria cultural, inclusive como setor produtivo altamente lucrativo, de alcance mundial".

Os conglomerados de mídia possuem tanta capilaridade em todas as dimensões societárias que se articulam e orquestram sua atuação de forma a alcançar "os mais distantes lugares, cantos e recantos" (IANNI, 2004, p.145).

Com a utilização de recursos que estão ligados principalmente à imagem, combinam-se o marketing globalizado, com o qual convivemos e confundimo-nos muitas vezes, e no qual a mídia "difunde e reitera continuamente valores prevalentes nos centros dominantes, irradiados desde as cidades globais, tecendo mercadoria e ideologia, corações e mentes, nostalgias e utopias" (Idem, 2004, p.145).

Considerando o boom que foi a explosão da Internet, esta se tornou um "conglomerado de redes em escala mundial de milhões de computadores interligados que permite o acesso a informações e todo tipo de transferência de dados" (LAIS, 2011, p.3). Diante desses fatos, novos conceitos surgiram e com eles novas formas de suporte e de usos dos gêneros textuais discursivos, que se renovam e se atualizam com a popularização e difusão das tecnologias digitais (MARCUSCHI, 2008).

O conjunto de tecnologias digitais forma a infraestruturura conhecida como ciberespaço. Este se materializa por meio de uma conjunção com diversos ambientes virtuais que compreende os sites, a web, os blogs, os chats, correio eletrônico por e-mails, as redes sociais, etc. Nesse sentido, o ciberespaço se tornou "uma nova dimensão que emerge com a digitalização do simbólico e sua circulação através da rede mundial de computadores e de

tantos outros mecanismos tecnológicos que vão interagindo com as dimensões preexistentes, gerando novas lógicas e formas de relação cultural" (LAIS, 2003, p.4).

Na medida em que os gêneros discursivos e principalmente os suportes vão se imbricando, como vemos no caso da televisão que se apropria de instrumentos e gêneros ligados ao ciberespaço, ou a internet e seus componentes, temos também a telefonia celular avançada que popularizou o meio de comunicação e agregou à tecnologia digital outros elementos midiáticos como a TV digital e a internet (dentre outros).

Nesse aspecto, Ianni (2004, p.4) enfatiza que:

Outras linguagens aparecem de maneira complementar, assessória, ou propriamente subordinada à imagem. Tanto assim que a mídia apresenta aspectos e fragmentos das configurações e movimentos da sociedade global como se fosse um vasto espetáculo de videoclip. A "multimídia" mais freqüente, caracterizando um aspecto fundamental da cultura de massa na época da globalização (IANNI, 2004, p.146).

Dessa forma, consideramos pertinente compreender melhor como se caracterizam teoricamente televisão, celular e internet para contextualizá-los dentro das análises que se realizarão *a posteriori*.

Visto que a convergência das mídias é um fenômeno consolidado e difundido, não de ser reconsiderados os termos de suporte e mídia. Não com caráter de substituição, mas sim, como agregador e ampliador para os termos.

As novas plataformas de interação, comunicação e produção de conteúdo, extrapolam os suportes convencionais e democratizam a relação de emissão e recepção de mensagens.

Consideramos que uma vez feita a enunciação, esta extrapola o domínio do enunciador e passa ao domínio do receptor que a processa e pode modificá-la de acordo com a sua prática social discursiva, gerando um novo conteúdo, a ser difundido nesse novo conceito sugerido para suporte.

Seguindo a reflexão linguística de Távora (2008) sobre a questão da televisão e, principalmente, da internet ou do uso da mediação de computadores para o acesso aos gêneros, temos que avançar a compreensão sobre o que seria de fato suporte e como classificar e utilizar a expressão mídia.

Para o caso da televisão, telefone (celular, smartphone, Iphone, tablet) e internet, antes considerados suportes para gêneros textuais e discursivos – seja de ordem oral ou escrita - vemos uma indicação para a utilização do termo “suporte” por “mídia”. Essa sugestão ocorre porque para Távora (2008 *apud* BONINI, 2011, p.688) “uma mídia [é] um processo tecnológico de mediação da interação languageira”.

Conforme as mídias são desenvolvidas ou apresentadas, há uma necessidade de adequação dos gêneros aos novos formatos, novas estruturas. A exemplo dessas transformações, temos o jornal como típico exemplo de gênero discursivo que se transmuta em seu formato conforme o suporte e/ou a mídia que o apresenta. O fato de ser um exemplar impresso no papel ou uma página de internet (website do jornal) esses fatores não o diferenciara enquanto gênero, mas a sua apresentação e a forma de manipulação pelos seus leitores e principalmente pelos seus editores terão menor ou maior grau de complexidade além de possibilitar ou não uma maior integração de seu conteúdo com outros textos, com o uso de hiperlinks e hipertextos (GOULART, 2011).

Bonini (2011) define esse processo da seguinte forma:

Uma mídia estabelece coordenadas (processos de edição, relações espaciais e temporais particulares entre interlocutores, etc.) às quais o gênero se ajusta, de modo que as várias versões de uma mesma notícia na televisão, no rádio, no jornal e na internet são coisas relativamente distintas em função do tipo de mediação linguageira a que estão sujeitas. Em oposição ao gênero, que é uma unidade da interação linguageira, a mídia é um elemento contextualizador no interior do qual o gênero circula.[...] Mas não se trata de um elemento inócuo em relação ao gênero, uma vez que é a mídia que determina as coordenadas de cada gênero que nela circula (BONINI, 2011, p.688).

Nesse sentido, se entendemos a mediação que é possibilitada por certos “suportes” e a sua incidência na modalidade em que cada gênero apresenta, transformando-o, transfigurando-o, adaptando-o às novas tecnologias, podemos então inferir que a televisão, o telefone celular e a internet não se caracterizam mais como suportes de gêneros, mas como mídias (discursivas).

1.3.1 A Televisão

Como referido acima, dado aos avanços tecnológicos novos conceitos surgem e esse processo tem sido muito discutido no âmbito das pesquisas em comunicação. Lucia Santaella (2003, p.84) se refere a ele como convergência das mídias.

No entanto utilizando, em parte, da caracterização feita por Marcuschi (2008) sobre a televisão como um tipo de suporte, temos alguns aspectos que podemos apontar.

A televisão pode ser considerada um suporte em sentido restrito (assim como o rádio) porque os gêneros não podem ser simplesmente afixados em sua tela, de forma que a sua disposição e a sua divulgação se dá por intermédio de um serviço ou meio, este materializado pela emissora que é responsável pela produção e transmissão de seus conteúdos.

Como um meio de comunicação, a televisão é um mecanismo voltado para a produção, difusão e a avaliação de informações destinadas a diversos públicos, e nesse sentido, é constituída e permeada por inúmeras formas e tipos de gêneros textuais e discursivos.

Através do uso da imagem e de outros recursos audiovisuais, a televisão “pode servir-se de outros suportes e até de eventos complexos, [através da] transmissão de teatro, cinema, congresso e assim por diante”. E não sabemos ainda como tratar o caso do cinema e do teatro. Embora esses não sejam considerados suportes propriamente ditos, mas “ambientes ou até instituições”. Temos a reprodução de “peça[s] de teatro” e a exibição de “filme[s] em si [que] são gêneros” (MARCUSCHI, 2008, p.181).

Tomando como parâmetro a sociedade pós-moderna denominada também por “sociedade de consumo”, observamos como características do homem pós-moderno as relações mediadas pelo consumo.

Para entender a contemporaneidade é preciso pensar em uma sociedade estruturada e orientada pela comunicação. Desde a sua criação, a televisão é entremeada pelo entretenimento. A TV hoje expõe a realidade em tempo real. Sem sair de casa o telespectador “viaja pelo mundo”, ele fica informado sobre o que acontece nos Estados Unidos, Ásia e África em questão de segundos. A TV tem a capacidade de fazer interagir os sentidos da audição e visão e principalmente invade o emocional, levando o telespectador a interagir, seja pelo riso ou pelo choro. É a companheira cotidiana de milhões de brasileiros.

Na atualidade o espectador é bombardeado diariamente seja nas capas de revistas, manchetes de jornais e nas imagens diárias dos telejornais por anúncios, escândalos e denúncias acontecimentos com os quais ele se identifica, pois se faz partícipe de tais situações. O poder da mídia transforma a comunicação eletrônica em uma forte aliada do cidadão. É o que Rubim (2000) chama de “Idade Mídia”.

Ilustrando essa situação temos em Marcondes Filho (1994) um exemplo da transformação promovida pela mídia:

O jornalismo torna-se hoje, cada vez mais, um tipo de porta-voz das massas, da opinião pública. Ele ocupa esse lugar, exatamente porque desaparecem os canais tradicionais de organização das pessoas que antes eram os partidos políticos, os sindicatos, as associações de defesa de interesses, as agremiações das mais diversas naturezas (MARCONDES FILHO, 1994. 61).

Os anos 90 foram palco da ideologia neoliberal, que culminou no enfraquecimento dos sindicatos combativos e desmobilização dos movimentos sociais, construindo-se o ideário de

responsabilização da sociedade civil e conseqüentemente o desmantelamento do Estado em relação às políticas públicas.

Tal desmantelamento culmina com o afastamento entre sociedade civil e Poder Público, criando-se um vácuo, provocando a busca de outros mediadores para garantirem os direitos básicos de cidadania. “Em plena “Idade Mídia”, em que as relações sociais estão se “virtualizando”, e no ritmo agitado das grandes metrópoles, os encontros e as discussões políticas locais se dissolvem” (COSTA, 2003, p.4).

De acordo com Bauman (2001), o atual sistema envolve *a priori* os indivíduos como consumidores, e esses são guiados por desejos e seduções (fetiche da mercadoria) contidas nas marcas e símbolos, com tal sutileza quase imperceptível nas relações sociais. Tal fenômeno, no entanto, não é espontâneo, ele se refrata na forma como o consumo é estruturado na sociedade contemporânea. “Os objetos são personificados, reificados, enquanto o indivíduo e/ou os outros são objetificados e instrumentalizados” (SEVERIANO, 2007, p. 221). Vemos nesse processo mais a criação de um desejo provocado pela propaganda do que uma necessidade para o consumo.

Na idealização, o sujeito, ao fascinar-se pelo objeto fetichizado, cria um estado a-conflitivo, no qual toda falta está ausente. Esse movimento regressivo da psique, aos moldes do ego narcísico primitivo, de natureza conservadora, gera uma atitude de imobilidade e ausência de qualquer negatividade ou crítica. Provavelmente, essa pseudocompletude fornecida pelo “fascínio” do objeto-fetiche é um dos principais responsáveis pelo poder de sedução que a “marca” exerce e os mass media em geral, sobre seus consumidores, fornecendo-lhes “prestígio” e “personalidade”, atenuando e gerenciando conflitos. (SEVERIANO, 2007, p. 222)

Temos na televisão a forma midiaticizada de como esse consumo é apresentado ao telespectador/consumidor, como uma forma de inclusão e suprimento das suas supostas necessidades/fantasias.

A publicidade na televisão, principalmente como um meio de divulgação das marcas, passa a ter a possibilidade de trabalhar com dois pontos importantes do indivíduo: a necessidade de pertencer a um grupo, de modo a atribuir ou fortalecer sua identidade; e o mal-estar do período em que vivemos hoje, em que os indivíduos vivem caracterizados pela falta de referências e solidão, justificados pelo conceito de pós-modernidade.

Ao considerar a publicidade como um intermediário cultural, passa a lhe ser atribuído, necessariamente, um papel forte à promoção da cultura de consumo. Como um importante cristizador e difusor de formas simbólicas, a publicidade traduz em imagens e sons,

mensagens que irão servir como um chamariz para a identificação de um grupo da sociedade diante de um produto/serviço.

Através da publicidade, as marcas adquirem a função de criar uma identidade, veicular valores e criar mundos possíveis. Ou seja, ao anunciar seus valores, conta histórias irreais ou fictícias, relacionadas ao cotidiano, com o objetivo de construção de imagem, através de valores que apresentam ressonância com os valores do público-alvo. Deste modo, a marca deve buscar simplificar a informação, permitindo o fácil acesso, ao mesmo tempo em que transfere seus valores para outros objetos.

1.3.2 O Telefone

Segundo Marcuschi (2008), o telefone é um suporte para gêneros orais prevalentemente. Além do aspecto técnico desse aparelho possibilitar a comunicação verbal falada, na atualidade, devido a evolução tecnológica, o telefone deixa de ser apenas um suporte-meio, para se transformar em uma mídia de comunicação. Com o telefone, podemos fazer uso de gêneros orais, escritos e multissemióticos, pois concomitantemente com o avanço tecnológico em relação ao telefone surge a crescente demanda por novos serviços tais como: a integração de outras funções como envio de mensagens (mms ou sms), o acesso a rádio, televisão digital, conexão sem fio de internet, transmissão de dados pelo Sistema Bluetooth, a geração de aparelhos conhecidos como “smarthphones”, “Iphones”.

A popularização de elementos da internet que foram configurados para sua utilização em aparelhos de celular trouxe uma complexa rede de conexões e interatividade por meio dos gêneros textuais e discursivos que são criados ou transformados pela necessidade de agilidade na transcrição das informações e no surgimento de plataformas de interação conhecidas como redes sociais.

1.3.3 A Internet (Rede Social Facebook)

Segundo Marcuschi (2008), a Internet é um suporte capaz de albergar vários tipos de gêneros de forma a criar interfaces que conduzem os seus usuários a outros gêneros, esses em diversos formatos. Para o autor, a internet, enquanto ciberespaço tem a capacidade de contemplar em sua estrutura todos os gêneros existentes além de demandar a criação de novos.

Dentro desse universo multimidiático da internet, temos como um dos gêneros emergentes páginas, sites, blogs, e-mails, e em especial, as redes sociais, tais como o Facebook (MARCUSCHI, 2008).

Compreendemos o Facebook como um gênero digital da pós-modernidade que possibilita à sociedade e seus pares se organizarem em uma realidade síncrona e transporta para a realidade virtual todos os componentes da vida real por meio da reprodução e compartilhamento de comunicações feitas através de outros gêneros discursivos implicados nesse processo (IANNI, 2004; BERTO & GONÇALVES, 2012).

Para Berto & Gonçalves (2012, p.101), o Facebook “viabiliza uma forma de interação social complexa, na qual diferentes signos relacionam-se para compor a mensagem. Portanto, a noção de texto ultrapassa os limites do código linguístico, ao se associar com outras semióticas”.

Nesse sentido, é importante analisar o fenômeno linguístico Facebook, uma vez que grandes contingentes de usuários apreendem novas formas de sociabilidade com o uso desse gênero como um instrumento midiático, além de “reorganizar suas tradições culturais e conversacionais de forma a adaptar-se às novas ferramentas enunciativas existentes” (BERTO & GONÇALVES, 2012, p.102).

1.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO

O presente capítulo apresentou-se subdividido em três seções que se combinam para que possamos aplicá-las no capítulo de análise do *corpus*.

Entendemos que só é possível realizar uma análise discursiva mediante a existência de um discurso. Esse discurso se configura dentro de um gênero textual, seja ele da ordem da oralidade ou da escrita, ou ainda dentro do que Marcuschi (2004) caracteriza como um *continuum*. Neste sentido, buscamos contextualizar a questão das mídias enquanto evolução do conceito de suporte – no âmbito da teoria dos gêneros textuais – uma vez que esse é um aspecto relevante para o desenvolvimento da pesquisa.

A mídia não deve ser compreendida apenas pelo seu aspecto tecnológico, mas pelo linguístico, o que cumprimos observando-a sob a ótica dos gêneros.

A seleção de três formas de representação da mídia compreende pontos que tiveram maior incidência nas falas dos sujeitos e que será abordado com o *corpus* da pesquisa durante as análises.

Podemos observar que quando se quer exercer qualquer tipo de poder ou influência, lança-se mão do discurso. É o que constatamos em relação aos gêneros midiáticos, principalmente, a televisão.

CAPÍTULO 2

CONSIDERAÇÕES SOBRE LÍNGUA, CULTURA E IDENTIDADE

2.1 LÍNGUA ENQUANTO PRÁTICA SOCIAL

É a partir do grupo social no qual está inserido que o sujeito social adquire seus valores morais e éticos, seus padrões, suas crenças, suas ideologias e dessa forma vai construindo sua linguagem, seus imaginários, seus símbolos e suas representações sociais.

Essas construções se dão em função da cultura na qual o sujeito está inserido e sem a qual não pode existir, pois, enquanto sujeito, é nesse local do cotidiano que ocorre a sua sujeição.

Dessa forma a prática da linguagem enquanto prática social é regida pelos padrões culturais do meio social no qual o sujeito está imerso e pelo qual é influenciado.

Para Bastos e Candioto (2007, p. 17), “[...] o processo cultural, isto é, a totalidade das experiências adquiridas, acumuladas e transmitidas socialmente, é introjetado desde o ingresso do indivíduo no contexto cultural por meio da aprendizagem dos hábitos linguísticos que permitem a interação”.

Dessa forma podemos afirmar ser a cultura um dos elementos centrais para viver em coletividade, uma vez que esta é criada e tecida pelos próprios sujeitos sociais e de acordo com a sua trajetória sócio histórica, pois nada está pronto e acabado, mas em constante mudança e transformação.

Para Zumthor (2001, p.117): “Nenhuma cultura se dá em bloco, toda cultura comporta uma heterogeneidade originária”.

Sendo assim a cultura é essencial para o convívio social, pois é ela fruto do processo conquistado coletivamente, composto por indivíduos que, por sua vez, são heterogêneos, partícipes desta construção histórica.

Na visão bakhtiniana, a linguagem é, por definição, uma prática social uma vez que o homem não existe isoladamente e os sentidos são construídos quando duas ou mais vozes se confrontam.

Para Berger e Luckmann (1985, p. 58)

a linguagem tem origem e encontra sua referência primária na vida cotidiana, referindo-se, sobretudo à realidade que experimento na consciência em estado de vigília, que é dominada por motivos pragmáticos

[...] que partilho com outros de uma maneira suposta evidente (BERGER E LUCKMANN, 1985, p. 58).

A linguagem enquanto prática social torna-se elemento central para a sociabilidade humana.

A linguagem está estendida como mediação necessária, não é instrumento, mas é ação que transforma. Dessa forma, não podemos estudá-la fora da sociedade, uma vez que os processos constitutivos da linguagem são histórico-sociais. Resta observar que, nessa relação, não consideramos nem a sociedade como dada, nem a linguagem como produto: elas se constituem mutuamente (ORLANDI, 1996, p. 82-3).

A linguagem está diretamente ligada à ação humana, podendo ser compreendida como interação, ou seja, como um modo de ação, que é social, carregada de sentidos em função do espaço social em que ocorre e dos sujeitos que a compõem. A linguagem e a sociedade se constituem mutuamente.

Para Bakhtin (2006), “todo signo resulta de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação”. Ele afirma que essa é a “razão pela qual as formas do signo são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece” (BAKHTIN, 2006, p. 35).

Nesse sentido, podemos afirmar, de acordo com Faraco (1998), que “nenhuma língua pode ser percebida como unitária; toda realidade linguística é sempre heteroglótica (plurilíngue, pluridiscursiva, pluriestilística)”, bem como todo falante é igualmente percebido como uma realidade heteroglótica.

Para Faraco (1998), considerando a dinâmica sócia histórica das várias comunidades humanas, percebe-se que essas criam inúmeros horizontes interpretativos da sua realidade e constituem uma certa posição avaliativa desta realidade. E desta forma cada horizonte avaliativo materializa verbalmente, interligando os elementos verbais e suas visões de mundo, ao que se denominam línguas sociais.

Ainda de acordo com Faraco (1998), “essas línguas sociais (também chamadas de vozes sociais) são uma espécie de tecido em que se entrelaçam palavras e valores; são conjuntos difusos de visões de mundo (sistemas sociais de crenças) e elementos verbais”.

E essa interanimação entre as línguas sociais, essa heteroglossia dialógica, que mantém a realidade linguística em perpétuo movimento. Em outras palavras, a realidade linguística nunca é estática: há um permanente devir socioverbal. Da contínua tensão dialógica entre as línguas sociais, emerge um ininterrupto e inesgotável processo de violação e apagamento de fronteiras, de citações diretas, de reacentuações, de estilizações, de hibridizações, de polêmicas explícitas e implícitas. Por isso, dissemos acima que cada língua social é um conjunto difuso de visão de mundo e elementos

verbais, porque as línguas sociais estão se recriando incessantemente no contexto das relações sociais (FARACO, 1998, p.166).

Assim, a linguagem, com a qual o homem se comunica, adquire importância primordial nas relações sociais, pois como prática social é uma atividade ligada às relações entre as classes e se constitui como forma concreta dessas relações socialmente construídas.

Segundo Bakhtin (1992), a utilização da língua está relacionada a todas as esferas da atividade humana; com isto, nos deparamos também com uma vasta variedade desta utilização.

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, [...] mas também e sobretudo, por sua construção composicional (BAKHTIN, 1992, p.279).

Para o autor o signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes. Desta forma, “o signo, se subtraído às tensões da luta social, se posto à margem da luta de classes, irá infalivelmente debilitar-se, degenerará em alegoria, tornar-se-á objeto de estudo dos filólogos e não será mais um instrumento racional e vivo para a sociedade” (BAKHTIN, 2006, p. 38).

Salienta ainda que:

ignorar a natureza do enunciado e as particularidades do gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo linguístico, leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua (BAKHTIN, 1992, p.282).

Vemos ainda em Bakhtin que, na comunicação verbal, o locutor e o ouvinte desempenham papéis importantes e distintos, uma vez que o locutor, ao enunciar, pressupõe uma atitude responsiva do ouvinte, pois este concorda ou discorda, completa, adapta, estando o ouvinte em atitude constante de elaboração, durante o processo de compreensão. Ainda de acordo com Bakhtin, “toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se locutor” (BAKHTIN, 1992, 290).

Assim como Bakhtin, Foucault (1971), abordando a questão do discurso, aponta-nos uma sociedade contraditória, controladora. Apresentam-nos, nesta sociedade, três grandes sistemas de exclusão que incidem sobre o discurso, a palavra interdita, a partilha da loucura e a vontade de verdade.

Em relação ao interdito, Foucault (1971, p.2) diz que: “Temos consciência de que não temos o direito de dizer o que nos apetece, que não podemos falar de tudo em qualquer circunstância, que quem quer que seja, finalmente, não pode falar do que quer que seja”.

Para Foucault,

O discurso, aparentemente, pode até nem ser nada de por aí além, mas, no entanto, os interditos que o atingem, revelam, cedo, de imediato, o seu vínculo ao desejo e o poder. E com isso não há com que admirarmo-nos: uma vez que o discurso — a psicanálise mostrou-o —, não é simplesmente o que manifesta (ou esconde) o desejo; é também aquilo que é objeto do desejo; e porque — e isso a história desde sempre o ensinou — o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorear-nos. (FOUCAULT, 1971, p.2-3).

Continuando sua crítica à sociedade, Foucault diz que há um certo desnível entre os discursos na sociedade, ainda que este desnível não seja estável, constante e absoluto:

os discursos que "se dizem" ao correr dos dias e das relações, discursos que se esquecem no próprio ato que lhes deu origem; e os discursos que estão na origem de um certo número de novos atos de fala, atos que os retomam, os transformam ou falam deles, numa palavra, os discursos que, indefinidamente e para além da sua formulação, são ditos, ficam ditos, e estão ainda por dizer (FOUCAULT, 1971, p.7).

Ao pensarmos na influência que a comunicação de massa exerce sobre a sociedade, poderíamos fazer uma alusão ao que Foucault diz sobre a questão da doutrina.

Para ele (1971),

[...] a heresia e a ortodoxia não provêm de uma fanática exageração dos mecanismos doutrinários; heresia e ortodoxia pertencem-lhes fundamentalmente. Mas, inversamente, a doutrina põe também em causa os enunciados a partir dos sujeitos falantes, na medida em que ele vale sempre como sinal, manifestação e instrumento de uma pertença prévia — pertença de classe, de estatuto social ou de raça, de nacionalidade ou de interesse, de luta, de revolta, de resistência ou de aceitação. A doutrina liga os indivíduos a certos tipos de enunciação e interdita-lhes, por conseguinte, todos os outros; mas, em reciprocidade, serve-se de certos tipos de enunciação para ligar indivíduos entre si, e desse modo os diferenciar de todos os outros. Ela efetua uma dupla sujeição: dos sujeitos falantes ao discurso, e dos discursos ao grupo, pelo menos virtual, dos indivíduos falantes (FOUCAULT, 1971, p.15).

Vemos na educação uma forma também de manipulação utilizada pela sociedade de classe para a dominação dos grupos minoritários. Para Foucault (1971), a educação seria o instrumento através do qual o indivíduo pode ter acesso a todos os tipos de discurso.

Porém,

[...] sabemos no entanto que, na sua distribuição, naquilo que permite e naquilo que impede, ela segue as linhas que são marcadas pelas distâncias, pelas oposições e pelas lutas sociais. Todo o sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que estes trazem consigo (FOUCAULT, 1971, p.15).

Ainda em relação ao sistema educacional, vemos, em Foucault, a escola como o balizador doutrinário das relações sociais, pois entender o uso da linguagem como prática social implica compreendê-lo como constituída socialmente, bem como constitutivo de identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimento e crença. E, desta forma, não seria a sujeição do discurso?

O que é, no fim de contas, um sistema de ensino senão uma ritualização da fala, senão uma qualificação e uma fixação dos papéis dos sujeitos falantes; senão a constituição de um grupo doutrinário, por difuso que seja; senão uma distribuição e uma apropriação do discurso com os seus poderes e os seus saberes? (FOUCAULT, 1971, p.16)

Finalizamos as ideias de Foucault acerca do discurso, em que ele afirma que, “os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas que se cruzam, que às vezes se justapõem, mas que também se ignoram ou se excluem” (FOUCAULT, 1971, p.19).

Enfatizamos que a linha teórica utilizada neste trabalho, baseia-se na Análise de Discurso de Linha Francesa (ADF), mas optamos por apresentar as ideias de Fairclough, no intuito de situar os estudos dos discursos, nesse caso a chamada Análise Crítica do Discurso (ACD).

Temos em Fairclough um dos fundadores da chamada análise Crítica do Discurso, uma área de estudos que analisa a influência das relações de poder sobre o conteúdo e a estrutura dos textos, sobretudo os midiáticos. Para Fairclough, não há uma relação externa entre linguagem e sociedade, mas uma relação interna e dialética.

Ao usar o termo “discurso”, proponho considerar o uso da linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis institucionais. Isso tem várias implicações. Primeiro, implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação. [...] Segundo, implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social, existindo mais geralmente tal relação entre a prática social e a estrutura social: a última é tanto uma condição como um efeito da primeira (FAIRCLOUGH, 2001, p.90-91).

Ao dizer isto Fairclough, descarta o conceito de Ferdinand Saussure, sobre *parole*, em que este vê a fala como atividade individual e desta forma não poderia ser aplicada à Teoria Social do Discurso.

O autor apresenta a linguagem nas relações sociais e também como parte integrante de processos de mudança social, pois vê a linguagem como um elemento da prática social. Segundo ele, o “discurso contribui para a construção das identidades sociais, contribui para constituir as relações sociais entre as pessoas” e também contribui para a construção de sistemas de conhecimento e crenças (FAIRCLOUGH, 2001, p.91). E para ele, “esses três efeitos correspondem respectivamente a três funções da linguagem e a dimensões de sentido que coexistem e interagem em todo discurso”. Ao que ele denomina como funções da linguagem “identitária, relacional e ideacional”.

Fairclough (2001), referindo-se à função identitária, diz que esta “relaciona-se aos modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso”, já a função relacional, “a como as relações sociais entre os participantes do discurso são representadas e negociadas” e a função ideacional “aos modos pelos quais os textos significam o mundo e seus processos” (FAIRCLOUGH, 2001, p.92).

Para este autor, a prática discursiva “contribui para reproduzir a sociedade (identidades sociais, relações sociais, sistemas de conhecimento e crença)”, bem como também para transformá-la.

Para Fairclough (2001), “a prática social tem várias orientações, econômica, política, cultural, ideológica, e o discurso pode estar implicado em todas elas, sem que se possa reduzir qualquer uma dessas orientações do discurso” (FAIRCLOUGH, 2001, p.94).

Afirma que “o discurso como prática política estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas (classes, blocos, comunidades, grupos) entre as quais existem relações de poder” (FAIRCLOUGH, 2001, p.94).

Já o discurso como prática ideológica “constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder” (FAIRCLOUGH, 2001, p.94).

A teoria tridimensional de Fairclough (2001) se baseia em: texto, prática discursiva (produção, distribuição, consumo) e prática social, o que compõe a concepção tridimensional do discurso.

Procuraremos demonstrar de forma mais aprofundada aqui os argumentos do autor sobre a terceira dimensão da sua teoria tridimensional, que é a prática social, por comungar com ele das ideias apresentadas, ideias estas que tem por base as contribuições clássicas do marxismo do século XX de Althusser e Gramsci, por fazer parte do nosso repertório teórico de formação e conhecimento acadêmico, enquanto assistente social.

O autor passa a apresentar algumas considerações sobre ideologia, apresentando três asserções.

Primeiro, a asserção de que ela tem existência material nas práticas discursivas como formas de materiais de ideologia. Segundo, a asserção de que a ideologia ‘interpela os sujeitos’, que conduz à concepção de que um dos mais significativos ‘efeitos ideológicos’ que os linguistas ignoram no discurso (segundo Althusser, 1971:161,n.16), é a constituição dos sujeitos. Terceiro, a asserção de que os ‘aparelhos ideológicos do estado’ (instituições tais como a educação ou a mídia) são ambos locais e marcos delimitadores na luta de classe, que apontam para a luta no discurso e subjacente a ele como foco para uma análise de discurso orientada ideologicamente (FAIRCLOUGH, 2001, p.116-117).

Neste aspecto o autor discorda de Althusser, afirmando que há uma contradição não resolvida do mesmo, entre uma visão de dominação que é a imposição unilateral e reprodução de uma ideologia dominante, em que a ideologia figura como cimento social universal, e sua insistência nos aparelhos como local e marco delimitador de uma constante luta de classe cujo resultado está sempre em equilíbrio (FAIRCLOUGH, 2001, p.117).

Para o autor as ideologias, quando embutida nas práticas discursivas, são muito eficazes quando se tornam naturalizadas e caem no senso comum. Por isto não se deve dar muito ênfase a esta propriedade estável e estabelecida das ideologias, pois, segundo ele: a ‘transformação’ aponta a luta ideológica como dimensão da prática discursiva, uma luta para remoldar as práticas discursivas e as ideologias nelas construídas no contexto da reestruturação das relações de dominação (FAIRCLOUGH, 2001, p.117).

De acordo com o autor, mesmo quando “nossa prática pode ser interpretada como de resistência, contribuindo para a mudança ideológica, não estamos necessariamente conscientes dos detalhes de sua significação ideológica”, ou seja, as pessoas muitas vezes não tem consciência das dimensões de sua prática ideológica, pois, segundo ele, “as ideologias construídas nas convenções podem ser mais ou menos naturalizadas e automatizadas” (FAIRCLOUGH, 2001, p.117).

E neste aspecto afirma: “que esta é uma razão para se defender uma modalidade de educação linguística que enfatize a consciência crítica dos processos ideológicos do discurso”, pois isto contribuiria para que as pessoas se tornassem “mais conscientes de sua própria prática e mais críticas dos discursos investidos ideologicamente a que são submetidos” (FAIRCLOUGH, 2001, p.117).

2.2 CULTURA

A cultura, seja nas ciências sociais ou em outras ciências, é mais do que um conceito acadêmico, pois diz respeito às vivências concretas de sujeitos, bem como às suas formas de conceber o mundo, suas particularidades e semelhanças a partir do processo histórico social. É por meio da cultura que homens e mulheres estipulam regras, criam valores e significados, possibilitando assim a intercomunicação dos indivíduos e dos grupos.

Desta forma, os sujeitos se adaptam aos meios e podem também transformá-los.

Para Rodrigues (2006, p.18), a cultura é como um mapa que orienta o comportamento dos indivíduos em sua vida social. Ao refletir sobre o que é viver em sociedade e produzir cultura, depararemos com um sistema de dominação de uma lógica simbólica em que os indivíduos se comportam de acordo com ela e muitas vezes sem se dar conta disso (Rodrigues, 2006).

Desta maneira, podemos afirmar que tanto a vida coletiva quanto a privada originam-se das relações dos indivíduos e dos grupos sociais, que ao mesmo tempo regulam esses relacionamentos.

Vejamos o que diz Rodrigues:

[...] o fato é que, uma vez constituídos, os sistemas de representações e sua lógica são introjetados pela educação nos indivíduos, de forma a fixar as similitudes essenciais que a vida coletiva supõe, garantindo, dessa maneira, para o sistema social, uma certa homogeneidade [...] (RODRIGUES, 2006, p. 19).

Então podemos afirmar que a escola ou os modelos de educação contribuíram para que a diferença entre a cultura negra e a cultura branca fosse vista de forma estereotipada, ou seja, a cultura branca dominante prevalecendo sobre a outra cultura, tida como “inferior” (RODRIGUES, 2006).

No caso do negro brasileiro, a classificação e a hierarquização étnica existente foram forjadas no contexto das relações sociais, leia-se sistema de escravidão em que as relações entre brancos e negros se deram no interior desta sociedade (RODRIGUES, 2006).

Somos educados pelo meio sociocultural para enxergar certas diferenças as quais fazem parte de um sistema de representações construído socialmente, por meio de tensões, conflitos, acordos e negociações sociais (RODRIGUES, 2006).

A cultura negra pode ser vista como uma particularidade cultural construída historicamente por um grupo étnico/racial específico, não de maneira isolada, mas no contato com outros grupos e povos. Essa cultura faz-se presente no modo de vida do brasileiro, seja

qual for o seu pertencimento étnico. Todavia, a sua predominância se dá entre os descendentes de africanos escravizados no Brasil, ou seja, o segmento negro da população (RODRIGUES, 2006).

Há que se considerar a consciência cultural do povo negro, atentando para o uso autorreflexivo dessa cultura pelos sujeitos, buscando compreender como as crianças, adolescentes, jovens, adultos e velhos constroem suas tradições culturais de matriz africana na vida cotidiana (RODRIGUES, 2006).

Desta forma, buscar-se-á entender porque, na pós-modernidade, a cultura está sendo negligenciada e afetada, em função das novas tecnologias e da falta de oportunidades que são proporcionadas aos afrodescendentes.

Tentarei exemplificar o que disse seguindo um conceito de diferença cultural e diversidade cultural. Tomemos a contraposição entre o conceito de “diferença cultural” X “diversidade cultural”.

Homi K. Bhabha (1998), por exemplo, destaca o estereótipo e a mímica como estratégias de conhecimento e identificação, como modo de representação complexo, ambivalente e contraditório. Trata-se da construção do sujeito no discurso e no poder colonial, articulada sob as formas da diferença (racial e sexual). O sujeito dominado e o dominador estão estrategicamente colocados no interior do discurso colonial e também no pós-colonial.

Ilustrarei a princípio com este poema:

QUILOMBO, HOJE

Hoje sonhei com um Quilombo
Levantei atônito, eufórico
Quase tonto, mas pronto
Pro levante, pro embate

Pra afronta, cobrar a conta
Inspirado pela ancestral fúria
Cheguei ao cume, à cor, à cura
Acalentado pela negra literatura

Hoje acordei num Quilombo
Acordei voraz, despertei feroz
Com vez, vontade e voz
Altivo enegreci a escrita
Cheio de gosto, estou disposto
Com garbo expus meu rosto

Hoje abracei um Quilombo
De letras, poesias, crônicas, contos

Quilombo que pode ser livro
 Pode ser lido, ser caderno
 Pode ser eu, pode ser eterno

Hoje ginguei e ensaiei um jongo²
 Libertei-me como um pombo
 Alcei voo para um Quilombo
 Hoje... (OLIVEIRA, 1998, p.132)

Como se dá o discurso da identidade no poema? O que poderíamos pensar em ter que alçar voo para um Quilombo para “conviver” com a identidade? Haveria uma mescla, uma inter-relação entre “ambientes”? Não seria um hibridismo inicial entre posições diferentes? Entre diferentes locais de cultura? (BHABHA, 1998).

A partir do conceito de hibridismo, Bhabha propõe o local da cultura como o entre lugar deslizante, marginal e estranho que, por resultar do confronto de dois ou mais sistemas culturais que dialogam de modo agonístico, é capaz de desestabilizar essencialismos e de estabelecer uma mediação entre teoria crítica e prática política (BHABHA, 1998).

Bhabha, conceituando diversidade cultural e diferença cultural, afirma que:

A diversidade cultural é um objeto epistemológico – a cultura como objeto do conhecimento empírico – enquanto a diferença cultural é o processo da *enunciação* da cultura como “conhecível”, legítimo, adequado à construção de sistemas de identificação cultural.

[...] a diferença cultural é um processo de significações através do qual afirmações *da* cultura ou *sobre a* cultura diferenciam, discriminam e autorizam a produção de campos de força, referência, aplicabilidade e capacidade. A diversidade cultural é o reconhecimento de conteúdos e costumes culturais pré-dados; mantida em um enquadramento temporal relativista, ela dá origem a noções liberais de multiculturalismo, de intercâmbio cultural ou de cultura da humanidade.

[...] o conceito de diferença cultural concentra-se no problema da ambivalência da autoridade cultural: a tentativa de dominar em *nome* de uma supremacia cultural que é ela mesma produzida apenas no momento da diferenciação. E é a própria autoridade da cultura como conhecimento da verdade referencial que está em questão no conceito e no momento da *enunciação* (BHABHA, 1998, 63-64).

No capítulo intitulado “DissemiNação”, Bhabha elabora o conceito de nação partindo de variações que recusam uma narrativa unitária, fundadora de sentido e organizadora do caótico a partir de um discurso “edificante”. Segundo esse pensador, o nacionalismo do século XIX revelou sua arbitrariedade ao construir discursos unissonantes, como se a nação tivesse

² Jongo é uma manifestação cultural de africanos essencialmente rural diretamente associada à cultura africana no Brasil e que influenciou poderosamente na formação do Samba carioca, em especial, e da cultura popular brasileira como um todo. Segundo os jongueiros, o Jongo é o "avô" do Samba. Ver também: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Jongo> (acessado em 22/06/2013, às 09:36).

uma nascente única. Os conflitos são ignorados, privilegiando uma concepção unidimensional da cultura, percebida como um conjunto de legados imemoriais. O discurso do nacionalismo articula um tipo de narrativa que privilegia a coesão social: “muitos como um” (BHABHA, 1998).

De acordo com Bhabha:

em meio ao progresso e à modernidade, a linguagem da ambivalência revela uma política “sem duração”, como Althusser provocativamente escreveu em certa ocasião: “Espaços sem lugares, tempo sem duração”. Escrever a história da nação exige que articulemos aquela ambivalência arcaica que embasa o tempo da modernidade (BHABHA, 1998, p. 202).

O autor questiona “a metáfora progressista da coesão social moderna”, muitos como um, de acordo com teorias orgânicas de holismos da cultura e da comunidade e também comungadas por teóricos que consideram gênero, classe ou raça como totalidades sociais, as quais expressam experiências coletivas unitárias. (BHABHA, 1998).

Opondo-se a isso, esse teórico busca pensar a nação a partir de suas margens: as vivências das minorias, os conflitos sociais, o arcaísmo chocando-se com o moderno.

Comparando as ideias de Bhabha (1998) com as de Francisco (2006), percebe-se certa semelhança quando da análise do segundo acerca dos antagonismos de classe e raça ou nacionalidade, no Brasil pós 30 do século XX.

Segundo Francisco (2006), o eugenismo no Brasil, ou seja, a busca da homogeneização da raça, baseia-se no branco europeu como modelo que encontra respaldo para esta teoria na Constituição de 1934, em seus parágrafos 6º e 7º, que trata do “controle da imigração”, o que significava, na prática, veto à imigração de negros, amarelos e judeus.

A política de branqueamento é percebida nas iniciativas políticas e ideológicas da era Vargas e do Estado Novo, conforme apresenta Francisco (2006):

E, no Estado Novo, o brasileiro *não é na mesmidade* brasileiro, isto é, A não é A, pois se estabelece uma diferença racial e racializadora entre os brasileiros brancos e não brancos e uma diferenciação, também, entre os proprietários e os proletários. A diferenciação é absoluta, modo de apagar quaisquer semelhanças entre a elite branca, os negros e os proletários, entre a raça que faz trabalhar e a raça que trabalha, como dizia Joaquim Nabuco, entre a raça dos senhores e a raça dos servidores, como afirma Oliveira Viana, ou entre casa-grande & sobrado e Senzala & mocambo, no dizer de Freyre. Diferença absoluta e dessemelhança implicam em desigualdade efetiva, real, estrutural e funcional.

Identidade, A é A, funcionaria para as elites, que idealizam um país e uma nação/estado para si. Daí a defesa da integridade do território nacional, da unidade lingüística nacional, a defesa intransigente de certo *ethos nacional*,

distinção de brasilidade, como a cordialidade, a harmonia social e racial, a afinidade (cultural, jurídica e política) com a Europa-mãe.

É que o Brasil, enquanto promissora nação euro-descendente, tem território, tem unidade linguística, ostenta certa distinção cultural, apresenta instituições jurídicas e políticas civilizadas e, sobretudo, terá uma *raça brasilis*, civilização da morenidade que já terá implantada nos trópicos a elevada cultura euro-norte-americana. Esse projeto de identidade sócio-histórica pode ser sistematizado em cinco grandes objetivos econômicos e políticos ideológicos ou sócio-culturais e suas respectivas formas políticas de operacionalização:

Busca da sociedade moderna, fundada nos interesses nacionais e no desenvolvimento industrial;

Busca da modernização pela organização/controle dos trabalhadores, através da regulamentação jurídica dos conflitos entre Capital e Trabalho;

Preparo de uma raça homogênea e sustentação da unidade/indivisibilidade do país, pelo controle racial da imigração e pelo eugenismo que transformava a “semana da independência” em semana da raça e da pátria;

Valorização e proteção do homem brasileiro, que se traduzia em política educacional para setores altos e médios e política de alfabetização e de instrução para preparar o trabalhador;

Defesa do progresso material do país, meta presentificada pela difusão do sentimento de patriotismo e do nacionalismo, resumido por Lindolfo Collor no lema “tudo pelo Brasil” e “tudo contra os inimigos do Brasil”, sobretudo pelo rádio (FRANCISCO, 2006. p. 134).

Após traçar alguns aspectos acerca da cultura em Bhabha, Francisco e Rodrigues, passo a apresentar o conceito de identidade em Hall (2001).

2.3 A IDENTIDADE EM QUESTÃO

Utilizarei o subtítulo apresentado por Stuart Hall, em seu livro “A identidade cultural na pós- modernidade”, e farei este percurso no intuito de conceituar “identidade”, bem como correlacioná-la com a identidade dos afrodescendentes no Brasil, mais especificamente dos remanescentes dos quilombos.

Hall (2006) abre a discussão sobre identidade, dizendo que a mesma vem sendo intensamente discutida pela teoria social. E que as velhas identidades (a do sujeito do iluminismo e do sujeito sociológico), que por muito tempo estabilizara o mundo social, estão em declínio, e novas identidades estão surgindo (o sujeito pós-moderno) fazendo com isto emergir o homem moderno fragmentado.

Afirma Hall (2006) que a chamada “crise de identidade” é vista como um processo mais amplo de mudança. E que este processo faz com que o sujeito, antes tido como unificado, agora se apresente, em meio às mudanças societárias globais, como um indivíduo

deslocado. Segundo este autor, os teóricos que acreditam que as identidades modernas estão entrando em colapso, parte do pressuposto que

um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Essa perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento-descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos- constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo. (HALL, 2006, p.9).

O autor apresenta três concepções de identidade: a do sujeito do iluminismo, a do sujeito sociológico e a do sujeito pós-moderno (HALL,2006).

O sujeito do iluminismo baseava-se numa concepção de pessoa humana centrada, unificada, dotado da capacidade de razão, de consciência e de ação, cujo "centro" consistia num núcleo interior. Já o sujeito sociológico, suas características estão centradas na sua capacidade de interagir com o mundo, é a relação entre o mundo individual e o mundo público.

E o sujeito pós-moderno seria aquele composto por várias identidades. Este sujeito se caracteriza como não tendo uma identidade, uma identidade fixa, essencial ou permanente. “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor do “eu”, coerente.” (HALL, 2006)

Assim, pensar a identidade como plenamente unificada, completa, segura e coerente, conforme aponta o autor, é uma fantasia.

Apresenta outro aspecto da questão da identidade, que está relacionado com o caráter da mudança na modernidade tardia, processo este conhecido como “globalização”, bem como seu impacto sobre a identidade cultural.

Neste aspecto, argumenta que a mudança na modernidade tardia tem um caráter específico. Cita o que Marx diz sobre a modernidade:

[...] é o permanente revolucionar da produção, o abalar ininterrupto de todas as condições sociais, a incerteza e o movimento eternos... Todas as relações fixas e congeladas, com seu cortejo de vetustas representações e concepções, são dissolvidas, todas as relações recém-formadas envelhecem antes de poderem ossificar-se.Tudo que é sólido se desmancha no ar...(MARX e ENGELS,1973, apud HALL p.3).

Hall (2006) apresenta a sociedade moderna como sociedades de mudanças constantes, rápidas e permanentes. Sendo esta a principal distinção entre as sociedades tradicionais e as modernas.

Assim como Hall, Giddens (1991, p. 38) ao tratar da cultura e das tradições diz que “nas culturas tradicionais, o passado é honrado e os símbolos valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um modo de integrar a monitoração da ação com a organização tempo-espacial da comunidade”. Ele aborda as reinvenções das tradições pelas novas gerações, como forma de preservação.

Ela é uma maneira de lidar com o tempo e o espaço, que insere qualquer atividade ou experiência particular dentro da continuidade do passado, presente e futuro, sendo estes por sua vez estruturados por práticas sociais recorrentes. A tradição não é inteiramente estática, porque ela tem que ser reinventada a cada nova geração conforme esta assume sua herança cultural dos precedentes. A tradição não só resiste à mudança como pertence a um contexto no qual há, separados, poucos marcadores temporais e espaciais em cujos termos a mudança pode ter alguma forma significativa. (GIDDENS, 1991, p.38).

Ao dialogar com outros teóricos, Hall (2006) busca tratar das características de mudança da modernidade tardia, onde as sociedades não contam com um centro articulador e organizador, que Laclau chama de “deslocamento”. Neste aspecto, as concepções de sujeito do iluminismo e sociológico se desestabilizam e desarticulam, surgindo novas identidades, que na visão do autor são abertas, contraditórias, plurais e fragmentadas (sujeito pós-moderno).

Para Hall (2006),

A sociedade não é, como os sociólogos pensaram muitas vezes, um todo unificado e bem delimitado, uma totalidade, produzindo-se através de mudanças evolucionárias a partir de si mesma, como o desenvolvimento de uma flor a partir de seu bulbo. Ela está constantemente sendo "descentrada" ou deslocada por forças fora de si mesma.

[...]

Giddens, Harvey e Laclau oferecem leituras um tanto diferentes da natureza da mudança do mundo pós-moderno, nas suas ênfases na descontinuidade, na fragmentação, na ruptura e no deslocamento contêm uma linha comum. Devemos ter isso em mente quando discutirmos o impacto da mudança contemporânea conhecida como "globalização" (HALL, 2006, p.4).

Ele apresenta cinco formas de descentramento que, segundo ele, a partir de avanços ocorridos no período da modernidade tardia na teoria social e nas ciências humanas, contribuíram para o descentramento final do sujeito cartesiano.

O primeiro descentramento apresentado por ele diz respeito à influência do pensamento marxista que, apesar de ser do século XIX, tem sua interpretação marcada ou

redescoberta no século XX, mais precisamente na década de sessenta, por autores como o estruturalista Louis Althusser (1918-1989), que interpreta a frase de Marx que diz que “os homens fazem a história, mas apenas sob as condições que lhes são dadas”, e que de alguma forma, provocou impacto no pensamento moderno acerca do homem.

O fato é que, embora seu trabalho tenha sido amplamente criticado, seu "anti-humanismo teórico" (isto é, um modo de pensar oposto às teorias que derivam seu raciocínio de alguma noção de essência universal de Homem, alojada em cada sujeito individual) teve um impacto considerável sobre muitos ramos do pensamento moderno (HALL, 2006, p.9).

O segundo descentramento apresentado pelo autor diz respeito à teoria freudiana sobre o inconsciente, o que deita por terra a teoria de racionalidade e identidade fixa e unificada de sujeito apresentada por Descartes, na célebre frase, “penso, logo existo”. Pois, segundo a teoria freudiana, as nossas identidades, os nossos desejos, a nossa sexualidade são formadas no nível do inconsciente, através de processos psíquicos e simbólicos.

Segundo Hall (2006, p.9), o trabalho de Freud teve um profundo impacto nas últimas três décadas. Observando a leitura que alguns pensadores psicanalíticos, como Lacan, fazem de Freud “é que a imagem do eu inteiro e unificado é algo que a criança aprende apenas gradualmente, parcialmente, e com grande dificuldade”.

Pois esta, não se desenvolve de forma natural, do interior do núcleo do ser criança, mas a sua formação se dá na relação com os outros. Mas, “especialmente nas complexas negociações psíquicas inconscientes, na primeira infância, entre a criança e as poderosas fantasias que ela tem de suas figuras paternas e maternas”. (HALL, 2006, p.9)

Lacan (1977) denomina como a “fase do espelho”, a fase em que “a criança não está ainda coordenada e não possui qualquer autoimagem como uma pessoa "inteira", se vê ou se "imagina" a si própria refletida, seja literalmente, no espelho, seja figurativamente, no "espelho" do olhar do Outro, como uma "pessoa inteira””.

Hall (2006, p.9) diz que a formação do eu no olhar do Outro de acordo com Lacan, faz a iniciação da criança com os sistemas simbólicos fora dela mesma e é “o momento da sua entrada nos vários sistemas de representação simbólica, incluindo a língua, a cultura e a diferença sexual”.

Os sentimentos contraditórios e não resolvidos que acompanham essa difícil entrada (o sentimento dividido entre amor e ódio pelo pai, o conflito entre o desejo de agradar e o impulso para rejeitar a mãe, a divisão do eu entre suas partes "boa" e "má", a negação de sua parte masculina ou feminina, e assim por diante), que são aspectos-chave da "formação inconsciente do sujeito" e que deixam o sujeito "dividido", permanecem com a pessoa por

toda a vida. Entretanto, embora o sujeito esteja sempre partido ou dividido, ele vivencia sua própria identidade como se ela estivesse reunida e "resolvida", ou unificada, como resultado da fantasia de si mesmo como uma "pessoa" unificada que ele formou na fase do espelho. Essa, de acordo com esse tipo de pensamento psicanalítico, é a origem contraditória da "identidade" (HALL, 2006, p.10).

O terceiro descentramento examinado por Hall (2006) diz respeito ao trabalho do linguista estrutural, Ferdinand Saussure.

Para o autor, Saussure utilizava o argumento que “nós não somos, em nenhum sentido, os “autores” das afirmações que fazemos ou dos significados que expressamos na língua”. Para Hall (2006), “podemos utilizar da língua para produzir significados apenas nos posicionando no interior das regras da língua e dos sistemas de significado de nossa cultura”. Apresenta a língua como um sistema social e não um sistema individual, sendo que esta é preexistente a nós, portanto não podemos ser seus autores.

Em relação à língua, afirma Hall (2006, p.10) que essa “não apenas expressa nossos pensamentos mais interiores e originais”, mas segundo ele “significa ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais”. E que: além disso, os significados das palavras não são fixos, numa relação um-a-um com os objetos ou eventos no mundo existente fora da língua. O significado surge nas relações de similaridade e diferença que as palavras têm com outras palavras no interior do código da língua. Nós sabemos o que é a "noite" porque ela não é o "dia". Observe-se a analogia que existe aqui entre língua e identidade. Eu sei quem "eu" sou em relação com "o outro" (por exemplo, minha mãe) que eu não posso ser (HALL, 2006, p.10).

Ele diz que os modernos filósofos da linguagem, como Jacques Derrida, e que foram influenciados por Saussure e pela ‘virada linguística’, argumentam que mesmo se esforçando da melhor forma que puderem “o/a falante individual não pode, nunca, fixar o significado de uma forma final, incluindo o significado de sua identidade”.

O autor apresenta as palavras como “multimoduladas”. Para Hall (2006, p.11), as palavras “carregam ecos de outros significados que elas colocam em movimento, apesar de nossos melhores esforços para cerrar o significado”. De acordo com o autor:

nossas afirmações são baseadas em proposições e premissas das quais nós não temos consciência, mas que são, por assim dizer, conduzidas na corrente sanguínea de nossa língua. Tudo que dizemos tem um "antes" e um "depois" — uma "margem" na qual outras pessoas podem escrever. O significado é inerentemente instável: ele procura o fechamento (a identidade), mas ele é constantemente perturbado (pela diferença). Ele está constantemente escapulindo de nós. Existem sempre significados suplementares sobre os

quais não temos qualquer controle, que surgirão e subverterão nossas tentativas para criar mundos fixos e estáveis (veja Derrida, 1981) (HALL, 2006, p.11).

O quarto descentramento, apresentado por Hall (2006), está relacionado ao trabalho do filósofo e historiador francês Michel Foucault. Este autor produz “uma espécie de genealogia do sujeito moderno”. Em Foucault, é apresentado um novo tipo de poder, que ele chama de poder disciplinar, que vai se desdobrando pelo século XIX e que chega ao cume do seu desenvolvimento no século XX.

Nesse sentido, Hall (2006, p.11) afirma que “o poder disciplinar está preocupado, em primeiro lugar, com a regulação, a vigilância é o governo da espécie humana ou de populações inteiras e, em segundo lugar, do indivíduo e do corpo”. Este poder que vigia e disciplina as populações modernas se dá dentro das novas instituições que vão se formando no século XIX, as quais são, segundo Foucault, as oficinas, os quartéis, as escolas, prisões, hospitais, dentre outros.

Para Dreyfus e Rabinow (1982),

O objetivo do "poder disciplinar" consiste em manter "as vidas, as atividades, o trabalho, as infelicidade e os prazeres do indivíduo", assim como sua saúde física e moral, suas práticas sexuais e sua vida familiar, sob estrito controle e disciplina, com base no poder dos regimes administrativos, do conhecimento especializado dos profissionais e no conhecimento fornecido pelas "disciplinas" das Ciências Sociais. Seu objetivo básico consiste em produzir "um ser humano que possa ser tratado como um corpo dócil" (DREYFUS e RABINOW, 1982, apud HALL, 2006, p.11).

Hall (2006) aponta para um fato importante, sobre a história do sujeito moderno, ou seja,

[...] embora o poder disciplinar de Foucault seja o produto das novas instituições coletivas e de grande escala da modernidade tardia, suas técnicas envolvem uma aplicação do poder e do saber que "individualiza" ainda mais o sujeito e envolve mais intensamente seu corpo [...] (HALL, 2006, p.11).

Dreyfus e Rabinow (1982, apud HALL, 2006, p.11) fundamentando-se em Foucault, apresenta que “num regime disciplinar, a individualização é descendente. Através da vigilância, da observação constante, todas aquelas pessoas sujeitas ao controle são individualizadas”.

Ainda segundo estes autores no que se refere ao poder, este,

não apenas traz a individualidade para o campo da observação, mas também fixa aquela individualidade objetiva no campo da escrita. Um imenso e meticuloso aparato documentário torna-se um componente essencial do crescimento do poder [nas sociedades modernas]. Essa acumulação de

documentação individual num ordenamento sistemático torna "possível a medição de fenômenos globais, a descrição de grupos, a caracterização de fatos coletivos, o cálculo de distâncias entre os indivíduos, sua distribuição numa dada população" (DREYFUS e RABINOW, 1982, apud HALL, 2006, p.11).

Para o autor existe um paradoxo, mesmo que não se leve em consideração todos os detalhes do que Foucault traça dos regimes disciplinares, do moderno poder administrativo, ou seja, “quanto mais coletiva e organizada a natureza das instituições da modernidade tardia, maior o isolamento, a vigilância e a individualização do sujeito individual” (HALL, 2006, p.11).

Além dos descentramentos apresentados acima ele cita um quinto descentramento que é provocado pelo impacto do feminismo. Apresenta o feminismo, como parte dos movimentos sociais que emergiram na década de 60.

Outro argumento que vale apena resaltar, do pensamento deste autor, é que ao feminismo também se aplica o descentramento conceitual do sujeito cartesiano e sociológico:

Ele questionou a clássica distinção entre o "dentro" e o "fora", o "privado" e "público". O slogan do feminismo era: "o pessoal é político".

Ele abriu, portanto, para a contestação política, arenas inteiramente novas de vida social: a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, a divisão doméstica do trabalho, o cuidado com as crianças, etc.

Ele também enfatizou, como uma questão política e social, o tema da forma como somos formados e produzidos como sujeitos generificados. Isto é, ele politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação (como homens/mulheres, mães/pais, filhos/filhas).

Aquilo que começou como um movimento dirigido à contestação da posição social das mulheres expandiu-se para incluir a formação das identidades sexuais e de gênero.

O feminismo questionou a noção de que os homens e as mulheres eram parte da mesma identidade, a "Humanidade", substituindo-a pela questão da diferença sexual (HALL, 2006, p.12).

Ele afirma que a luta de cada um destes movimentos, constituiu o nascimento histórico do que veio a ser conhecido como *a política de identidade*, uma política para cada movimento.

No entanto:

muitas pessoas não aceitam as implicações conceituais e intelectuais desses desenvolvimentos do pensamento moderno. Entretanto, poucas negariam

agora seus efeitos profundamente desestabilizadores sobre as ideias da modernidade tardia e, particularmente, sobre a forma como o sujeito e a questão da identidade são conceptualizados (HALL, 2006, p.12).

Como podemos perceber a questão da identidade permeia os debates de vários teóricos no intuito de conceituá-la na pós-modernidade. A concepção do sujeito fragmento, descentrado, em constante mudança, parece-nos ser aquela que caracteriza melhor o sujeito pós-moderno.

2.3.1 Existe uma Crise de Identidade?

Para Woodward (2012) “identidade” e “crise de identidade” são palavras e ideias bastante utilizadas atualmente e parecem ser vistas por sociólogos e teóricos como características das sociedades contemporâneas ou da modernidade tardia.

De acordo com Woodward (2012), “a representação, como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia” (WOODWARD, 2012, p.18).

E ainda segundo a autora,

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. WOODWARD, 2012, p.17-18).

A autora analisa a globalização e os processos associados com mudanças globais, bem como a história, mudança social e movimentos políticos. Faz referência a autores que argumentam que “as crises de identidade, se apresentam como características da modernidade tardia e que sua centralidade atual só faz sentido quando vistas no contexto das transformações globais que têm sido definidas como características da vida contemporânea” (GIDDENS, 1990, apud WOODWARD, 2012, p.21).

Robins (1997)

Argumenta que o fenômeno da globalização envolve uma extraordinária transformação. Segundo ele, as velhas estruturas dos estados e das comunidades nacionais entraram em colapso, cedendo lugar a uma crescente “transnacionalização da vida econômica e cultural”. A globalização envolve uma interação entre fatores econômicos e culturais, causando mudanças nos padrões de produção e consumo, as quais, por sua vez, produzem identidades novas e globalizadas. Essas novas identidades, caricaturalmente simbolizadas, às vezes, pelos jovens que comem hambúrgueres do McDonald’s e que andam pela rua de Walkman, formam um grupo de

“consumidores globais” que podem ser encontrados em qualquer lugar do mundo e que mal se distinguem entre si (WOODWARD, 2012, p.21).

De acordo com Woodward (2012, p.21), “a homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local”.

A autora apresenta ainda o resultado destas mudanças na economia global que promove uma dispersão das demandas ao redor do mundo, tanto em termos de bens e serviços, como também de mercados de trabalho. Refere ao processo de migração de trabalhadores, de forma mais acelerada na globalização, uma vez que “motivadas pela necessidade econômica, as pessoas tem se espalhado pelo globo, de forma que “a migração internacional é parte de uma revolução transnacional que está remodelando as sociedades e a política ao redor do globo”(CASTLES & MILLER,1993, apud WOODWARD, 2012, p.22).

Segundo Woodward (2012, p.22), “essa dispersão das pessoas ao redor do globo produz identidades que são moldadas e localizadas em diferentes lugares e por diferentes lugares. Essas novas identidades podem ser desestabilizadas, mas também desestabilizadoras”.

Considerando a questão referente à crise de identidade, para Woodward (2012) enquanto, nos anos 70 e 80, a luta política era descrita e teorizada em termos de ideologias em conflito, ela se caracteriza agora, mais provavelmente, pela competição e pelo conflito entre as diferentes identidades, o que tende a reforçar o argumento de que existe uma crise de identidade no mundo contemporâneo (WOODWARD, 2012, p.26).

Hall (2006, p. 14), ao falar de cultura nacional e do sentido de nação, diz que “as culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre "a nação", sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades”.

Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. Como argumentou Benedict Anderson (1983), a identidade nacional é uma "comunidade imaginada" (HALL, 2006, p.14).

Para Bhabha (1990, p.1) "as nações, tais como as narrativas, perdem suas origens nos mitos do tempo e efetivam plenamente seus horizontes apenas nos olhos da mente".

Hall (2006) buscando exemplificar “a questão da identidade como uma comunidade imaginada”, apresenta cinco elementos sobre a narrativa da cultura nacional.

O autor apresenta um primeiro aspecto em que “há a narrativa da nação, tal como é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular”. E que:

essas fornecem uma série de estórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou representam as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação. Como membros de tal "comunidade imaginada", nos vemos, no olho de nossa mente, como compartilhando dessa narrativa. Ela dá significado e importância à nossa monótona existência, conectando nossas vidas cotidianas com um destino nacional que preexiste a nós e continua existindo após nossa morte (HALL, 2006, p.14).

No segundo aspecto, “há a ênfase nas origens, na continuidade, na tradição e na intemporalidade”. Neste sentido “a identidade nacional é representada como primordial”, “está lá, na verdadeira natureza das coisas”, algumas vezes adormecida, mas sempre pronta para ser “acordada” de sua “longa, persistente e misteriosa sonolência”, para reassumir sua inquebrantável existência (GELLNER, 1983, p. 48). Os elementos essenciais do caráter nacional permanecem imutáveis, apesar de todas as vicissitudes da história. Está lá desde o nascimento, unificado e contínuo, “imutável” ao longo de todas as mudanças, eterno. (HALL, 2006, p.14)

Ele apresenta a terceira estratégia discursiva como,

constituída por aquilo que Hobsbawm e Ranger chamam de invenção da tradição: “Tradições que parecem ou alegam ser antigas são muitas vezes de origem bastante recente e algumas vezes inventadas... Tradição inventada significa um conjunto de práticas ... , de natureza ritual ou simbólica, que buscam inculcar certos valores e normas de comportamentos através da repetição, a qual, automaticamente, implica continuidade com um passado histórico adequado” (HALL, 2006, p.14).

O quarto exemplo de narrativa da cultura nacional apresentado por Hall é a do mito fundacional:

uma estória que localiza a origem da nação, do povo e de seu caráter nacional num passado tão distante que eles se perdem nas brumas do tempo, não do tempo “real”, mas de um tempo “mítico”. Tradições inventadas tornam as confusões e os desastres da história inteligíveis, transformando a desordem em “comunidade” e desastres em triunfos. [...] Mitos de origem também ajudam povos desprivilegiados a “conceberem e expressarem seu ressentimento e sua satisfação em termos inteligíveis”. [...] Eles fornecem uma narrativa através da qual uma história alternativa ou uma contranarrativa, que precede às rupturas da colonização, pode ser construída. [...] Novas nações são, então, fundadas sobre esses mitos. (Digo “mitos” porque, como foi o caso com muitas nações africanas que emergiram depois da descolonização, o que precedeu à colonização não foi “uma única nação,

um único povo", mas muitas culturas e sociedades tribais diferentes) (HALL, 2006, p.15).

O quinto aspecto apresentado por ele com referência à identidade nacional é que esta é “muitas vezes simbolicamente baseada na ideia de um povo ou folk puro, original. Mas, nas realidades do desenvolvimento nacional, é raramente esse povo (folk) primordial que persiste ou que exercita o poder” (HALL, 2006, p.15).

Como forma de visualizar tais argumentos, podemos citar o filme brasileiro “Os Narradores de Javé”³, que em seu enredo apresenta narrativas em que pessoas de grupos distintos buscam recriar o passado da comunidade. No entanto, conforme cada relato é feito podemos analisar as diferentes perspectivas de tais narradores, observando-se aqui os argumentos feitos por Hall (2006). Exemplos: a história mítica, a passionalidade na reconstrução do passado, a recriação imaginária de território e sociedade ancestrais, etc.

De acordo com Hall (2006), o discurso da cultura nacional constrói identidades de modo ambíguo, em relação ao passado e ao futuro, pois ao mesmo tempo em que tenta se firmar nas glórias do passado, apresenta o impulso por avançar para a modernidade.

Ele afirma que “as culturas nacionais são tentadas, algumas vezes, a se voltar para o passado, a recuar defensivamente para aquele "tempo perdido", quando a nação era "grande"; são tentadas a restaurar as identidades passadas”. (HALL, 2006, p.15)

Continuando com sua análise a cerca da “comunidade imaginada”, ele se refere ao fenômeno que pode estar ocorrendo na Europa Oriental, onde as áreas que se separaram da antiga União Soviética, vem reafirmando suas identidades étnicas essenciais, bem como reivindicando uma nacionalidade baseada em “estórias”, que segundo ele, são algumas vezes bastante duvidosas, “de origens míticas, de ortodoxia religiosa e de pureza racial” (HALL 2006, p.15). No entanto ele diz que essas “estórias” podem estar utilizando a nação, no intuito de competir com outras “nações” étnicas e poder, desta forma, entrar no rico “clube” do Ocidente.

Já para Immanuel Wallerstein⁴ (1984),

os nacionalismos do mundo moderno são a expressão ambígua [de um desejo] por... assimilação no universal... e, simultaneamente, por... adesão ao particular, à reinvenção das diferenças. Na verdade, trata-se de um

³NARRADORES de Javé. Direção: Eliane Caffé. Produção: Vânia Catani e Bananeira Filmes. Intérpretes: José Dumont, Matheus Nachtergaele, Néelson Dantas, Rui Resende, Gero Camilo, Luci Pereira, Nelson Xavier, Jorge Humberto e Santos, Altair Lima, Alessandro Azevedo, Henrique, Maurício Tizumba, Orlando Vieira. Roger Avanzi. Roteiro: Luiz Alberto de Abreu e Eliane Caffé. Lançamento (Brasil): 2003. Distribuição: Lumière e Riofilme. DVD. (100 min.), son., color.

⁴ WALTERSTEIN, I. *The Politics of the World Economy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

universalismo através do particularismo e de um particularismo através do universalismo (WALLERSTEIN, 1984, p.166-167).

Desta forma, percebe-se como esse fenômeno que vem ocorrendo na modernidade tardia, o universalismo, perpassa pelo particularismo e vice versa.

Hall (2006) citando Ernest Renan⁵ em seu ensaio sobre o tema diz que: “devemos ter em mente esses três conceitos, ressonantes daquilo que constitui uma cultura nacional como uma "comunidade imaginada": as memórias do passado; o desejo por viver em conjunto; a perpetuação da herança”.

Em relação a identidade nacional, não tem importância se os seus membros são diferentes em termos de classe, gênero ou raça; o que a cultura nacional busca fazer é unificá-los “numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional”. No entanto, faz o seguinte questionamento: “mas seria a identidade nacional uma identidade unificadora desse tipo, uma identidade que anula e subordina a diferença cultural”? (HALL, 2006, p.16)

Ele afirma que “uma cultura nacional nunca foi um ponto de lealdade, união e identificação simbólica”, pois ela é representante de uma estrutura de poder cultural. Diante disto ele passa a analisar alguns pontos: primeiro que a grande maioria das nações consiste de culturas separadas e que foram se unificando ao longo de conquista violenta, “isto é, pela supressão forçada da diferença cultural” (HALL, 2006, p.16).

Neste contexto cada conquista subjugou os povos conquistados e suas culturas, bem como os costumes, línguas e tradições e impôs uma cultura hegemônica, mais unificada.

Ele aponta o que observou Ernest Renan:

esses começos violentos que se colocam nas origens das nações modernas têm, primeiro, que ser "esquecidos", antes que se comece a forjar a lealdade com uma identidade nacional mais unificada, mais homogênea. Assim, a cultura "britânica" não consiste de uma parceria igual entre as culturas componentes do Reino Unido, mas da hegemonia efetiva da cultura "inglesa", localizada no sul, que se representa a si própria como a cultura britânica essencial, por cima das culturas escocesas, galesas e irlandesas e, na verdade, por cima de outras culturas regionais. (HALL, 2006, p.16).

O segundo ponto analisado por ele é que as nações são sempre compostas de diferentes classes sociais e diferentes grupos étnicos e de gênero.

Diante disto afirma que o nacionalismo britânico moderno é o resultado de um esforço coordenado, durante o “alto período imperial e o período vitoriano tardio”, no intuito de

⁵ RENAN, E. "*What is a nation?*". In Bhabha, H. (org.) *Narrating the Nation*. Londres: Routledge, 1990.

“unificar as classes ao longo de divisões sociais, ao provê-las como único ponto alternativo de identificação – pertencimento comum à família da nação”. (HALL, 2006, p.16)

Em terceiro lugar aponta que “as nações ocidentais modernas, foram também os centros de impérios ou de esferas neoimperiais de influência, exercendo uma hegemonia cultural sobre as culturas dos colonizados”. (HALL, 2006, p. 17)

Neste aspecto, não se deve pensar as culturas nacionais, como unificadas, mas considerá-las “como constituindo um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade” (HALL, 2006, p.16). Uma vez que para ele, estas são atravessadas por divisões e diferenças internas, sendo “unificadas” apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural.

O autor fazendo uma analogia das identidades nacionais com o pensamento lacaniano diz que:

como nas fantasias do eu "inteiro" de que fala a psicanálise lacaniana identidades nacionais continuam a ser representadas como unificadas. Uma forma de unificá-las tem sido a de representá-las como a expressão da cultura subjacente de "um único povo". A etnia é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais — língua, religião, costume, tradições, sentimento de "lugar" — que são partilhadas por um povo. (HALL, 2006, p.17).

Em relação à raça ele diz que se torna muito mais difícil unificar a identidade nacional, uma vez que,

contrariamente à crença generalizada — a raça não é uma categoria biológica ou genética que tenha qualquer validade científica. Há diferentes tipos e variedades, mas eles estão tão largamente dispersos no interior do que chamamos de "raças" quanto entre uma "raça" e outra. A diferença genética — o último refúgio das ideologias racistas — não pode ser usada para distinguir um povo do outro (HALL, 2006, p.17).

Ele apresenta a raça como uma categoria discursiva e não biológica. Ou seja,

ela é a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas — cor da pele, textura do cabelo, características físicas e corporais, etc. — como marcas simbólicas, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro (HALL, 2006, p.17).

Em relação à raça ele diz que “nos últimos anos as noções biológicas sobre raça, entendida, como constituída de espécies distintas, têm sido substituídas por definições culturais”. Desta forma, tem possibilitado que a raça desempenhe um papel importante nos discursos sobre nação e identidade nacional.

Para ele apesar de na maioria dos países europeus existirem uma mistura de “sangues”, e mesmo “quando o conceito de “raça” é usado dessa forma discursiva mais ampla, as nações modernas teimosamente se recusam a ser determinadas por ela” (HALL, 2006, p.18).

Diante do exposto, ele descarta a ideia da nação ser uma identidade cultural unificada, pois estas não subordinam todas as outras formas de diferença e também “não estão livres do jogo de poder, de divisões e contradições interna, de lealdades e de diferenças sobrepostas”. O autor sugere que ao discutir, se as identidades nacionais estão deslocadas, deve-se atentar para a forma pela qual as culturas nacionais contribuem para “costurar” as diferenças numa identidade.

Assim como Woodward (2012), também Hall (2006), em relação ao deslocamento das identidades culturais nacionais, aponta para o fenômeno da globalização, como sendo o fator desencadeador deste descentramento.

Para elucidar a questão, traremos o conceito de globalização apresentado por Giddens (1991).

Este define a globalização como sendo “a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa” (GIDDENS, 1991, p.60).

Ele afirma que

A transformação local é tanto uma parte da globalização quanto a extensão lateral das conexões sociais através do tempo e do espaço. Assim, quem quer que estude as cidades hoje em dia, em qualquer parte do mundo, está ciente de que o que ocorre numa vizinhança local tende a ser influenciado por fatores — tais como dinheiro mundial e mercados de bens — operando a uma distância indefinida da vizinhança em questão. O resultado não é necessariamente, ou mesmo usualmente, um conjunto generalizado de mudanças atuando numa direção uniforme, mas consiste em tendências mutuamente opostas. (GIDDENS, 1991, p.60-61).

Hall (2006, p.18) afirma que “essas novas características temporais e espaciais, que resultam na compressão de distâncias e de escalas temporais, estão entre os aspectos mais importantes da globalização a ter efeito sobre as identidades culturais”.

Ele apresenta três possíveis consequências da globalização sobre as identidades culturais, sendo estas:

As identidades nacionais estão se desintegrando, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do "pós-moderno global".

As identidades nacionais e outras identidades "locais" ou particularistas estão sendo reforçadas pela resistência à globalização.

As identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades — híbridas — estão tomando seu lugar (HALL, 2006, p.18).

Silva (2012) apresenta de forma bastante interessante a sua concepção de identidade e diferença. Segundo este autor, “o multiculturalismo apoia-se em um vago e benevolente apelo à tolerância e ao respeito para com a diversidade e a diferença”.

Parece difícil que uma perspectiva que se limita a proclamar a existência da diversidade possa servir de base para uma pedagogia que coloque no seu centro a crítica política da identidade e da diferença. Na perspectiva da diversidade, a diferença e a identidade tendem a ser naturalizadas, cristalizadas, essencializadas. São tomadas como dados ou fatos da vida social diante dos quais se deve tomar posição (SILVA, 2012, p.73).

Segundo ele o que espera é que se tenha respeito e tolerância para com a diversidade e a diferença.

Neste viés o autor se propõe a problematizar a identidade e a diferença.

Diz que neste caso o conceito de identidade seria:

simplesmente aquilo que se é: "sou brasileiro", "sou negro", "sou heterossexual", "sou jovem", "sou homem" . A identidade assim concebida parece ser uma positividade ("aquilo que sou"), uma característica independente, um "fato" autônomo. Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é autocontida e autossuficiente (SILVA, 2012, p.74).

Nesta mesma linha de raciocínio, também a diferença é concebida como “entidade independente”, neste caso, em oposição à identidade, a diferença seria aquilo que o outro é: "ela é italiana", "ela é branca", "ela é homossexual", "ela é velha", "ela é mulher". Da mesma forma que a identidade, a diferença é, nesta perspectiva, concebida como autorreferenciada, como algo que remete a si própria. A diferença, tal como a identidade, simplesmente existe (SILVA, 2012, p.74).

Silva (2012, p.75) afirma que a identidade e diferença estão em uma relação de estreita dependência. No entanto a forma afirmativa como expressamos a identidade tende a esconder essa relação. “Quando digo "sou brasileiro" parece que estou fazendo referência a uma identidade que se esgota em si mesma "Sou brasileiro" – ponto”. Só fazemos tal afirmativa por que existem outros seres humanos que não são brasileiros.

De acordo com ele “a afirmação “sou brasileiro”, na verdade, é parte de extensa cadeia de negações, de expressões negativas de identidade, de diferença”. Atrás desta afirmação, o que se tem é a negação, “não sou argentino”, “não sou chinês”.

As afirmações sobre diferença também dependem de uma cadeia, em geral oculta, de declarações negativas sobre (outras) identidades. Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis. (SILVA, 2006, p.75)

Para o autor, se considerarmos a diferença como um produto derivado da identidade, a tendência é considerar “que somos a norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos”. No entanto, a perspectiva do autor é de apresentar a identidade e a diferença como mutuamente determinadas. Desta forma, o autor propõe que, por esta visão, é a diferença que vem em primeiro lugar. (SILVA, 2012, p.76)

para isso seria preciso considerar a diferença não simplesmente como resultado de um processo, mas como o processo mesmo pelo qual tanto a identidade quanto a diferença (compreendida, aqui, como resultado) são produzidas. Na origem estaria a diferença- compreendida, agora, como ato ou processo de diferenciação. É precisamente essa noção que está no centro da conceituação linguística de diferença (SILVA, 2012, p.76).

A identidade e a diferença, além de serem interdependentes, são também o resultado de atos de criação linguística. Isto significa “dizer que não são “elementos” da natureza, que não são essências, que não são coisas que estejam simplesmente aí, à espera de serem reveladas ou descobertas, respeitadas ou toleradas”. (SILVA, 2012, p.76)

A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais (SILVA, 2012, p.76).

Ele aponta que tendemos a tomar a identidade e a diferença como “fatos da vida” e com frequência esquecemos que a identidade e a diferença tem que ser nomeadas.

é apenas por meio de atos de fala que instituímos a identidade e a diferença como tais. A definição da identidade brasileira, por exemplo, é o resultado da criação de variados e complexos atos linguísticos que a definem como sendo diferente de outras identidades nacionais (SILVA, 2012, p.77).

Silva (2012), referenciando as reflexões de Ferdinand de Saussure, diz que “a linguagem é, fundamentalmente, um sistema de diferenças”. Continua a apresentar o pensamento saussureano, que diz que os signos, que constituem uma língua não têm qualquer valor absoluto, não fazem sentido se considerados isoladamente.

Ele só adquire valor - ou sentido - numa cadeia infinita de outras marcas gráficas ou fonéticas que são diferentes dele. O mesmo ocorre se consideramos o significado que constitui um determinado signo, isto é, se consideramos seu aspecto conceitual. O conceito de

"vaca" só faz sentido numa cadeia infinita de conceitos que não são "vaca". Tal como ocorre com o conceito "sou brasileiro", a palavra "vaca" é apenas uma maneira conveniente e abreviada de dizer "isto não é porco", "não é árvore", "não é casa" e assim por diante. Em outras palavras, a língua não passa de um sistema de diferenças. (SILVA, 2012, p.77-78)

Desta forma, para o autor “em contraste com a ideia de diferença como produto”, reencontramos “a noção de diferença como operação ou processo básico de funcionamento da língua”. (SILVA, 2012, p.78)

O autor citando Derrida, em relação a ideia de traço, diz que “o signo carrega não apenas o traço daquilo que ele substitui, mas também o traço daquilo que ele não é, ou seja, precisamente da diferença”.

Isso significa que nenhum signo pode ser simplesmente reduzido a si mesmo, ou seja, à identidade. Se quisermos retomar o exemplo da identidade e da diferença cultural, a declaração de identidade "sou brasileiro", ou seja, a identidade brasileira, carrega, contém em si mesma, o traço do outro, da diferença - "não sou italiano", "não sou chinês" etc. A mesmidade (ou a identidade) porta sempre o traço da outridade (ou da diferença). (SILVA, 2012, p.79)

Podemos assim dizer, que “o signo é caracterizado pelo diferimento ou adiamento (da presença) e pela diferença (relativamente a outros signos)”, características estas que são encontradas no conceito de *différance* em Derrida. Este diferimento e adiamento remetem-nos a uma estrutura de linguagem instável, vacilante e “ansiamos pela presença - do significado, do referente (a coisa à qual a linguagem se refere)”. (SILVA, 2012, p.80)

Desta forma “na medida em que não pode, nunca, nos fornecer essa desejada presença, a linguagem é caracterizada pela indeterminação e pela instabilidade”. (SILVA, 2012, p.80)

Para o autor na medida em que são definidas por meio da linguagem, a identidade e a diferença não podem deixar de ser marcadas, também, pela indeterminação e pela instabilidade e desta forma pode-se afirmar que “a identidade e a diferença são tão indeterminadas e instáveis quanto a linguagem da qual dependem”. (SILVA, 2012, p.80)

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA

Neste capítulo, trataremos das questões relacionadas à metodologia utilizada na pesquisa. Como forma de situar o ambiente da pesquisa, optamos por apresentar, na primeira parte do capítulo, a descrição da comunidade do Taquaral, os primeiros contatos, as principais características demográficas e sócio-históricas. Logo em seguida, trataremos dos métodos e procedimentos utilizados na coleta de dados.

3.1. A COMUNIDADE DO TAQUARAL: LOCAL DA PESQUISA

A comunidade do Taquaral fica na zona rural de Três Corações, a 10 km dessa cidade e próximo ao município de Cambuquira.

A cidade de Três Corações está localizada ao Sul de Minas Gerais, sendo banhada por vários córregos e ribeirões e, principalmente, pelo Rio Verde, Rio do Peixe, Rio Palmela e Rio Lambari. Em seus limites territoriais constam ao Norte os municípios de Varginha à 30 Km (trinta quilômetros) e Carmo da Cachoeira à 35 Km (trinta e cinco quilômetros); ao Sul constam os municípios de Conceição do Rio Verde à 44 Km (quarenta e quatro quilômetros) e Cambuquira à 18 Km (dezoito quilômetros); ao Leste temos os municípios de São Bento Abade 34 Km (trinta e quatro quilômetros) e São Tomé das Letras à 38 Km (trinta e oito quilômetros) e, finalmente à Oeste constam os municípios de Campanha à 36 Km (trinta e seis quilômetros) e Monsenhor Paulo à 46 Km (quarenta e seis quilômetros) (IBGE, 2012).

O município está localizado de forma privilegiada e fica equidistante das três mais importantes capitais do Brasil sendo à 287 Km de Belo Horizonte – MG, à 295 Km de São Paulo – SP e 366 Km do Rio de Janeiro – RJ (IBGE, 2012).

O município tem uma população total de 72.765 habitantes segundo o censo do IBGE de 2012, concentrando 90,5% (noventa e meio por cento) da população em área urbana, ou seja, 65.852 pessoas e somente 9,5% (nove e meio por cento) da população distribuídas na área rural, totalizando 6.913 pessoas. O município também é conhecido como a terra onde nasceu o Rei Pelé (IBGE, 2012; PEREIRA, 2012).

Em relação à comunidade do Taquaral, segundo relato e mapa das casas confeccionado pela historiadora Márcia Fonseca, existem cerca de 55 residências naquela

localidade. Os moradores são descendentes de escravos. Conta a historiadora que eles trabalhavam na fazenda do avó dela, Sr. Francisco Antônio da Fonseca, mais conhecido como Chico Antônio.

Segundo ela, pouco antes da Lei Áurea, como seu avô era tropeiro e viajava muito para a corte, ele já tinha conhecimento de que os negros seriam alforriados. E diante disto ele, antecipadamente, doou as terras ao longo de dois córregos, o córrego da Besta e Ribeirão da Abadia e já foi acomodando-os por ali. Quando ocorreu a Lei Áurea, aqueles que quiseram fixaram residência e permaneceram ali. Desta forma o que ocorreu, neste contexto, foi uma doação apalavrada.

As famílias que residem atualmente no Taquaral são descendentes diretos de escravos que por muitas gerações trabalharam para os membros da família Fonseca.

Relatos colhidos para nossa pesquisa e as entrevistas e conversas registradas com duas senhoras, as mais idosas da comunidade do Taquaral, dona Ana Maria da Cruz e dona Inácia, referem-se à história semelhante à contada por d. Márcia. Relatam que as terras onde moram hoje foram passando de pai para filho, e eles iam casando e se alojando por ali mesmo.

O nome Taquaral, segundo dona Ana, veio do costume de trabalhar a taquara, planta nativa da região, com as quais eles faziam balaio, esteira e apetrechos para utilizarem na colheita do café.

Sabe-se que ainda hoje, existe na comunidade da Cota, vizinha do Taquaral, uma família que continua o trabalho com bambu e este ensinamento vem sendo transmitido de pai para filho, sendo que, hoje, o artesanato produzido por essa família, é comprado principalmente por comerciantes de Cambuquira, que os revende.

Até os dias atuais, os moradores dessa comunidade continuam a tirar o seu sustento do trabalho no campo, porém alguns deles, principalmente as mulheres, se deslocam para a cidade para trabalharem como domésticas.

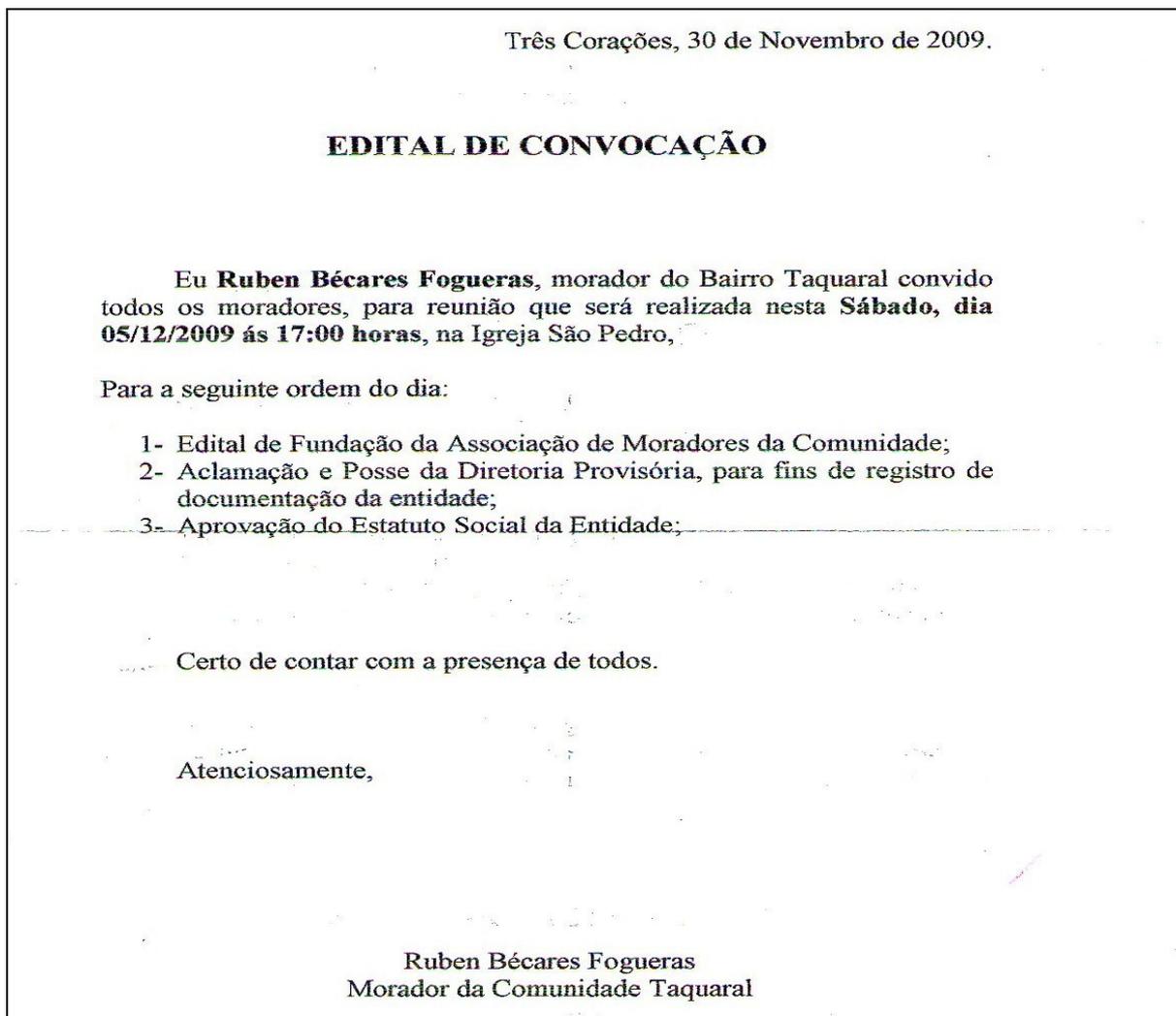
Constatou-se pelas entrevistas que mesmo os jovens que concluíram o ensino médio, muitos continuam a trabalhar no mercado informal, como babás ou empregados domésticos. E de acordo com esses jovens eles percebem certo receio dos moradores da cidade em contratá-los para o mercado formal, o que eles consideram um tipo de discriminação por morarem na zona rural.

Durante a coleta de dados para a pesquisa, tivemos acesso a documentos que, além de registrarem a história pregressa da comunidade, também fazem referência à organização social da comunidade, assim como o registro no ano de 2009 da iniciativa de organização da Associação dos Moradores do Taquaral.

Sabe-se que no ano de 2009 foi realizado no Taquaral o 1º Seminário de Formação do Grupo Cultural Negro Nagô, que tinha como objetivo exaltar a cultura afro-brasileira, bem como despertar na população local a valorização da influência dos negros e negras para a formação e construção da sociedade brasileira e tricordiana.

Ainda nesse mesmo ano, nos dias 26 e 27 de Setembro, ocorreram vários debates na comunidade, que contaram com a presença dos professores Mohamed, de Guiné Bissau e Antônio, da Somália e de pessoas da comunidade do Taquaral e da Cota, com apresentação de várias manifestações culturais de raízes africanas, o que motivou e despertou a comunidade local a buscar e se organizar em torno das suas necessidades, principalmente ao refletirem sobre a sua ancestralidade e sonharem com a possibilidade de terem a titulação de comunidade quilombola, uma vez que descendem diretamente de escravos e vivem na mesma localidade que seus ancestrais viveram (CAMPOS, 2013).

Figura 01 - Edital de Convocação para fundação da Associação de Moradores do Taquaral.



Conforme relatado na ata da primeira reunião e de abertura dos trabalhos em 28 de novembro de 2009 aconteceu a eleição para a direção da Associação de Moradores e Proprietários da Comunidade do Taquaral (AMPCT), fundada oficialmente em 05 Dezembro de 2009.

Figura 02 - 1ª Ata de organização da Associação de Moradores e Proprietários da Comunidade do Taquaral.

Ata redigida pela Sr. Tereza Lucia E. S. Bicas
1ª Reunião
Três corações 28 novembro 2009

As 18:30 horas do dia 28 novembro 2009
foi realizado a Primeira reunião, junto aos
moradores da comunidade do Taquaral para
realizar a eleição da associação, da comunidade
Apresentando-se 2 chapas para candidatas
1ª chapa Ruben Bicas Folgueras para Presidente
Vice-terezinha de Jesus marcelino
2ª chapa Luciano Ferreira Presidente
Vice Amauri Sigueria
compareceram no local 55 eleitores.
depois do encerramento da eleição, foi
aberto a urna na presença dos moradores
com a presença do missionário presente no
local Sr. Sebastião José da Silva, o celebrante
da liturgia deste dia. Sr. Marcia Fonseca e os
dois candidatos a Presidência 1ª e 2ª chapa
sendo eleito com 41 votos Sr. Ruben Bicas Folguera
Sr. Terezinha de Jesus marcelino.
na presença dos associados foi decidido que
o restante da diretoria seria realizado junto o
orgão responsável pela fundação UTAM. com
o Edital comunicado pela rádio tropical.

Figura 03 - Ofício da AMPCT de filiação a UTAM.

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DA COMUNIDADE TAQUARAL
FUNDADA EM 05/12/2009 – COMUNIDADE TAQUARAL
CEP: 37.410-000 TRÊS CORAÇÕES – MG.

Ofício: 02/2009
VIA UTAM

Assunto: Solicitação (faz)

Três Corações, 10 de Dezembro de 2009.

Prezada Senhora,

A Associação de Moradores da Comunidade Taquaral, vem por meio de seu presidente o Sr. Ruben Bécares Folgueiras, solicitar de V.Sa. a filiação de uma Associação de Moradores Rural na União Tricordiana das Associações de Moradores – UTAM, pois vimos a importância de estarmos junto a esta Entidade fortalecendo assim nossos laços, buscamos um bem comum para todos de nossa Comunidade que é Colombal, junto ao poderes executivo, legislativo e judiciário de nossa Cidade

Sem mais para o momento..

Atenciosamente,


Ruben Bécares Folgueiras
Presidente da Associação de Moradores da Comunidade Taquaral

A
Sra. Idê de Jesus Silva Toledo
DD Presidente da UTAM
Nesta

Recebi em 11/12/09
[Handwritten signature]

Em relação ao cotidiano na comunidade observa-se na fala dos moradores e entrevistados a ausência do poder público, pois falta escola de educação infantil (creche), posto de saúde, saneamento e transporte adequado, o que tem dificultado a vida no Taquaral.

Não identificamos na comunidade alternativas de lazer para as famílias e os jovens. Fica nítido na fala dos adolescentes e jovens entrevistados que a única distração a que tem acesso, são os programas televisivos, sendo os canais mais vistos a Globo, SBT e Record e o acesso às redes sociais, via telefone celular.

Outra forma de participação destes jovens são as atividades religiosas que acontecem na comunidade, tais como a catequese de crianças em que participam como catequistas.

Consta na localidade uma pequena capela, onde as famílias se reúnem aos domingos para a missa, um campo de futebol e dois bares com mesa de sinuca.

Também existe nesta comunidade uma escola de ensino fundamental, cujo nome é Escola Municipal Nelson Rezende Fonseca. Este nome foi dado em homenagem ao pai da historiadora Márcia Fonseca.

Não existe escola de ensino médio para os adolescentes e jovens da comunidade, tendo estes que se deslocarem ao município de Três Corações, caso queiram continuar a estudar. Ou seja, ao chegarem à adolescência esses meninos e meninas se deslocam do contexto onde viveram até então suas experiências escolares e de interação social, para se inserirem em outro contexto, o da escola urbana.

Durante a pesquisa conhecemos um projeto bastante interessante que é desenvolvido com as crianças da Escola Municipal Nelson Resende Fonseca, pela D. Márcia Fonseca, com a concordância da diretora da escola. Trata-se do resgate das tradições culturais de matriz africana, tais como a congada, a folia de reis e a catira. O que segundo informações da diretora e da executora do projeto, tem estimulado a autoestima dessas crianças, uma vez que as mesmas são levadas a ambientes urbanos para se apresentarem, mostrando assim os seus potenciais.

Introduzindo a questão da cultura e identidade no universo da comunidade quilombola, apresentaremos alguns conceitos para melhor compreensão desta temática.

3.1.1 Comunidade Quilombolas

O que são comunidades quilombolas?

O termo “remanescente de comunidades quilombolas” surge na assembleia constituinte de 1988, período do processo de redemocratização do país.

O quilombo é trazido para a pauta do debate travada pelo movimento negro e por parlamentares envolvidos no processo da luta antirracista. Esse debate não foi apenas para a discussão da propriedade fundiária, mas principalmente pelo resgate de uma dívida histórica da nação brasileira com os afrodescendentes, durante o período da escravidão no Brasil.

O artigo 68 da Constituição Federal dispõe que: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos.” No entanto, o termo “remanescente” trazendo a conotação de algo do passado, que já não existe e o termo “quilombo” como unidade fechada, coesa, de resistência, remetendo à estrutura do Quilombo de Palmares, trouxeram algumas restrições. Isso por que a expressão não denominava a autoidentificação desses grupos e por tratar-se de uma identidade ainda a ser politicamente construída.

Foram necessários muitos embates e lutas entre os grupos conservadores que tinha interesses financeiros e o movimento negro e os defensores dessa causa, para garantir a efetividade desse direito, mas ainda existem inúmeros entraves que dificultam a esse segmento populacional o acesso à titularidade.

Segundo Brasil (2010, p.6), comunidade quilombolas “são grupos com identidade cultural própria e se formaram por meio de um processo histórico que começou nos tempos da escravidão no Brasil. Elas simbolizam a resistência a diferentes formas de dominação”.

Essas comunidades mantêm forte ligação com sua história e trajetória, preservando costumes e culturas trazidos por seus antepassados. As comunidades quilombolas compõem um conjunto maior de grupos sociais, o dos povos e comunidades tradicionais (BRASIL, 2010).

Sabe-se que a terra é o elemento fundamental e que singulariza o modo de viver e produzir das comunidades quilombolas.

Os traços de ancestralidade, resistência, memória, presente e futuro sintetizam o significado da terra para essas comunidades, “fortemente marcadas pela tradição e respeito aos bens naturais como fonte garantidora de sua reprodução física, social e econômica” (Programa Brasil Quilombola 2010, p. 6)

Segundo o Decreto n.º 6.040/2007, temos a seguinte definição:

[...] povos e comunidades tradicionais são segmentos culturalmente diferenciados, que se reconhecem como tais; possuem formas próprias de organização social, ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2010, p. 6).

Portanto, considera-se quilombola toda pessoa que se autodetermine pertencente a esse grupo:

A autodeterminação da identidade quilombola é um processo de reflexão da pessoa que pertence a um grupo historicamente constituído e que reivindica a sua identidade como membro deste grupo. É ele o descendente daqueles que construíram, no passado, as comunidades de quilombos (BRASIL, 2010, p.10).

No caso do Taquaral, além do relato oral dos moradores sobre a constituição dessa comunidade e o esforço em promover ações de resgate das tradições de matriz africana, tais como as já citadas nesse trabalho, percebe-se o desejo da comunidade em obter a titularidade de comunidade quilombola.

Percebe-se, no entanto, que muito ainda se faz necessário para que essa comunidade consiga a titulação de terra quilombola. Dentre essas a consciência de reconhecimento de pertencimento dessa comunidade pelo poder público como comunidade remanescente de quilombos, garantindo-lhes seus direitos de cidadania. E a contínua busca pela organização social do grupo ali constituído.

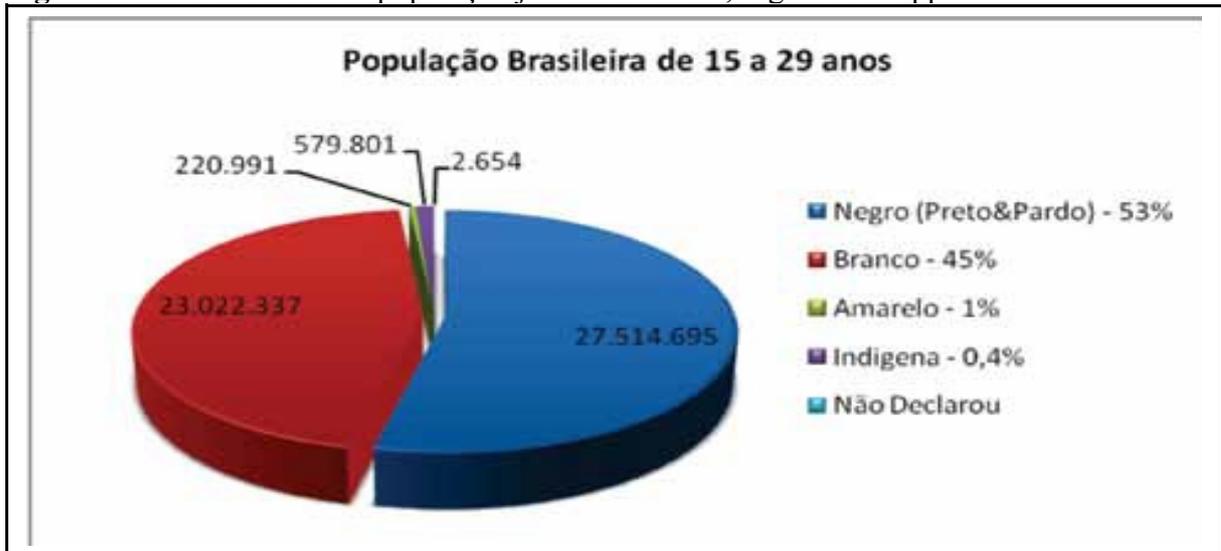
O Brasil, sendo um país com dimensões continentais, tem a presença das comunidades quilombolas na quase totalidade de seus estados, tendo como exceção, os estados do Acre e Roraima. (BRASIL, 2010)

3.1.2 Sobre a Juventude Negra no Brasil

Sabe-se que a Juventude Negra brasileira tem sua trajetória de vida marcada pela exclusão e pelas altas taxas de mortalidade. Suas oportunidades de educação, trabalho, acesso a cultura e ao lazer, assim como suas possibilidades de ascensão social são limitadas. “As capacidades, os talentos e sonhos são tolhidos sistematicamente, não só pela repressão e violência física, como também pela violência simbólica, com as quais os jovens negros e negras se deparam cotidianamente” (BRASIL/SEPPPIR, 2011, p.5).

De acordo com dados retirados de Brasil/Seppir (2011), a situação da juventude negra no Brasil é a seguinte: “O total da população jovem brasileira (homens e mulheres entre 15 e 29 anos) atualmente é de 51.340.478, o que corresponde a 26,9% do total da população do país. Dentro deste universo, 53,59% são negros (pretos e pardos), o que significa cerca de 27.514.695 de pessoas, conforme demonstra o gráfico abaixo:

Figura 05 – Gráfico sobre a população jovem brasileira, segundo a Seppir.



Fonte: BRASIL/SEPPPIR, 2011.

Segundo dados do censo 2010, o Brasil contava com uma população de 191 milhões de habitantes, dos quais 91 milhões classificaram-se como brancos (47,7%), 15 milhões pretos (7,6%), 82 milhões como pardos (43,1%), 2 milhões como amarelos (1,1%) e 817 mil indígenas (0,4%). A distribuição da população por cor ou raça obtida pelo Censo Demográfico 2010 difere daquela obtida em 2000. Percebe-se uma redução da proporção de pessoas que se declararam branca e crescimento das que se declararam pretas, pardas ou amarelas.

Algumas políticas promovidas na atualidade têm colaborado com alguns dados positivos em relação à política de inclusão, dentre elas destacamos a Lei 10.639, que torna obrigatório o ensino sobre a história e cultura dos povos africanos e afro-brasileiros, em instituições de educação do nível fundamental até o nível superior, oportunizando assim a visibilização de referenciais positivos sobre o povo negro e a negritude.

Mas ainda assim têm prevalecido índices iníquos em relação a brancos e negros, em dados de pesquisas recentes, tem-se o racismo que “impacta na configuração das condições de vida que hoje geram morte precoce para a juventude negra, a partir de lógicas de dominação política, social, material e intersubjetiva” (BRASIL/SEPPPIR, 2011, p.8).

Dados da mesma fonte, afirmam que tanto em relação ao emprego, saúde e educação, existe um índice discrepante entre brancos e negros. Como por exemplo:

a probabilidade de um jovem negro morrer assassinado antes da idade adulta é 134 vezes maior que a de um jovem branco. Quando não morrem mais cedo e sobrevivem até a terceira idade, as pessoas negras gozam dos benefícios do sistema previdenciário por menos tempo que as brancas. (BRASÍLIA, 2011, p.9).

Ainda referindo à situação de iniquidade em relação à população negra, temos que de acordo com dados retirados de BRASIL/SEPPPIR (2011), a situação da juventude negra no Brasil é a seguinte: “O total da população jovem brasileira (homens e mulheres entre 15 e 29 anos) atualmente é de 51.340.478, o que corresponde a 26,9% do total da população do país. Dentro deste universo, 53,59% são negros (pretos e pardos), o que significa cerca de 27.514.695 de pessoas.

Diante de dados tão alarmantes em relação à população negra, urge a necessidade de implementar ações afirmativas que deem conta de possibilitar à população negra o acesso em espaços historicamente inacessíveis a esse segmento, a reconfiguração dos discursos, das relações e dos próprios espaços.

Como podemos notar a resistência e a luta pelos direitos de cidadania tem sido constante no processo histórico desta etnia, para alcançar seus objetivos:

Embora tenha alcançado maior visibilidade nos últimos anos, a luta da juventude negra por cidadania e acesso à direitos não é recente no país. Esta participação se verifica desde a construção dos primeiros quilombos, das irmandades, dos clubes negros e associações de capoeira, até a formação dos primeiros sindicatos e organizações comunitárias; jovens negros e negras se fizeram presentes na luta pró-creche, na luta contra a ditadura militar, no movimento de Diretas Já, na Constituinte, assim como na formação e consolidação de partidos de esquerda. Ainda que em vários momentos da história do país sua participação tenha sido invisibilizada no conjunto dos movimentos sociais, a juventude negra se fez presente em todos os processos de organização e luta do povo brasileiro. Além de participar das formas tradicionais de organização política, a juventude negra tem protagonizado também a reinvenção de espaços, tempos e estratégias de luta, se posicionando frente a realidade também a partir de expressões artísticas e culturais, como as Irmandades e Clubes Negros, o Hip Hop, o Funk, os Blocos Afros e Afoxés, o Samba e o Rock (BRASIL/SEPPPIR, 2011, p.13).

3.2 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

A metodologia de pesquisa é de cunho etnográfico, uma vez que buscamos compreender as relações socioculturais, os saberes e práticas, bem como os comportamentos de adolescentes e jovens da comunidade do Taquaral.

Consideramos que a pesquisa realizada possa ter um caráter exploratório uma vez que é recente o desenvolvimento de pesquisa nesta comunidade. O exemplo que temos é o de Débora Figueiredo que fez um documentário sobre comunidade quilombola, cujo objetivo foi dar visibilidade a grupos minoritários como os quilombolas e o da pesquisadora Ana Paula

Campos, cuja pesquisa trata da história oral e o processo de letramento na comunidade, entre os moradores mais velhos.

Figura 6 - Registro fotográfico da última visita a Comunidade Taquaral em 25/05/2013.



Fonte: FIGUEIREDO, 2013.

Cumpra-se ressaltar que antes mesmo de se definir o *corpus* da pesquisa, várias visitas e conversas foram feitas junto aos moradores, uma vez que pensávamos em desenvolver projetos junto àquela comunidade, através do curso de graduação em serviço social.

Algumas dessas visitas foram também em função de acompanhar as duas pesquisadoras (Débora Figueiredo e Ana Paula Campos) na coleta de dados que subsidiariam a pesquisa das mesmas.

Naquelas ocasiões, ouvindo os relatos de moradores mais velhos e das lideranças da localidade que falavam da falta de recursos e de oportunidades para os jovens, surgiu o desejo de pesquisar como eles se percebiam dentro do grupo, sua identidade e visão de mundo.

Foram definidos 12 participantes selecionados de forma aleatória, compreendendo inicialmente seis (06) adolescentes e seis (06) jovens, com idades compreendidas entre 13 e 26 anos, para serem os sujeitos da pesquisa. Buscava-se construir um *corpus* compreendendo três sujeitos do sexo masculino e três do sexo feminino em cada categoria. No entanto, durante a aplicação do questionário alguns adolescentes presentes no momento da entrevista,

de forma espontânea, quiseram responder e contribuir com a pesquisa. Com isso, o número de informantes adolescentes passou a ser de oito.

Como parte integrante dessa metodologia, foram utilizados os seguintes instrumentos de pesquisa: (a) um questionário social (b) entrevistas semidirigidas e; (c) gravações em áudio.

Primeiramente aplicamos um questionário social com os sujeitos da pesquisa, pois este nos ajudaria a traçar o perfil social dessa comunidade.

As entrevistas foram feitas com um pequeno conjunto de questões, que suscitavam os mais variados tipos de respostas e conduziam à narrativa dos diferentes aspectos da vida dos adolescentes e jovens, em relação ao seu cotidiano, sonhos, etc. O que nos motivou esta abordagem é que desta forma buscava-se estabelecer um nível significativo de naturalidade na interação com os sujeitos entrevistados.

Orientados pela perspectiva etnográfica, buscamos interagir com os participantes da pesquisa de forma natural, deixando-os o mais à vontade possível, no intuito de anular o aspecto intrusivo que se estabelece entre o entrevistador e o entrevistado, uma vez que consideramos que o grau de naturalidade e de profundidade apresentados nos depoimentos dos entrevistados pode estar diretamente vinculado ao nível de naturalidade apresentado pelo pesquisador.

Apresentamos o termo de cessão e uso, bem como o de consentimento livre e esclarecido e orientamos que as entrevistas seriam gravadas para dar maior confiabilidade e fidedignidade nas transcrições das respostas *a posteriore*.

Cumpramos salientar que as transcrições foram feitas seguindo o exemplo de PAIM (2010).

Também achamos por bem apresentar no corpo do trabalho, alguns documentos da formação da associação de moradores, que foram escaneados, para demonstrar a trajetória já percorrida pela comunidade na busca de sua organização social enquanto grupo minoritário que busca a titulação de quilombolas.

CAPÍTULO 4 DAS ANÁLISES

Nesse capítulo, trataremos das análises dos dados do questionário social que aplicamos para conhecimento do modo de vida e inserção social dos adolescentes e jovens do Taquaral.

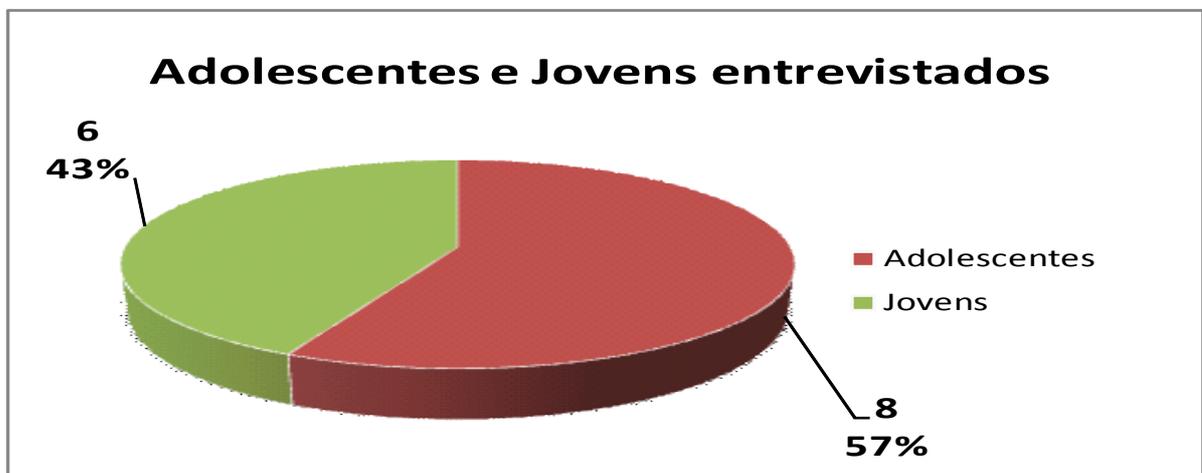
O capítulo é dividido da seguinte forma: na primeira seção, analisamos o levantamento sócio familiar, descrevemos os dados do questionário social, que nos permite conhecer a composição familiar, grau de instrução dos entrevistados e dos seus pais, lazer, renda, etc. e posteriormente, analisamos o *corpus* da pesquisa, em que selecionamos alguns excertos das entrevistas cujo foco foi o questionamento sobre a escolha do nome, o acesso às tecnologias e às redes sociais.

4.1 LEVANTAMENTO SÓCIO FAMILIAR

Nessa seção apresentaremos os dados obtidos no questionário social que traduz o perfil socioeconômico e familiar dos adolescentes e jovens entrevistados.

O primeiro ponto a ser considerado se refere à distribuição dos entrevistados definidos inicialmente, que teriam uma amostragem igual. No entanto, como mencionamos anteriormente, apresenta uma distribuição irregular, como dois entrevistados adolescentes a mais. Embora a amostra não seja homogênea, optamos por manter o número superior de adolescentes porque esses participaram das entrevistas de forma espontânea e as informações prestadas, foram relevantes para as análises a seguir.

Figura 07 – Gráfico com a distribuição dos entrevistados por categoria



Nesse gráfico fica configurado que a maioria dos sujeitos entrevistados⁶ são adolescente, sendo 08 com idades entre 13 e 18 anos (57%) e 03 jovens com idade entre 19 e 26 anos (43%).

No que diz respeito à distribuição por sexo, como ilustram os gráficos abaixo, dos adolescentes entrevistados 63% são do sexo feminino e 37% são do sexo masculino. Já os jovens são 50% do sexo masculino e 50% do sexo feminino.

Figura 08 – Gráfico com a distribuição dos Adolescentes entrevistados por Sexo

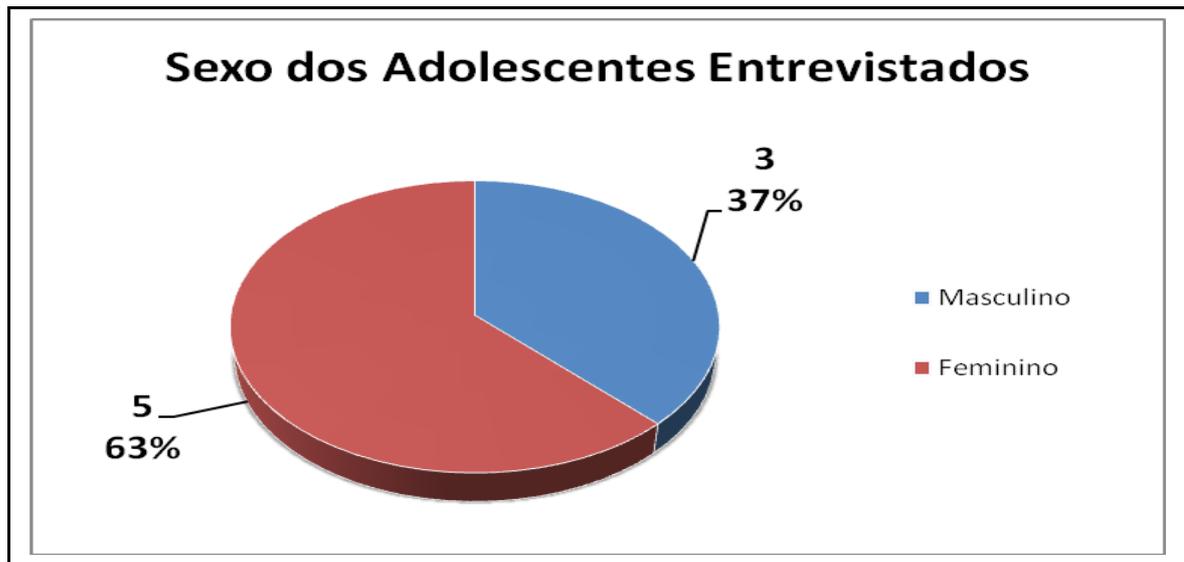
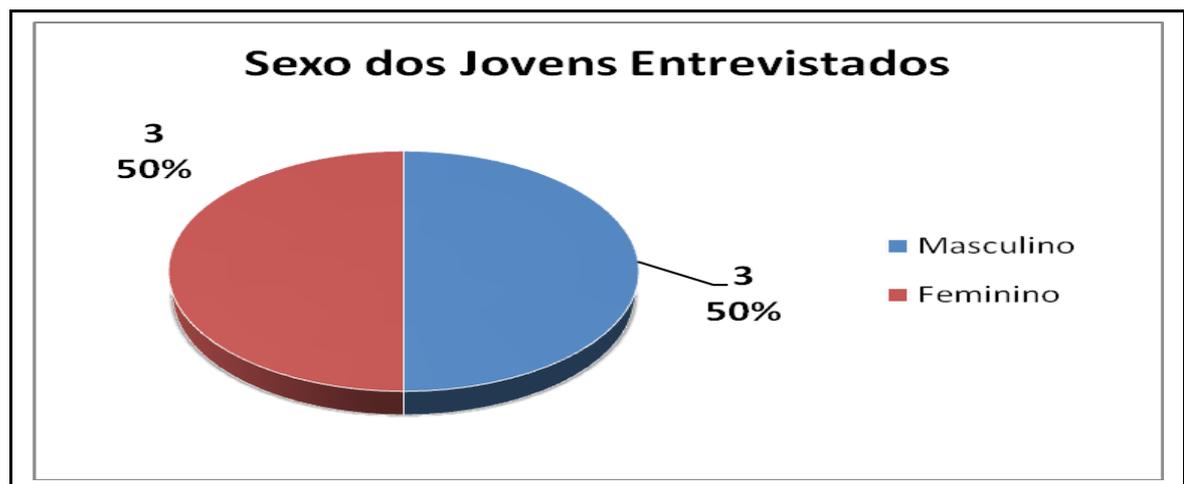


Figura 09 – Gráfico com a distribuição dos Jovens entrevistados por Sexo



Também observamos o grau de escolaridade dos entrevistados. Dos adolescentes entrevistados 12% está no 1º ano do ensino médio, 13% está na 8ª série do ensino fundamental, 13% está no 3º ano do ensino médio, 25% cursam o 9º ano do ensino

⁶ Conferir em métodos e procedimentos.

fundamental e 37% cursam o 2º ano do ensino médio. Dos jovens entrevistados, 83% têm o ensino médio completo e 17% cursaram até a 8ª série do ensino fundamental.

Figura 10 – Gráfico com a Escolaridade dos Adolescentes entrevistados

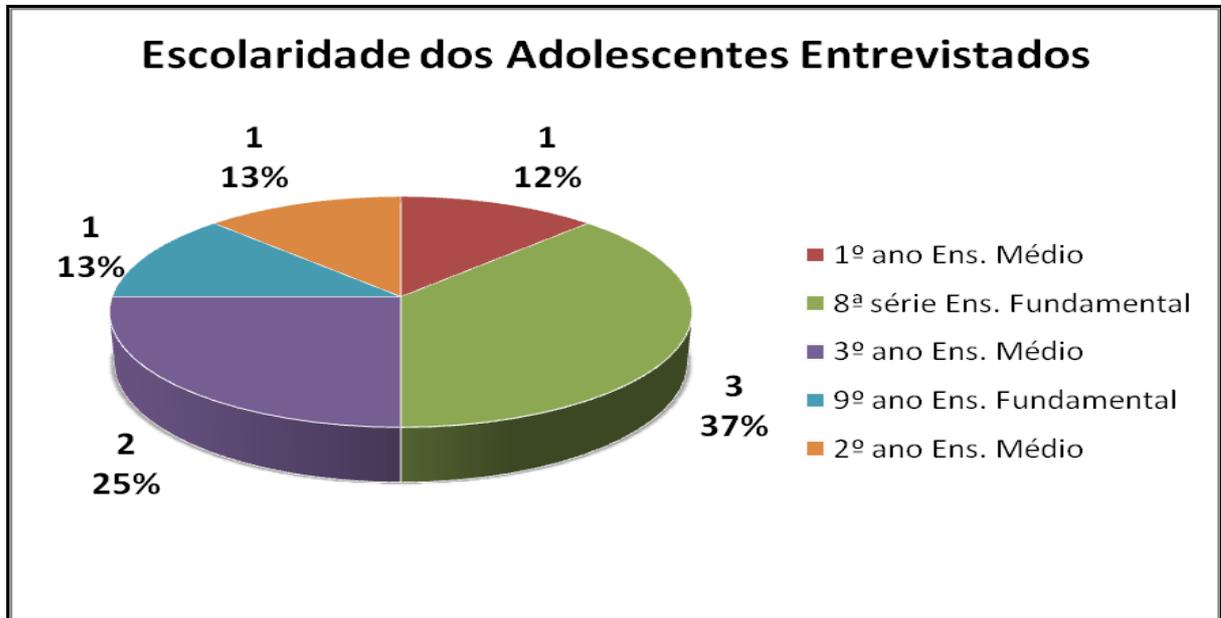
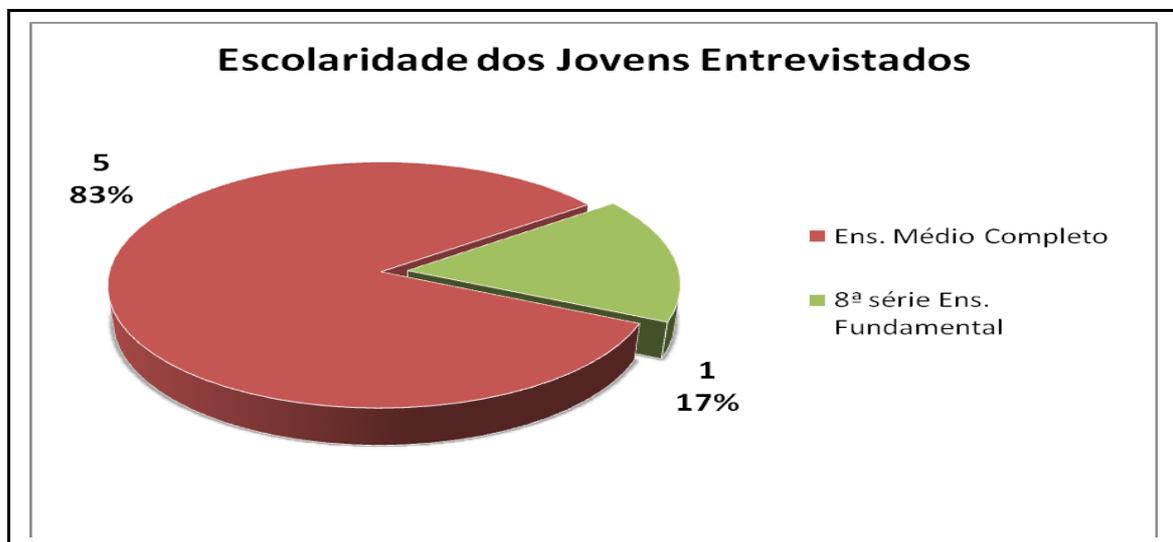


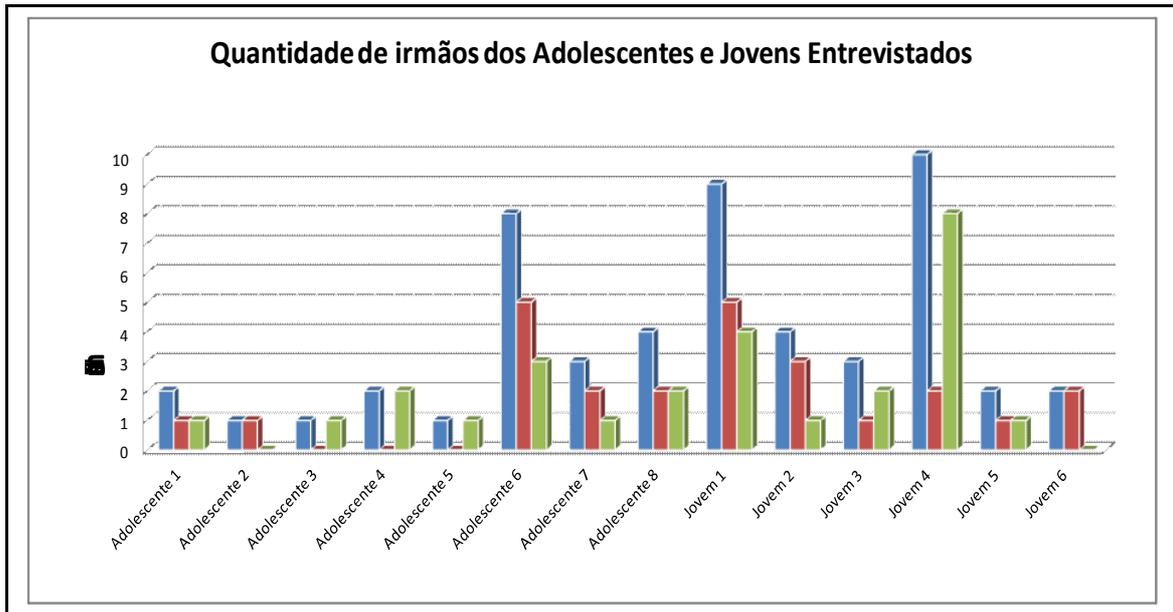
Figura 11 – Gráfico com a Escolaridade dos Jovens entrevistados



No que se refere à escolarização, observamos que tanto os adolescentes quanto jovens entrevistados apresentam bons índices de escolaridade, o que poderia favorecer a inserção no mercado de trabalho.

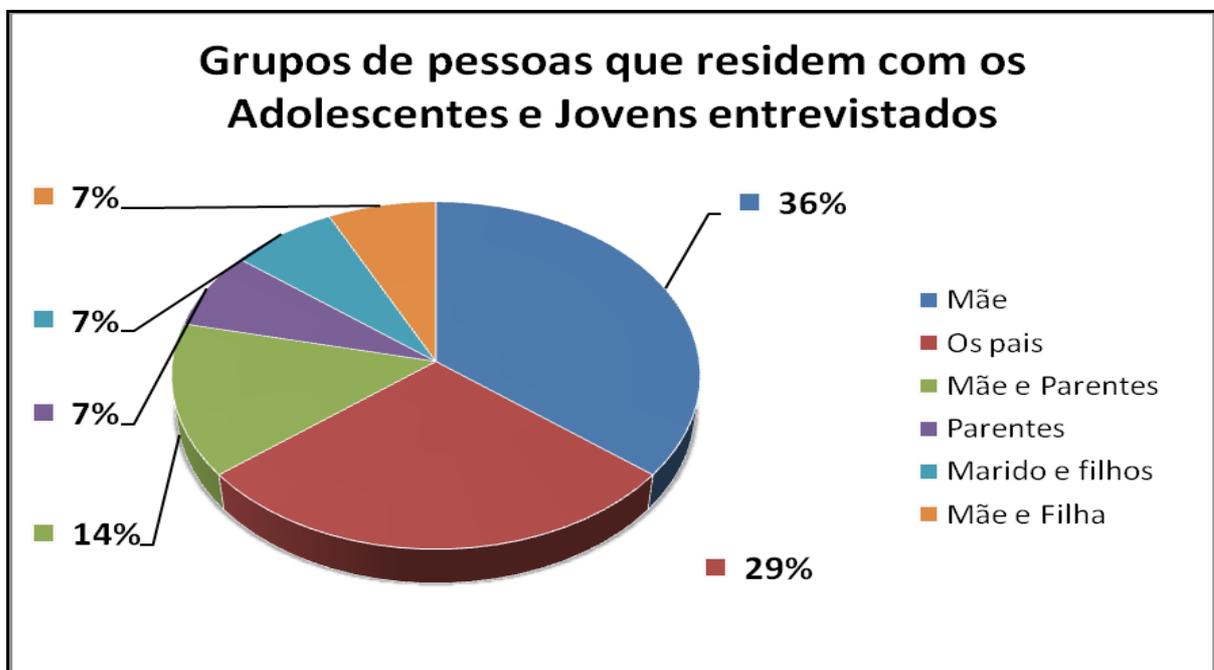
Buscamos analisar ainda a situação familiar dos entrevistados, observamos, como mostram os gráficos abaixo, o número de irmãos e outros parentes na mesma casa. Além da média de escolaridade desses membros da família.

Figura 12 – Gráfico demonstrativo da composição do número de irmãos dos entrevistados



Dos adolescentes entrevistados 05 tem em média entre um e dois irmãos, os demais adolescentes tem de 3 a 8 irmãos. Entre os jovens entrevistados há uma variação de 2 a 9 irmãos.

Figura 13 – Gráfico demonstrativo do grupo familiar dos entrevistados.

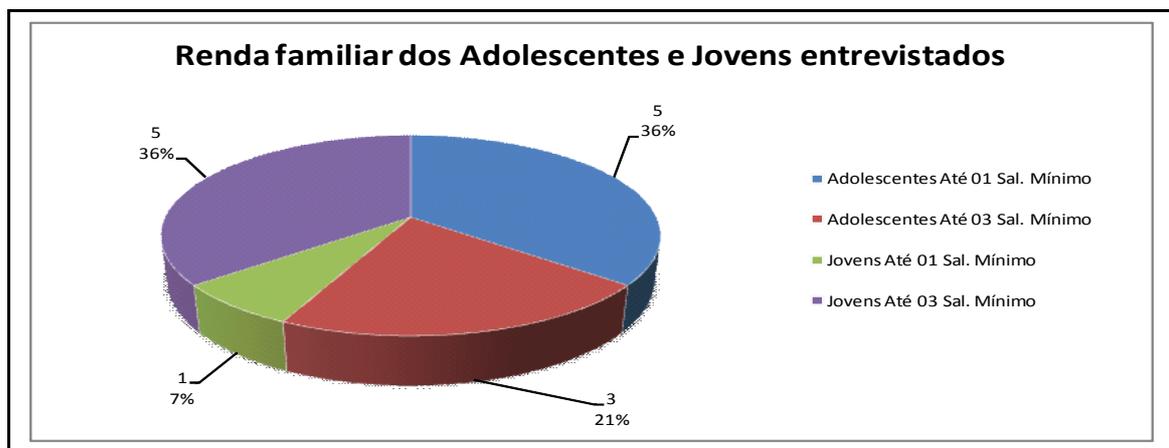


Em relação à composição familiar, percebe-se que 36% vivem com a mãe, 29% vivem com os pais, 14% vivem com a mãe e parentes, 7% vivem com a mãe e filha e 7% vivem com parentes. Dessa forma podemos observar que a grande maioria dos adolescente e jovens (50%) vive em companhia da mãe, da mãe e filha ou da mãe e parentes, o que caracteriza a

família monoparental e a família ampliada ou extensa, característica familiar da contemporaneidade. Fato também evidente na Comunidade do Taquaral.

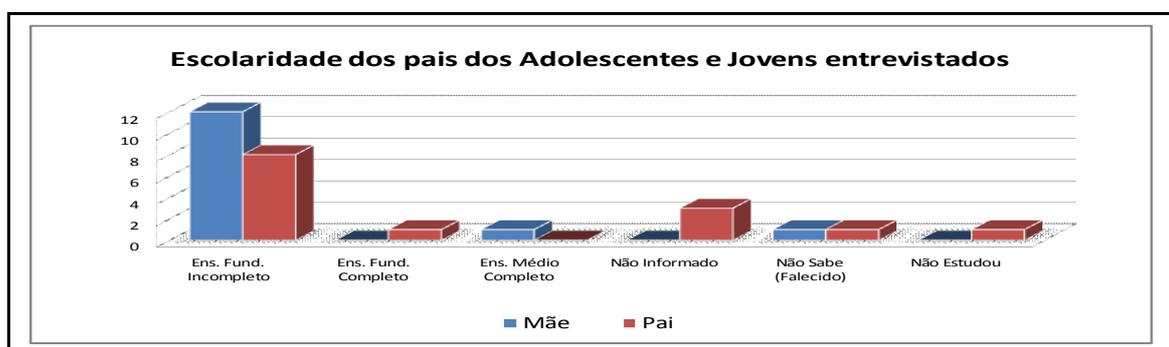
No que concerne à renda familiar, dividimos os informantes em quatro grupos: Adolescentes com renda até 01 salário mínimo (36%), adolescentes até 03 salários mínimos (21%), jovens até 01 salário mínimo (7%) e jovens até 03 salários mínimos (36%). Percebe-se o percentual de renda até 3 salários mínimos maior entre os jovens, o que pode significar a inserção desses jovens no mercado de trabalho.

Figura 14 – Gráfico com a distribuição dos entrevistados por Renda Familiar



A renda familiar dos adolescentes e jovens entrevistados apresenta um percentual predominante de famílias vivendo com até 03 salários mínimos, no entanto cumpre salientar que essa renda se refere ao somatório dos salários dos pais, filhos, tios, avós, etc., o que caracteriza essas famílias em situação de vulnerabilidade social.

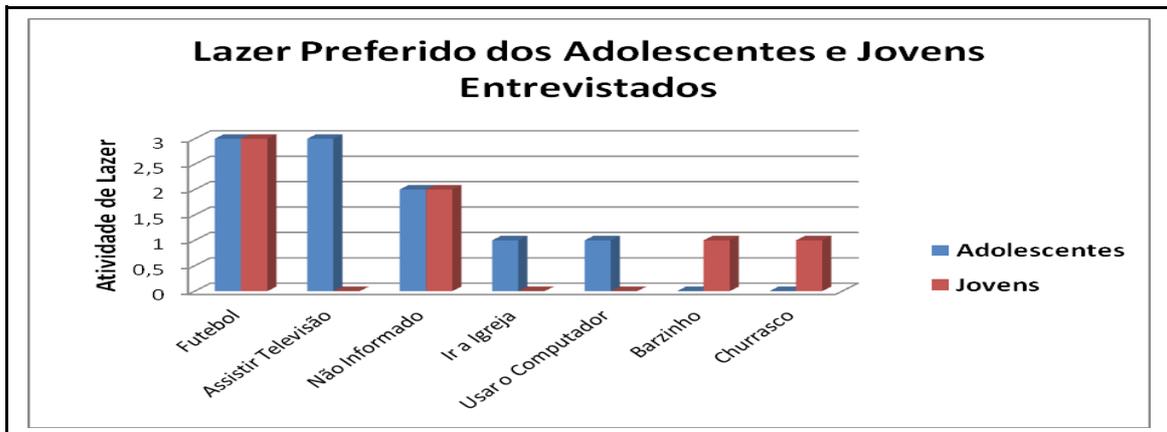
Figura 15 – Gráfico demonstrativo da Escolaridade dos pais dos entrevistados



Em relação à escolaridade dos pais, percebemos um número maior de pessoas com ensino fundamental incompleto, situação que pode ser caracterizada por residirem na zona rural e ser difícil o acesso à escola, quando eles se encontravam em fase de escolarização.

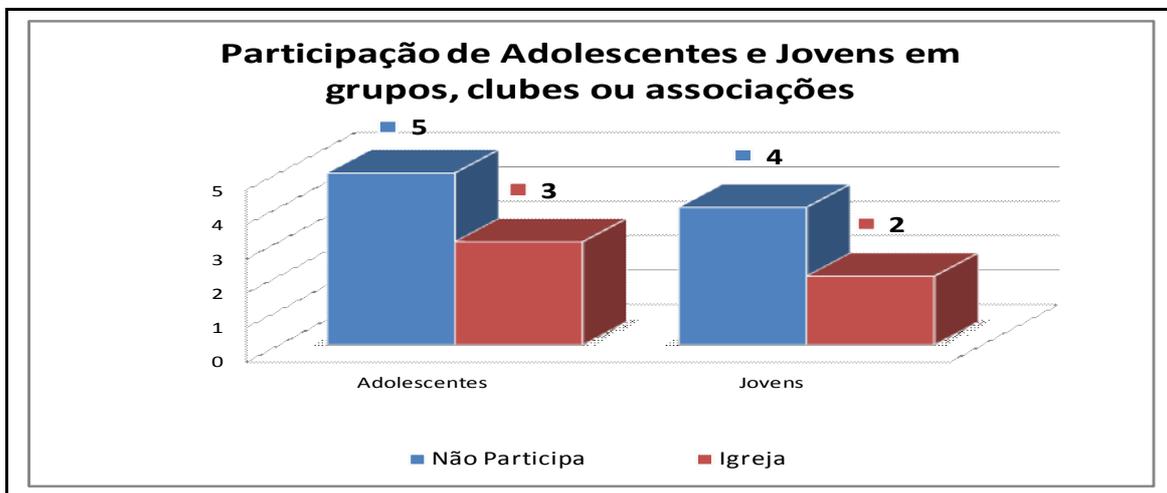
Outra questão observada foram as atividades de lazer praticadas pelos entrevistados, como ilustra o Gráfico 12 abaixo.

Figura 16 – Gráfico com a distribuição das atividades de lazer citadas pelos entrevistados.



Em relação às atividades de lazer entre os adolescentes e jovens o futebol foi o mais citado. Essas respostas foram citadas pelos entrevistados do sexo masculino. Em segundo lugar está a TV, como forma de lazer apresentado pela maioria dos adolescentes. A ida à igreja, o acesso ao computador, o barzinho e o churrasco foram citados pelo menos uma vez por um jovem ou adolescente. Vale destacar que destes, dois adolescentes não identificaram nenhuma atividade de lazer.

Figura 17 – Gráfico com a situação de participação dos entrevistados em grupos ou coletivos.

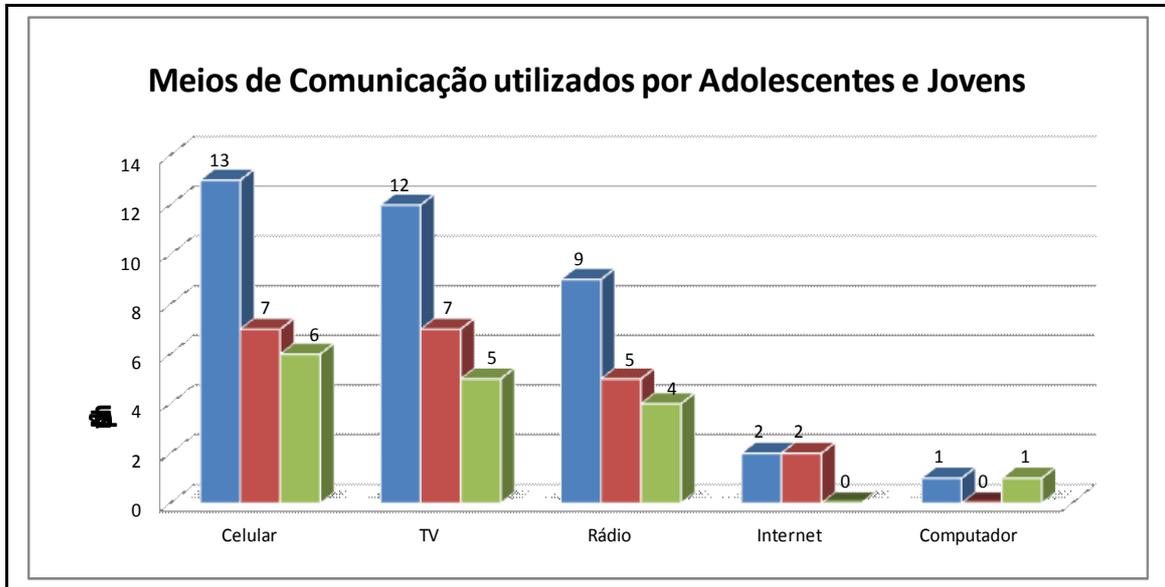


Dos adolescentes entrevistados cinco relatam não participarem de nenhuma atividade na comunidade e três relatam participação nas atividades da igreja. Dos jovens quatro relatam participarem das atividades da igreja e dois não participam de nenhuma atividade.

Um dos pontos-chave de nossa análise se refere ao papel da mídia na formação identitária de adolescentes e jovens do Taquaral. Dessa forma, fizemos um levantamento dos

meios de comunicação mais utilizados por esses indivíduos. Os dados são apresentados nos gráficos abaixo.

Figura 18 – Gráfico demonstrativo dos Meios de Comunicação utilizados por Adolescentes e Jovens.



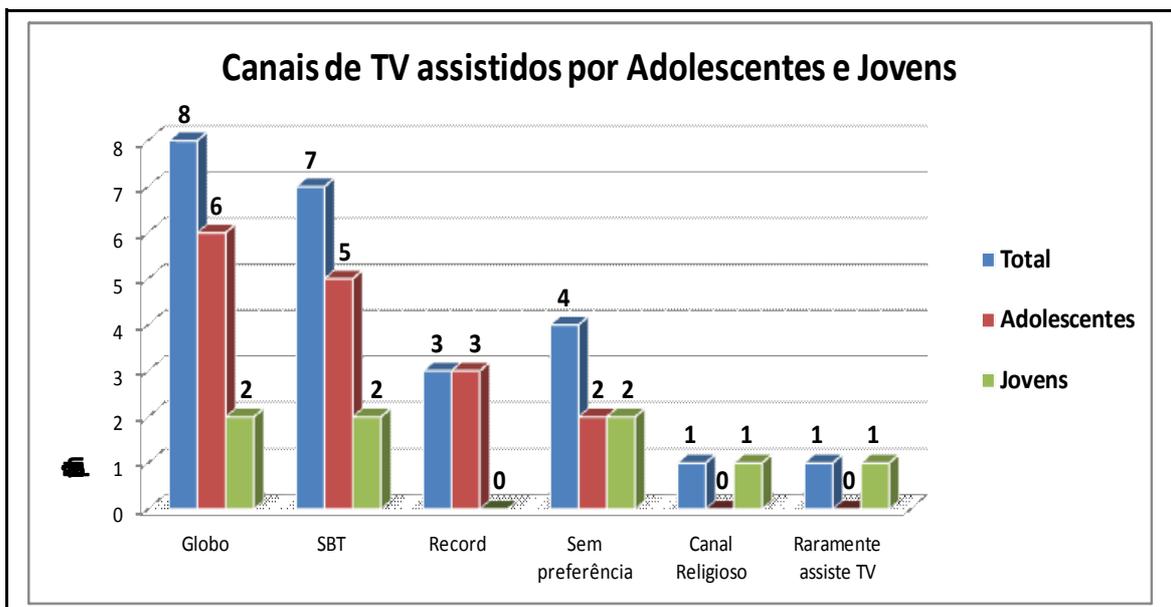
Os meios de comunicação mais utilizados pelos adolescentes e jovens entrevistados são em 1º lugar o telefone celular, em 2º a TV e em 3º o rádio. Percebe-se que mesmo morando na área rural as famílias estão cercadas por vários aparatos tecnológicos que comprovam a influência dos mesmos no cotidiano dos moradores do Taquaral. A presença de TV por assinatura, antenas parabólicas demonstram que tanto quanto na cidade, as informações chegam até o meio rural pelas mesmas vias. Nesse aspecto também os discursos que circulam no meio urbano também circulam no meio rural, o que interfere no comportamento e na assimilação dos discursos.

Figura 19 – Registro Fotográfico da TV por Assinatura usada por moradores visitados.



Fonte: FIGUEIREDO, 2013.

Figura 20 – Gráfico demonstrativo dos canais de TV assistidos por Adolescentes e Jovens

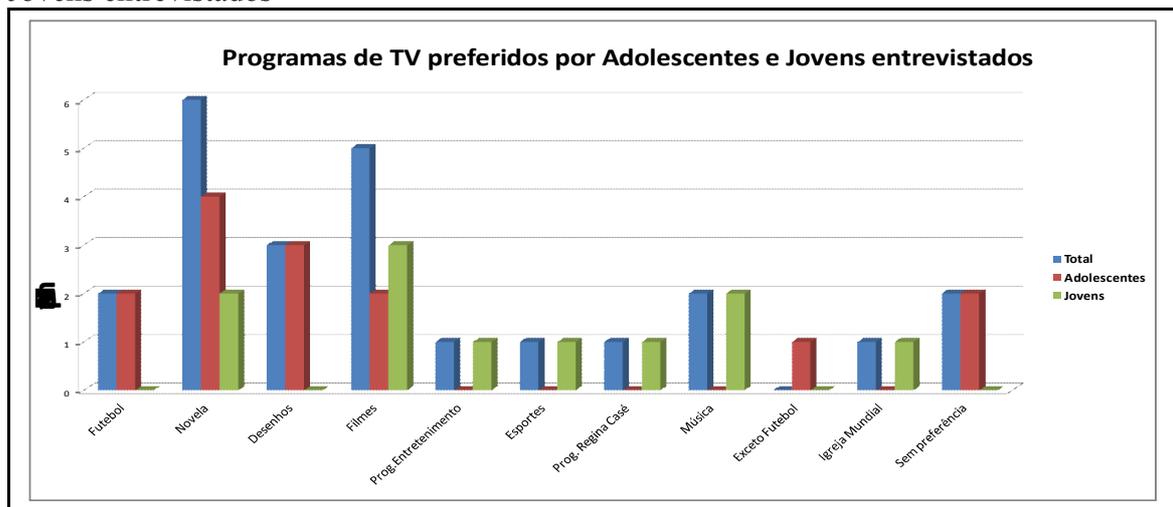


O questionário foi aplicado de forma espontânea sem fazer nenhum tipo de indução, no entanto, o canal de TV citado em 1º lugar e relatado como o mais assistido foi a rede Globo seguido do SBT e Record. Percebe-se, dessa maneira, a hegemonia da rede Globo na audiência, bem como podemos aferir a sua influência, por ser a emissora que mais apresenta novelas e serem principalmente as novelas as grandes influenciadoras das escolhas dos nomes na Comunidade do Taquaral.

Figura 21 – Registro Fotográfico do uso de equipamentos de telecomunicação (antenas parabólicas) para captação de sinal de TV Aberta na comunidade do Taquaral.

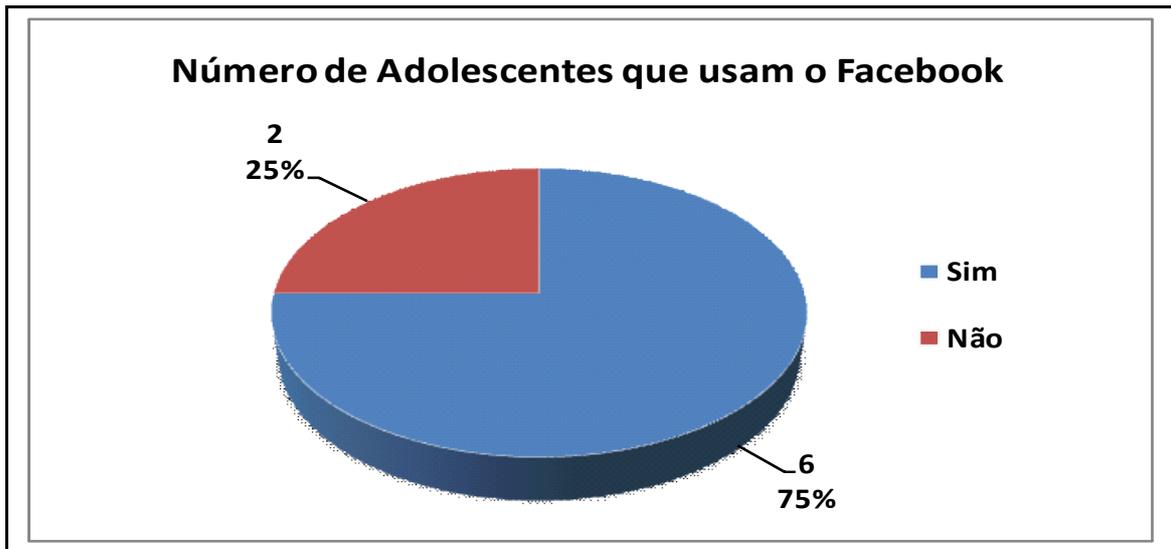


Figura 22 – Gráfico demonstrativo dos Programas de TV preferidos por Adolescentes e Jovens entrevistados



Os programas mais assistidos são as novelas em 1º lugar, seguido dos filmes e do futebol, respectivamente.

Figura 23 – Gráfico com a quantidade de Adolescentes que declararam usar o Facebook



Em relação às redes sociais 75% dos adolescentes entrevistados relatam acessar o facebook.

A maior incidência do uso das redes sociais e a virtualização dos comportamentos dos adolescentes e jovens que utilizam do facebook como extensão da vida real é um processo natural de incorporação de práticas e hábitos, que se evidencia mais no grupo de adolescentes que são considerados a "primeira geração de nativos da era digital" e que tem, nas redes sociais, um lugar comum e necessário para sua reprodução social, tanto quanto à família, a escola e outras instituições sociais (LUCIRIO, 2011, p.§).

O não ingresso nessas redes sociais torna-se tão significante quanto a exclusão econômica, ou seja, mesmo que as condições de vida do grupo familiar sejam de risco ou vulnerabilidade social pela questão sócio econômica; os jovens e, principalmente, os adolescentes se envolvem num processo de inclusão excludente, buscando consumir tecnologias e seus recursos midiáticos, sem no entanto, estarem inclusos no ambiente real.

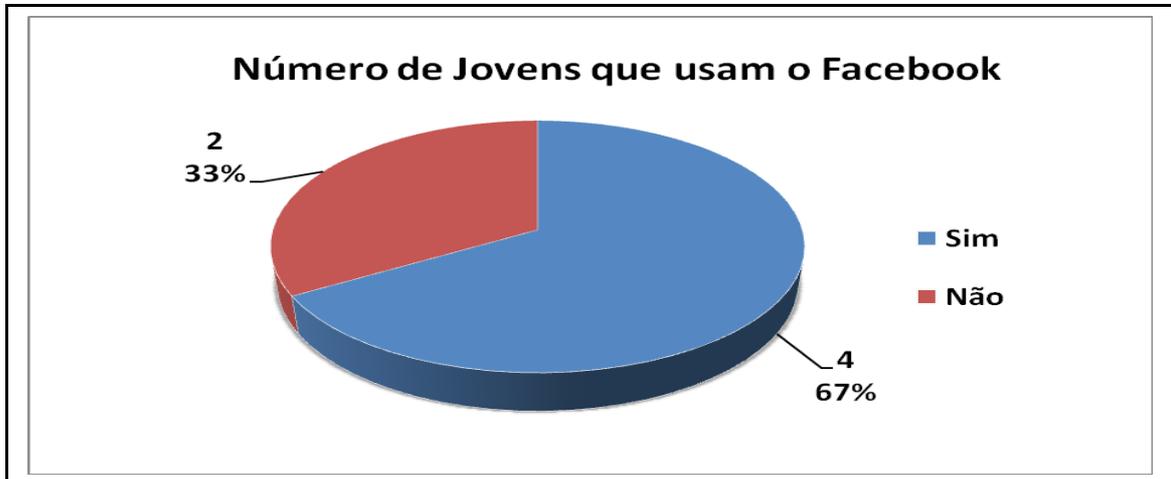
Os jovens têm expectativas e compromissos diferentes dos adolescentes. Embora a incidência de respostas que indicam o uso das redes social, a saber, o Facebook esteja dentro do perfil já levantado dos jovens brasileiros⁷.

A utilização das redes sociais pelo grupo de jovens não se configura como uma necessidade de interação diária como no caso aferido no grupo de adolescentes. Esses requererem o uso de celulares ou smatphones que conectem na internet. No entanto, a maioria dos jovens recorrem às *lan houses* no meio urbano (quando podem) para entrar na internet e acessar seus perfis de facebook. Os adolescentes, portanto, se desdobram para conseguir sinal

⁷ Ver (LUCÍRIO, 2011).

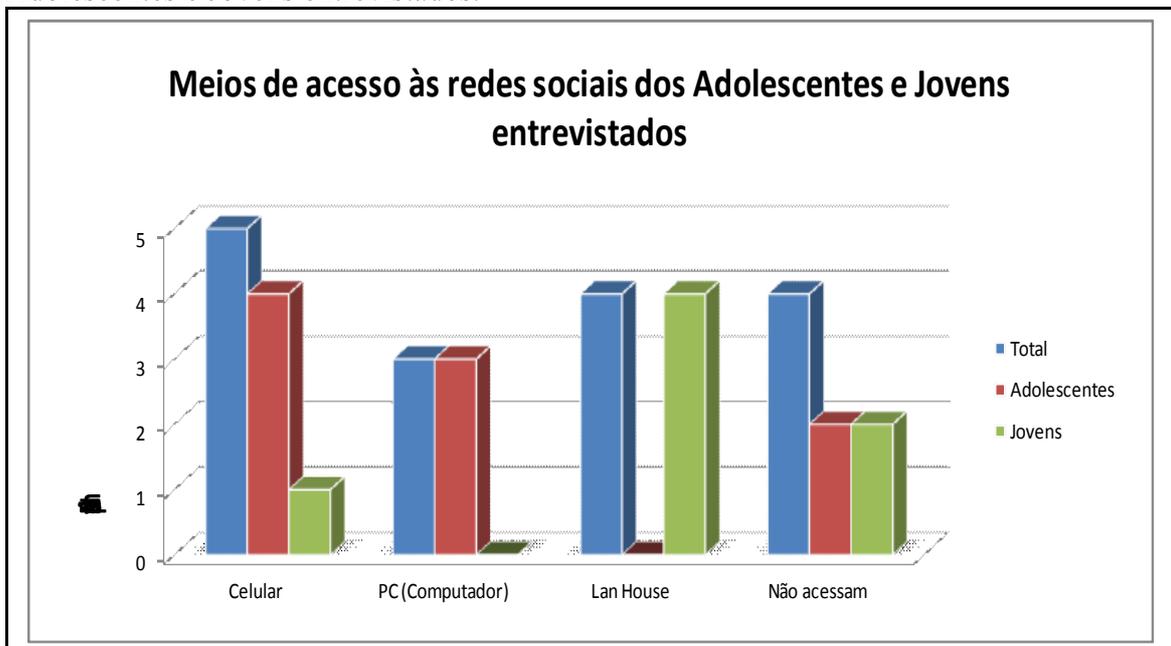
em seus celulares e manter seus perfis atualizados sendo usuários das redes sociais com mais frequência.

Figura 24 – Gráfico com a quantidade de Jovens que declararam usar o Facebook



Dessa forma podemos aferir a diferença percentual entre entrevistados, uma vez que 75% dos adolescentes são usuários do facebook, enquanto que apenas 67% dos jovens relatam também utilizar a rede social.

Figura 25 – Gráfico demonstrativo dos Meios de Acesso às Redes Sociais utilizados por Adolescentes e Jovens entrevistados.



Em relação aos meios de acesso às redes sociais o telefone celular/smartphones são citados pela grande maioria dos adolescentes, enquanto que os jovens entrevistados utilizam-se das lan houses como ponto de acesso preferencial à internet e ao Facebook.

Tendo levantados os dados sociais dos falantes, passamos à análise das entrevistas, através de excertos extraídos das mesmas.

4.2 ANÁLISE DO *CORPUS*

Buscando estabelecer um *corpus* para as análises, selecionamos os excertos em anexo que foram extraídos das entrevistas com os sujeitos da pesquisa (adolescentes e jovens do Taquaral) sendo que o foco para a seleção foi o questionamento sobre a escolha do nome e a influência do discurso midiático, o acesso às mídias e às redes sociais. Para tanto, a transcrição seguiu as convenções organizadas na tabela a seguir.

TABELA DE CONVENÇÃO PARA TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS			
E	Entrevistador	/	Pausa breve
E2	Entrevistador 2	//	Pausa longa
A	Adolescente entrevistado	...	Interrupções
J	Jovem entrevistado	[]	Explicações do entrevistado / Mudança de assunto
IJ	Irmã da Jovem	(())	Explicações do entrevistador
MJ	Mãe de Jovem entrevistado	Maiúsculo	Ênfase na entonação
CP	Colaborador da Pesquisa	Sublinhado	Termo destacado

Adolescentes Entrevistados

Excerto 1

E – E seu nome/ o que que você acha do seu nome Shayane/ porque do seu nome / cê gosta dele / porque que foi a escolha / você sabe porque que escolheram você / pra chamar Shayane Nathaly?

A – Shayane foi / meu pai que viu na televisão uma pessoa chamada e gostou

E – Ham...

A – E Nathaly é porque // eu nasci quase perto do Natal / aí vem...

E – Que bacana // E você gosta do seu nome?

A – Aham...

(SHAYANE NATHALY – A2 - 13 anos)

Excerto 2

E – E teu nome / Karolaine? Esse nome complicado de falar

A – ((riso))

E – Como é que é isso?

A – Era / pra mim // chamar Ashley

E – Égilei?

A - Ashley

E – Ashley? oh...

A – É porque minha mãe ía colocar o meu nome de Ashley/ e da minha irmã de Shirlene / não sei onde que ela tirou isso ((risos)) mas Karolaine assim / acho que veio de uma novela / que ela tava assistindo / aí ela achou bonito / e colocou meu nome / de Karolaine...

E – E você gosta / de Karolaine?

A – Eu gosto...

E – É bonito...

A – MAS ninguém tem costume de me chamar de Karolaine / todo mundo só (me) chama de Karol... ((riso))

E – É // Mas Karolaine é bonito sim / ainda mais agora que tem umas inclusões

E2 - de nomes estrangeiros / em português seria Caroline / né?

A – Então / a minha irmã chama Caroline ((riso))

E – Karolaine e Caroline

A – Era pra eu chamar Ashley e ela Shirlene // aí colocou Karolaine e Caroline

(KAROLAINE – A5 - 15 anos)

Excerto 3

E – E agora vamos falar do nome / Edivânia // como é que / você gosta do seu nome // quem que escolheu o seu nome / qual é a origem dele...

A – Quem escolheu foi o meu pai...

E – É Edivânia / e / ele falou pra você porque que ele escolheu Edivânia...

A – Acho que é por causa de uma pessoa na novela...

E – Também de novela ((risos)) olha / que povo noveleiro ((risos)) gente / e você gosta do seu nome? / Edivânia...

A – Gosto...

E – Então tá bom...

(EDIVÂNIA – A4 - 14 anos)

Excerto 4

E – E seu nome Daiane / fala pra mim do seu nome / da escolha / do / se você gosta...

A – O meu irmão falou pra mim / que foi uma tia que escolheu o nome / foi por causa de uma esc / de uma princesa / porque ela achou bonito assim...

E2 – A princesa Daiana...

E – Aham...

A – ((risos))

E2 – Nossa / ela era fantástica / como pessoa // faz falta

E – Lá na família real na Inglaterra...

E2 – naquela família / ela era a melhor pessoa naquela família real

E – É verdade...

E2 – Muito humana // fazia trabalho humanitário... // uma boa escolha...

A – Eu ia chamar Simone / mas só que a minha irmã agora / chama Simone

E – Ela é maior...

A – Mais velha /

E – Mais velha?

A – É / Aí minha mãe pois nome nela de Simone... // Simoni...

A2 – É não / foi teu pai / ela era pra chamar outro nome / só que aí / foi numa confusão lá / que foi lá pra registrar / aí o pai / aí ela... / por não sei o que aconteceu colocou Simo... / era pra ser Simone // aí colocou SimoNI... / com i

E – Oh... oh... oh... na hora da escrita / né?

A / A2 – É...

(DAIANE – A6 – 13 anos)

Excerto 5

E – E Elvis... // o que que você acha do seu nome? // Você gosta... / como é que é? / você gosta do seu nome?

A – Acho bonito... né

E – Acha bonito? / Tem uma história / da escolha do seu nome? / sua mãe te contou alguma coisa / do porque decidiu colocar o seu nome de Elvis, ou não?

A – Ela falou que era fã dele...

E – Ah... / é por causa do cantor ((riso))

E2 – Tem até uma foto dele na parede / né?

A – É...

E – Bacana...

E2 – Taí... descobri o motivo... ((do retrato antigo do Elvis cantor na parede da sala))

E – Olha... / que legal / era isso o que eu queria perguntar

(ELVIS – A1 – 15 anos)

Excerto 6

E – Outra coisa que quero te perguntar... é sobre o seu nome? A história do seu nome... porque você se chama Bruna...se você gosta do seu nome... porque da escolha dele...

J – Gosto do meu nome...

E – Sabe quem que escolheu?

J – Não sei... deve ser mãe... com certeza...foi a mãe com o pai... assim... eles mesmos falar prá mim...

IJ – Foi por causa da Bruna Lombardi... que a mãe falava...

E – É? Vocês são irmãs?...

E2 – É por isso que estava dando ordem nela (J)...

E – Ah... meu Deus... eu pensei que estava chamando uma amiga... / ...então você acha que é por causa da Bruna Lombardi?

IJ – A mãe falava... porque tinha uma novela...

E – Tinha mesmo...

IJ – E a mãe falava que se fosse menina... ia colocar o nome...

(BRUNA – J5 – 25 anos)

4.2.1 A QUESTÃO DO NOME

A presente seção será dedicada a algumas considerações observadas na fala dos adolescentes e jovens com referência ao nome a eles atribuído, ora pelos pais, ora por algum parente, avós, tios, irmãos, etc.

Fazendo uma comparação com o que diz Orlandi (2005, p. 53), que “a linguagem não é transparente, os sentidos não são conteúdos. É no corpo a corpo com a linguagem que o sujeito (se) diz”. É dessa forma que observamos a relação da escolha dos nomes, pois vemos em [E-2] e [E-3], o relato que a TV, através das novelas, orientaram as escolhas dos nomes, ou seja, este fato é atestado através da pesquisa referente às novelas exibidas no ano de 1997 em que estava sendo veiculada a novela “A Indomada”, em que a atriz Nívea Stelman interpretava uma personagem de nome *Caroline*, em referência direta ao uso do nome em pronúncia de língua inglesa, assim como no caso da entrevistada em [E-2].

Destaca-se que o contexto da produção da referida novela tratava-se da vida cotidiana de uma cidade fictícia “Greenville”, que se situava na região nordeste do Brasil e era conhecida como um pedaço da Inglaterra no país, por ser constituída culturalmente de aspectos tanto arquitetônicos quanto socioculturais de influência britânica.

A mesma situação é observada com a pesquisa sobre o nome da adolescente do excerto [E-3]. Conforme sua idade (declarada), aferimos que no ano de 1998 também foi veiculada na rede globo uma novela em que a atriz negra Tais Araújo interpretava uma personagem de nome Edivânia. A produção em questão era a novela “Meu bem querer” de Aguinaldo Silva e Ricardo Linhares, sendo essa exibida no mesmo ano de nascimento da entrevistada.

Observa-se também que no caso do excerto [E-6], a jovem entrevistada desconhecia a origem do nome. Neste caso no entanto, sua irmã que é mais velha e que estava presente no decorrer da entrevista, interfere relatando que a influência do nome se deu em função da atriz Bruna Lombardi que naquela época interpretava um personagem em uma novela e a mãe delas por admirar a atriz, atribuiu o nome à filha.

Figura 26 - Registro fotográfico do interior de uma residência na Comunidade do Taquaral realizado em 23/09/2011.



Fonte: FIGUEIREDO, 2011.

Já em [E-4] e [E-5], também ocorre a influência da TV, pois as referências ao cantor Elvis Presley e a princesa Daiana orientaram as escolhas dos nomes dos entrevistados pelos seus familiares. Identificamos na casa da avó do entrevistado uma foto do cantor Elvis Presley, que, segundo ele, era ídolo da sua mãe e motivou a escolha do seu nome.

Nos demais excertos selecionados, vemos que a história dos nomes mobiliza os sujeitos em relação à construção da sua identidade, mesmo que seja no campo da subjetividade. Observamos em [E-8, em anexo] que o sujeito entrevistado em que pese todo o contexto de dificuldade em relação à pronúncia e escrita do seu nome, relata ter buscado o significado do mesmo e se sentir contemplado com esse, pois, segundo ele, o significado de fato retrata o seu jeito de ser (personalidade).

4.2.2 DO ACESSO ÀS TECNOLOGIAS

A partir dessa seção passaremos a apresentar as análises em relação à influência exercida pela TV e demais mídias no cotidiano dos entrevistados.

Dessa forma, concordamos com Oliveira & Mortari (2006),

Neste sentido, os meios de comunicação ocupam papel importante na discussão sobre identidades, uma vez que eles disseminam, reforçam, constroem e desconstruem as representações hegemônicas em dado momento, apresentando novas identidades, remodelando outras, oferecendo mapas classificatórios pelos quais nos guiamos na interpretação e constituição de nossas próprias identidades e das identidades alheias (OLIVEIRA; MORTARI, 2006, p.6)

Figura 27 – Registro fotográfico de uma residência na Comunidade do Taquaral realizado em 23/09/2011.



Fonte: FIGUEIREDO, 2011.

Figura 28 – Registro fotográfico de uma residência na Comunidade do Taquaral realizado em 23/09/2011.



Fonte: FIGUEIREDO, 2011.

Excerto 7

E – Tem algum lazer que você gosta... / assim / preferido Daiane? / que você gosta de fazer...

A - Ah::: eu gosto muito // de assistir televisão / e ir pra escola.

[...]

E – E na televisão / quais são os canais / canais e programas favoritos...

A - Os canais são / Globo, SBT, a Record... / e TV Aparecida

E – Aham...

A - E eu gosto de ver... / filme, desenho, novela... / SÓ NÃO GOSTO DE JOGO DE FUTEBOL

E – Vocês reúnem pra assistir alguma coisa junto?

A - Ela reúne muito... que quase todo dia ela vai lá em casa pra gente assistir novela ((riso))

(DAIANE – A6 – 13 anos)

Excerto 8

E. - aham... outra coisa Queila quais os meios de comunicação que vocês... mais utiliza... que vocês mais tem acesso aqui?

J. - aqui... ...televisão... rádio... e telefone...

[...]

E. - e você gosta de quais programas de televisão assim ... ou canais que você mais gosta de ver assim... que vocês tem mais hábito de assistir...

J. - novela... ((riso))

E. - novela?

J. - a única coisa que dá tempo de assistir... porque chega em casa aqui... a noite já...

E. - e aí... a novela... e outros tipos de programa... tem algum... assim... ((inaudível))

J. - ah é a novela e... esses tipos de programa que passa assim... tipo... de entretenimento... depois das novelas... não utiliza muito televisão não...

J. - e prá ver notícias... notícias assim... como eu não tô em casa no meio do dia... porque tem dia que eu chego em casa dez horas da noite... aí eu não vejo jornal... não vejo nada... aí eu vou assim... e entro na internet prá ver notícias... assim... alguma coisa sobre novela que a gente fica sabendo... ((riso)) ((inaudível))

(QUEILA – J3 – 26 anos)

No anexo II da adolescente [A6] ao perguntar sobre quais meios de comunicação eles mais tem acesso, a adolescente em questão responde que é a televisão, o rádio e o telefone. Sendo os canais mais assistidos a Globo, SBT, Record e TV Aparecida. Sendo os programas mais assistidos: filmes, desenhos e novelas.

Excerto 9

A - Ah::: eu gosto muito // de assistir televisão / e ir pra escola.

A - Celular, televisão e o rádio

A - Os canais são / Globo, SBT, a Record... / e TV Aparecida

A - E eu gosto de ver... / filme, desenho, novela... / SÓ NÃO GOSTO DE JOGO DE FUTEBOL

A - Ela reune muito... que quase todo dia ela vai lá em casa pra gente assistir novela ((riso))

(DAIANE – A6 – 13 anos)

No anexo II a jovem [J3] também responde que os meios de comunicação que mais são acessados por ela, são o telefone, rádio e televisão. Sendo a novela o programa que mais assiste e também os programas de entretenimento que passam após as novelas.

Excerto 10

J. - aqui... .. televisão... rádio... e telefone...

J. - novela... ((riso))

J. - a única coisa que dá tempo de assistir... porque chega em casa aqui... a noite já...

J. - ah é a novela e... esses tipos de programa que passa assim... tipo... de entretenimento... depois das novelas... não utiliza muito televisão não...

J. - e prá ver notícias... notícias assim... como eu não tô em casa no meio do dia... porque tem dia que eu chego em casa dez horas da noite... aí eu não vejo jornal... não vejo nada... aí eu vou assim... e entro na internet prá ver notícias... assim... alguma coisa sobre novela que a gente fica sabendo... ((riso)) ((inaudível))

(QUEILA – J3 – 26 anos)

Analisando a questão da influência da televisão na constituição da identidade dos entrevistados é necessário antes entender as questões atinentes às representações, às significações e à cultura.

De acordo com Woodward (2000), “a representação, como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia” (Woodward, 2000, p.17). Nesse aspecto, os significados gerados pelas representações fazem com que o sujeito se posicione em relação a sua experiência e aquilo que ele é.

Podemos dizer então que as representações podem ser entendidas como práticas discursivas (Foucault, 1971), produtos de acordos sociais e de articulações de linguagem, que não são apenas um meio transparente pelo qual a realidade é refletida. Dessa forma, os meios de comunicação são mecanismos produtores de sentidos que não somente reproduzem a realidade, mas também a define. Portanto, torna-se importante distinguir o papel dos meios de comunicação na construção destas representações na comunidade estudada.

Analisando as falas da adolescente [A6] com referência à pergunta sobre com quem ela se identifica, percebe-se literalmente a influência exercida pela TV na constituição da sua identidade.

Excerto 11

A - Ah... com a Helô (delegada da novela)... da Salve Jorge ((risos))

A - Aham... ((risos))... / Salve Jorge...

A - Eu não sou muito não / mas // eu... / eu admiro muito o ...

A - Eu queria ser... / Tanto que o MEU SONHO/ É CHEGAR A SER DELEGADA mesmo

A - Pra ser delegada

A - Uma coisa que eu acho que ela é parecida comigo / é que ela é muito engraçadinha ((risos))

A - Tudo / tudo / menos uma coisa / que eu acho que ela não é parecida/que eu não quero ser parecida com ela... / é que ela é meio assim...// é... / distanciada da filha dela / não porque ela não quer / não porque ela quer / .e sim porque a filha dela que quer isso

A - Isso eu não queria ser parecida com ela não...

A - Mas o resto..

A - Não... antes eu pensava em Direito / em ser advogada / amas depois eu vi a Helô e...

[...]

(DAIANE – A6 – 13 anos)

Excerto 12

E. - Outra coisa... se você pudesse... assim Keniara escolher... ser parecido com alguém... eu gostaria de parecer com fulano... com quem seria? Tem alguém que você pensa... você assiste muito à televisão... tá no facebook... tem alguém assim que você olha e fala assim... ai... se eu pudesse ser parecida ... eu gostaria de ser assim?

A. - Ah... já pensei várias vezes nisso...

E. - É...

- A. - Tipo a posição do Elano (personagem) ... lá da novela das sete (na Globo)... ((inaudível))
 E2. - Advogado... né...
 A. - Ele era certo... com as coisas que ele fazia... não era igual aos outros...
 E. - Aham...
 E2. - Ele era de família humilde... essas coisas...
 A. - Isso mesmo...
 E. - E tem alguém... alguma atriz ... ou algum ator com quem você se identifica... mais assim... mulher... que você tenha como referência ou alguma coisa... não...
 A. - Não...
 E. - E qual profissão que você quer seguir depois?
 A. - Quero ser advogada.
 E. - Advogada... é...
 [...]

(KENIARA – A3 – 17 anos)

As identificações das adolescentes com as personagens evidenciam a transmutação do mundo ficcional para o mundo real das mesmas, o que pode realmente influenciá-las a buscarem uma formação futura que lhes direcione a seguir a profissão almejada através dos folhetins. Enquanto a adolescente A6 deseja ser delegada, a adolescente A3 almeja tornar-se advogada sendo essas escolhas também baseadas na personalidade das respectivas personagens, que possuem características que são autoatribuídas pelas adolescentes.

Vemos essa situação no Excerto 11, quando a A6 diz: “Uma coisa que eu acho que ela é parecida comigo / é que ela é muito engraçadinha”. E no Excerto 12, temos A3 com a seguinte fala: “Tipo a posição do Elano (personagem de advogado) ... lá da novela das sete (na Globo)... [...] Ele era certo... com as coisas que ele fazia... não era igual aos outros...”

Excerto 13

- E. - E você percebe que lá na cidade às vezes fica mais... aparece mais...
 A. - que mora na cidade... aí vê que a pessoa veio da roça...
 A2. - que tem gente que discrimina quem veio da roça... por morar na roça... tem gente que fala mesmo... porquê... tipo assim... você mora na roça... aí vai chover... lógico que não hora que você chegar...
 A. - } seu pé vai tá SUjo ... ((ambas))
 A2. - }
 A2. - Aí já começa a falar...
 A. - Ô seu da roça porque que você não limpou o pé... antes de vir pra escola...
 E. - Aham... então em algumas coisas eles fazem...
 A. - Fazem discriminação...
 E. - Aham...
 E2. - Vocês estão dizendo assim... que perceberam a discriminação por morar na zona rural... vocês já perceberam discriminação pelo fato de serem negras...
 A. - Sim... já... inclusive já aconteceu muito comigo na escola...

E2. - Sério?

A. - na escola mesmo...

E. - Isto quando vocês foram lá pra cidade... então...

A. - É... / até porque... teve uma amiga minha que foi me defender... acabou batendo em uma menina da cidade... aí a mãe dela... como é ricona... né... tomou as melhores providências do mundo...

E. - E não quis saber quem estava errado...

A. - É...

E. - Complicado isso, né...

E2. - Na sua sala tem muitas... muitas pessoas que são negras ou não...

A. - Tem... tem bastante...

E. - E você percebe a diferença entre das que são negras da cidade com as que são da roça?

A. - Não... tipo assim... tem gente que é negra que faz discriminação com outra pessoa negra...

E. - ou seja não tem uma união... nem por conta da raça... mas da posição ... ele mora na cidade e você na roça...

A. - Acha que tá... (na cidade) ... é melhor...

E. - Aham...// Vocês tem orgulho de ser negra?

A. - Ah ... eu tenho... até demais da conta... pra você ver... eu acho até bonita a minha cor ((risos))

E. - E é mesmo.

(DAIANE – A6 – 13 anos)

Ao serem perguntados se eles sofreram algum tipo de discriminação tanto ao ingressarem na escola urbana, quanto no mercado de trabalho, somente as adolescentes [A6] e [A4] relatam ter sofrido discriminação por parte dos colegas. E fazem algumas pontuações em relação à discriminação sofrida pelos colegas negros da cidade em relação a eles que moram na zona rural, como vemos acima.

E em relação à cor ou se gostam de serem negros, todos foram unânimes em dizer que gostam de ser como são.

Uma situação de discriminação implícita, no entanto, pode ser aferida se nos municiarmos de uma análise do discurso “não dito”. Ou seja, a escola e a sociedade reproduzem discursos que são permeados no cotidiano dos adolescentes, que, muitas vezes não percebem que podem reproduzi-los de forma inconsciente.

Ao analisarmos no Excerto 13, na fala de [A6], essa relata suas impressões sobre a sua própria cor e/ou o orgulho pelo fato de ser negra, nesse sentido temos: “Ah ... eu tenho... **ATÉ DEMAIS** da conta... pra você ver... **eu acho ATÉ BONITA a minha cor** ((risos))”. A ênfase dada na preposição “até” busca reforçar a ideia de a adolescente sente orgulho, bem como, a mesma considera-se “até bonita”, sendo que o uso dessa expressão pode escamotear o sentido de a cor não é bonita, analisando por um discurso não dito implícito na sociedade, mas

que a adolescente [A6] considera bonita sua cor, apesar de haver um outro discurso que nega essa conotação.

Considerando que é por meio do discurso que o sujeito se revela, de acordo com Orlandi (2005) e de acordo com as falas dos sujeitos entrevistados, depreende-se que o consumo midiático se aplica às práticas cotidianas dos entrevistados, em que, guardadas as suas particularidades, os sujeitos se relacionam com os discursos circulantes da mídia.

Ainda em relação à assimilação do discurso hegemônico das mídias, observa-se que, ao relatar o uso tanto do telefone e da internet (Facebook), esses sujeitos se posicionam enquanto consumidores do mercado global, fazendo jus ao que diz Woodward (2012),

Os discursos e os sistemas de representação constroem lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. Por exemplo, a narrativa das telenovelas e a semiótica da publicidade ajudam a construir certas identidades de gênero (GLEDHILL, 1997; Nixon, 1997) [...] A mídia nos diz como devemos ocupar uma posição de sujeito particular – o adolescente “esperto”, o trabalhador em ascensão ou a mãe sensível. Os anúncios só serão “eficazes” no seu objetivo de nos vender coisas se tiverem apelo para os consumidores e se fornecerem imagens com as quais eles possam se identificar (WOODWARD, 2012, p.18).

Consideramos que os entrevistados, no caso, enquanto participantes de grupos minoritários (quilombolas), ao responderem de forma positiva a esses apelos, passam a ocupar o lugar de sujeito “assujeitado” pelo discurso midiático, o que de acordo com Canclini (1996), traduz em implicações na constituição das suas identidades:

vamos nos afastando da época em que as identidades se definiam por essências históricas: atualmente se configuram no consumo, dependem daquilo que se pode chegar a possuir. As transformações constantes nas tecnologias de produção, no desenho de objetos, na comunicação mais extensiva ou intensiva entre sociedades - e do que isto gera na ampliação de desejos e expectativas- tornam instáveis as identidades fixadas em repertórios de bens exclusivos de uma comunidade étnica ou nacional” (CANCLINI 1995, p.15).

Assim, podemos aferir que os entrevistados buscam identificar com aquilo que consomem através de um processo sedutor de representação social da realidade, em que se projetam nas angústias e nos desejos despertados pela ação do meio.

Nota-se tanto na fala dos entrevistados, quanto andando pela comunidade, a presença maciça da televisão no cotidiano desses moradores. O que podemos afirmar em concordância com Giddens (1991) em relação ao processo de globalização que “a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e

vice-versa” (GIDDENS, 1991, p. 60). E também de acordo com Ianni (2004, p.145), que diz que a mídia impressa e eletrônica é responsável pelo processo de mundialização cultural que “organizou-se como uma indústria cultural, inclusive como setor produtivo altamente lucrativo, de alcance mundial”.

Uma vez que para Hall (2012)

As identidades parecem evocar uma origem que residiria no passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção, não daquilo que somos, mas daquilo no qual nós nos tornamos; tem a ver tanto com as questões “quem nós somos” ou; “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”; “como nós temos sido representados”; e como essas representações afetam a forma como nós podemos representar a nós próprios (HALL, 2012, p. 108 – 109).

Ao analisar as referências feitas tanto pelos adolescentes como pelos jovens, percebe-se que essa “indústria cultural, inclusive como setor produtivo altamente lucrativo, de alcance mundial”, se faz presente, nas falas dos mesmos. E para se sentir parte desse mundo moderno, globalizado, a aquisição de bens e produtos tecnológicos, tais como celular, que permite acesso às redes sociais ou as *lan houses*, que permite navegar na internet, se torna um meio pelo qual esses sujeitos se inserem no mundo globalizado e se sentem parte dessa “comunidade global”, em que não estar inserido, significa estar excluído, e estar excluído, afeta a sua identidade.

Na próxima seção faremos a análise de três questionamentos feitos aos entrevistados através do roteiro flexivo de entrevista.

4.2.3 Identificação e Escolhas

Considerando o *corpus* levantado e as questões subjetivas relacionadas à identidade, passaremos a analisar alguns apontamentos.

Caso você pudesse escolher, ser parecido com alguém com quem seria? E por quê?

Celso (J1)

Não, não... não... porque eu acho que Deus fez cada um assim... com a sua própria beleza... com o seu próprio jeito... ninguém é igual a ninguém... Tá...

Elivelton (J2)

Não tem ninguém em mente... nunca pensei nisso...

Queila (J3)

Não... sou feliz comigo mesma ((risos))

Daiana (A6)

A - Ah... com a Helô (delegada da novela)... da Salve Jorge ((risos))

[...]

A - Eu queria ser... / Tanto que o MEU SONHO/ É CHEGAR A SER DELEGADA mesmo

[...]

A - Pra ser delegada

Edivânia (A4)

Não... ninguém...

Elvis (A1)

Tem não...

Keniara (A3)

A. - Ah... já pensei várias vezes nisso...

E. - É...

A. - Tipo a posição do Elano (personagem) ... lá da novela das sete (na Globo)... ((inaudível))

E2. - Advogado... né...

A. - Ele era certo... com as coisas que ele fazia... não era igual aos outros...

Em relação ao primeiro questionamento acerca da identificação com alguém que os inspirasse a maioria dos entrevistados não citou nenhum nome que os influenciasse ou que tivessem características que eles desejassem ter. Apenas dois adolescentes entrevistados relataram se identificar com personagens da ficção. No entanto podemos inferir que tais negativas tenham relação com o processo de exclusão e invisibilidade vivenciado por essa comunidade, onde negar ser parecido com alguém é ao mesmo tempo afirmação de sua identidade. Outro processo que pode estar relacionado seria a invisibilidade de personagens e artistas negros que não estando no foco da mídia acabam não sendo incluídos ou assimilados pelos entrevistados.

Quais características uma mulher/homem precisa ter para ser considerado bonito(a)?

Celso (J1)

Primeiramente o caráter né... o caráter e a conduta da pessoa.e..... // igual tem um ditado também... um corpo... é.... / um rosto inteiro bonito não é capaz de fazer um homem... ou uma mulher feliz...

Daiana (A6)

O caráter.... como diz a Keniara ... e a humildade da pessoa assim... e... / a pessoa ser sincera... / mas não sincera demais porque pode magoar...

Edivânia (A4)

Caráter... // porque tem uns que é bonito e não vale nada... /

Elivelton (J2)

Você fala assim... o modo... o comportamento... Humilde...

Queila (J3)

A primeira coisa que eu acho... tem que ser verdadeira.... uma pessoa verdadeira... ser sincera... e ser divertido... porque a pessoa assim... que fica de cara amarrada... Deus me livre [...] assim a beleza é muito relativo... porque você olha assim e fala... nossa que homem bonito... aí ela olha... nossa. eu não acho... beleza assim... pra mim é o de menos... o que importa é o que você é por dentro...

Elvis (A1)

... // ah:: ... / tem que ver o caráter da pessoa... né...

Em relação ao segundo questionamento sobre a questão da beleza, todos os entrevistados foram unânimes em exaltar as virtudes ligadas ao caráter do indivíduo e nenhum deles se referiu às características estéticas como fator de beleza, o que podemos deduzir que esses jovens e adolescentes tem uma forte formação moral e de valores que vão à contramão dos valores materiais exaltados na sociedade de consumo. Percebe-se uma dualidade de posições se compararmos essa valorização de virtudes que ocorre de forma consciente por parte dos entrevistados e a relação que os mesmos têm com o acesso e consumo de produtos midiáticos, uma vez que os mesmos inconscientemente incorporam hábitos e práticas do mundo globalizado.

Qual a profissão que você pretende seguir?

Celso (J1)

Engenheiro Técnico Civil.

Daiana (A6)

Meu sonho é chegar a ser delegada mesmo... antes eu pensava em direito em ser advogada... mas aí eu vi a Helô...

Edivânia (A4)

Trabalhar na área de saúde... enfermagem...

Elivelton (J2)

Tava pensando aqui mesmo... curso jurídico... nessa área...

Queila (J3)

Eu gosto muito assim de crianças... então assim talvez ... professora... assim de jardim... assim alguma coisa relacionada à criança... ou a área de Serviço Social...

Elvis (A1)
Empresário...

Em relação às escolhas dos entrevistados e como já pontuado sobre a escolarização dos mesmos, nota-se que eles têm as mesmas aspirações e sonhos dos adolescentes e jovens do meio urbano. Apesar das dificuldades para concluírem o ensino médio, por terem que cursá-lo na cidade e de ter que se inserirem no mercado de trabalho bem mais cedo, esses obstáculos não se tornaram barreiras intransponíveis e constituem meios pelos quais eles podem de fato ser futuramente reconhecidos como cidadãos de direitos.

Percebemos que o meio não será um fator determinante para o futuro profissional dos entrevistados, pois ao contrário dos pais e das gerações anteriores que não tiveram oportunidade de estudar e/ou ampliar o campo de trabalho para além do rural, esses adolescentes e jovens encontram mais possibilidades de mudança de vida.

5. TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Ao iniciar este trabalho havia a intenção de lançar um olhar sobre os adolescentes e jovens da Comunidade do Taquaral em relação à constituição das suas identidades e desvelar até que ponto a mídia e as novas tecnologias os influenciavam na construção das mesmas.

Entendemos que as nossas hipóteses foram todas confirmadas pela pesquisa, uma vez que em relação à primeira hipótese, “a mídia exerce influência na formação identitária do adolescente e jovem quilombola da Comunidade do Taquaral”, fica evidente que principalmente a TV, foi marcadamente importante na escolha dos nomes dos adolescentes, sendo essa a diversão mais popular a que tem acesso e continua a exercer influência, mesmo que de forma velada. O facebook também foi um fato revelador da influência que as mídias eletrônicas exercem no cotidiano dos entrevistados, uma vez que o percentual de adolescentes e jovens que os utiliza, é bem próximo.

Em relação à segunda hipótese, “a perda de identidade quilombola dos adolescentes e jovens da comunidade do Taquaral tem relação com a sua inserção no mercado de trabalho e/ou com a mudança de escola para o contexto urbano”, percebemos que talvez não tenha ocorrido uma perda de identidade, mas fica evidente que tanto os adolescentes quanto os jovens não tem como premissa maior a preservação dos traços culturais de matriz africana, até por que não se percebe um trabalho desenvolvido com essa comunidade, que vise preservar esses valores. Talvez se faça necessário o desenvolvimento de projetos a serem desenvolvidos pelo poder público e demais instituições de ensino, voltados a essa causa.

A terceira hipótese “a necessidade de ser aceito pelo grupo, exerce muita influência na assimilação e aquisição de produtos e serviços oferecidos no mercado global/local”, também a nosso ver foi confirmada, uma vez que ficou comprovada a aquisição de bens tecnológicos por parte dos entrevistados e das suas respectivas famílias, como formas de acesso ao mundo globalizado, pois, dessa forma, como já dissemos anteriormente nesse trabalho, não estar conectado com os mesmos aparatos tecnológicos do meio urbano, significa estar desconectado do mundo e estar desconectado é uma forma de exclusão. Por isso a necessidade de ter os celulares para conectar o facebook, fazer a assinatura de TV digital para acessarem os mesmos programas e poderem falar o mesmo discurso, etc.

E a última hipótese “existe o desejo inconsciente de preservação da identidade cultural do povo africano”, também no nosso entendimento foi confirmada. Ao utilizarem um estilo próprio de vida rural e de continuidade de constituição de família a habitar o mesmo espaço, onde viveram seus ancestrais, pode conter aí um desejo implícito de preservação dessa cultura. No entanto, sabemos e queremos deixar registrado que esse é apenas o início de um debate que deverá ser continuado e aprofundado. Assim, espera-se que este trabalho suscite novas indagações e novos estudos.

Cumpramos, no entanto, indagar qual a real utilidade social de uma investigação como essa? Se tanto já se produziu em relação à questão racial no Brasil ainda há espaço para indagações dessa natureza? Entendemos que sim... Pois, percebe-se que os moradores do Taquaral estão imerso em uma intrincada relação de poder e de desigualdades sociais, que os expõem a situações de exclusão. Tal exclusão faz emergir a individualidade em busca da aquisição de bens não duráveis tal como os celulares, aparelhos eletrônicos, TV por assinatura, etc., que lhes permitem a sensação de pertencimento, tanto quanto os moradores da cidade. No entanto, prosseguem sem acesso aos direitos de cidadão, alijados das decisões do poder e experimentando a agonia da submissão e da falta de esperança para solucionar problemas relacionados às suas necessidades básicas.

Para nós, esse processo investigativo é socialmente relevante na medida em que busca investigar o problema proposto pela ótica daqueles que vivenciam cotidianamente as formas e as consequências do problema em questão, os adolescentes e jovens do Taquaral. E isso por si só já seria o suficiente para motivar o trabalho junto a esse segmento minoritário exposto a essas influências.

Percebemos no desenvolver da pesquisa, por exemplo, que tanto os adolescentes quanto os jovens entrevistados, não referenciam as histórias orais e traços culturais de seus antepassados como um valor. Talvez não haja essa preocupação, por que não se trabalhou a história da sua ancestralidade como um valor a ser preservado.

Talvez isso ocorra uma vez que

significa que os mecanismos alienadores, a ideologia da elite dominadora introjetou em vasta camada de não brancos os seus valores fundamentais. Significa também, que a nossa realidade étnica, ao contrário do que se diz, não iguala pela miscigenação, mas, pelo contrário, diferencia, hierarquiza e inferioriza socialmente de tal maneira que esses não brancos procuram criar uma realidade simbólica onde se refugiam, tentando escapar da inferiorização que a sua cor expressa nesse tipo de sociedade. Nessa fuga simbólica, eles desejam compensar-se da discriminação social e racial de que são vítimas no processo de interação com as camadas *brancas* dominantes que projetaram uma sociedade democrática *para eles*, criando, por outro

lado, uma ideologia escamoteadora capaz de encobrir as condições reais sob as quais os contatos interétnicos se realizam no Brasil (MOURA, 1988, p. 63 – 64).

Sabemos que as novas políticas de identidade que emergiram no contexto da redemocratização nacional, nas primeiras décadas de 1980, através de medidas que promoveram uma nova vertente cultural, apontam para o reconhecimento de uma identidade brasileira dotada de natureza multiétnica e multicultural ao criar

uma demanda renovada de informações e símbolos africanos ainda que, muitas vezes, à maneira de um pacote já pronto, composto de fragmentos essencializados da cultura africana e de uma generalização global sobre a natureza do “povo africano” (SANSONE, 2004, p. 98).

No entanto, no Brasil, assim como em grande parte dos outros países onde se encontram os remanescentes da diáspora africana, as culturas negras ainda são consideradas como subculturas, não alcançando sua plenitude e nem reconhecimento por parte da cultura dominante. Isto faz com que os negros tenham maior dificuldade para assumir uma posição identitária cultural, ficando dessa forma à mercê das influências da cultura dominante e principalmente buscando se inserir por meio dos equipamentos tecnológicos que se apresentam na sociedade globalizada.

Sabemos do poder que as mídias (principalmente a televisiva) exercem no cotidiano da população brasileira e a sua abrangência global e local até nos mais distante rincões.

Objetiva-se com esse trabalho contribuir para que a comunidade do Taquaral obtenha maior visibilidade pelo poder público local e que de alguma forma sejam criadas alternativas de trabalho junto a essa população.

Sabemos que a disponibilidade das novas tecnologias são necessárias para o empoderamento dessa comunidade no que diz respeito ao mundo globalizado, no entanto, esperamos que as novas gerações, que são hoje influenciadas pelo contato com as mídias do mundo pós-moderno, possam desenvolver projetos que resgatem também a questão da identidade cultural de origem afro, preservando assim a cultura histórica do seu povo.

Espera-se também que esse trabalho contribua de alguma forma para que a Comunidade do Taquaral consiga a sua titulação quilombola, pois se percebe esse desejo mesmo que ora se apresente de forma incipiente, mas uma demonstração disso foi à organização da associação de moradores. Tal procedimento trará inúmeros benefícios para aquela comunidade, dentre esses os fomentos para que os moradores dessa localidade possam

gerenciar projetos de autogestão, oficinas de resgate da identidade cultural e assim sentirem parte da comunidade tricordiana e da história da cidade, tendo a sua cidadania restaurada.

6. REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado : nota sobre os Aparelhos ideológicos de Estado (AIE)**. 2. ed. Tradução de Walter José Evangelista, Maria Laura Viveiros de Castro: Introdução crítica de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro : Graal, 1985.

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Do signo ao Discurso: introdução à filosofia da linguagem**. São Paulo: Parábola, 2004.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da Criação Verbal**. Tradução: Maria Ermantina Galvão Gomes. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p.277-326.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12ª edição. Hucitec, 2006.

BASTO, L. Cleverson, CANDIOTTO, Kleber, B. B. **Filosofia da Linguagem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BAUMAN, S. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BERGER, Peter L e LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis, Vozes, 1985.

BERTO, Matheus & GONÇALVES, Elizabeth. **Diálogos online. As intersemioses do gênero Facebook**. In: Revista Ciberlegenda. Disponível em: <http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/452/277> Acessado em 01/04/2013.

BHABHA, H. (org.) **Narrating the Nation**. Londres: Routledge, 1990.

_____. **O local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BONINI, Adair. **Mídia / suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações**. Rev. bras. linguist. apl., 2011, vol.11, no.3, p.679-704. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbla/v11n3/05.pdf> Acessado em 01/04/2013 às 11:28

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Guia de cadastramento de famílias quilombolas**. 2ª ed. Brasília: MDS, 2010.

BRASIL/SEPPIR, Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Perspectivas Negras: Construindo políticas públicas na intersecção entre Juventude e Promoção da Igualdade Racial**. Brasília: Seppir/PR, 2011.

CAMPOS, Ana Paula. **Minha caneta é a enxada: um estudo sobre a comunidade quilombola do Taquaral**. Três Corações: UninCor, 2013 (Dissertação de Mestrado).

CANCLÍNI, Nestor García. **Consumidores e cidadãos; conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2009.

CORACINI, M.J. **Identidade e discurso: (dês) construindo subjetividades**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2003.

COSTA, V.M.T. **A Mídia Televisiva e a Exclusão nas Cidades**. Belém: Editora Unama, 2003. (Revista Movendo Idéias, v8, n.13) Disponível em: http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/pdf/artigos_revistas/222.pdf Acessado em 15/06/2013 Às 11:48

DERRIDA, J. **Writing and Difference**. Londres: Routledge, 1981.

DREYFUS, H. e Rabinow, P. Michel **Foucault: Beyond Structuralism and Hermeneutics**. Brighton: Harvester, 1982.

FAIRCLOUGH, N. **Language and Power**. New York: Longman, 1989.

_____. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FARACO, C. A. et al. **O falante: que bicho é esse, afinal?** In: Letras, Curitiba, n. 49, p. 158-170. 1998. Editora da UFPR

FERNANDES, C.A. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. Ed. Trilhas Urbanas. Goiânia, 2005.

FOUCAULT Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense- Universitária, 1995.

_____. **Microfísica do poder**. 14 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. **A ordem do Discurso.** Disponível em: Fonte: <http://www.scribd.com/doc/2520353/Michel-Foucault-A-Ordem-do-Discurso> Acessado em: 25/09/2011.

FRANCISCO, Dalmir. Comunicação, identidade cultural e racismo. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.) **Brasil afro-brasileiro** 2ª ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2006.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da Modernidade.** São Paulo: UNESP, 1991.

GOULART, Cecília. Letramento e novas tecnologias : Questões para a prática pedagógica. In: COSCARELLI, C.; RIBEIRO, A. E. (Org.) **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas.** 3ª Ed. Belo Horizonte: Ceale-Autêntica, 2011

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 103 p. Título original: The question of cultural identity.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da.(Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2012.

IANNI, O. **A era do globalismo.** 8ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

IBGE (2011) - **Censo 2010** – www.ibge.gov.br -consultado no dia 08 de janeiro de 2013 às 17:44 h.

INDURSKY, Freda. FERREIRA, Maria Cristina (Org.). **Michel Pêcheux e a Análise do Discurso: uma relação de nunca acabar.** São Carlos: ClaraLuz, 2007.

LACAN, J. "The mirror stage as formative of the function of the I". In **Ecrits.** Londres: Tavistock, 1977.

LAIS, Cláudia. **O uso dos gêneros digitais na sala de aula.** Anais eletrônicos do I Simpósio Regional de Educação/Comunicação. 2011 Disponível em:https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&ved=0CDEQFjAA&url=http%3A%2F%2Fead.unit.br%2Fsimposioregional%2Fhtm%2Fdownload.php%3Ffile%3D..%2Fgt02%2FGENEROS_DIGITAIS.pdf&ei=vOpYUeGiBc-Vswaty4CACQ&usg=AFQjCNGg7LoU1F1TDZf5HMIfmFBFAtyx9Q&sig2=WCXa_mhDa_hja6Wlxi6YJ-A&bvm=bv.44442042,d.Yms Acessado em: 31/03/2013 às 22:16

LIZ, Anderson Henrique. **Levantamento Planimétrico da Comunidade do Taquaral (MAPA).** Três Corações: PMTC, 2007.

LOWY, M. **Ideologia e ciência social.** São Paulo: Cortez, 1985.

LUCIRIO, Ivonete. **Velhos vícios, novos jovens - Os jovens não abriram mão de vícios antigos como o álcool e as drogas, mas incorporaram outros à sua vida como dependência da tecnologia e a vigorexia.** Revista Viva Saúde - Edição 103 - São Paulo: Editora Escala, 2011). Disponível em: <http://revistavivasaude.uol.com.br/saude-nutricao/103/velhos-vicios-novos-jovens-os-jovens-nao-abriram-mao-240713-1.asp/> Acessado em: 16/07/2013.

MOURA, Clóvis. Sociologia do Negro Brasileiro. São Paulo: Editora Ática, 1988, vol. 34, p. 63–143. (Série Fundamentos)

MUSSALIM, F. ANÁLISE DO DISCURSO. In: MUSSALIM, F., BENTES, A.C. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras.** São Paulo: Cortez 2001.

McGREW, A. "A global society?". In: Stuart Hall; David Held e Tony McGrew (orgs.). **Modernity and its futures.** Cambridge: Polity Press/Open University Press, 1992.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da Fala para a Escrita: Atividades de retextualização.** São Paulo: Cortez, 2004.

MUSSALIM, F. ANÁLISE DO DISCURSO. In: MUSSALIM, F., BENTES, A.C. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras.** São Paulo: Cortez 2001.

OLIVEIRA, Sidnei de Paula. *Quilombo hoje.* In: RIBEIRO, Esmeralda & BARBOSA, Marcio (Org.). *Cadernos Negros: os melhores poemas. Volume 31 - poemas afro brasileiros.* São Paulo: Quilombhoje, 1998.

ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso.** 4 ed. Campinas: São Paulo: Pontes, 1996.

_____. **Análise de Discurso: Princípios e procedimentos.** 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

PAIM, Carmelice Aires. **Adolescentes negros no ensino fundamental: representações de si e construção de identidades** - Campinas, SP :UNICAMP, 2010 (dissertação de mestrado).

PÊCHEUX, Michel (1967). **Sob o pseudônimo de Thomas Herbert. Observações para uma teoria geral das ideologias.** Trad. brasileira de Carolina M. R. Zuccolillo, Eni P. Orlandi e José H. Nunes. RUA, nº 1, Campinas, 1995, p. 63 – 89.

PEREIRA, Claudio (Blog). **Reunião na Comunidade rural do Taquaral; mais uma vez a falta de água...** Disponível em: <http://drclaudiopereira.blogspot.com.br/2012/04/reunião-nacomunidade-rural-do-taquaral.html> Acessado em 18/03/2013 às 12:04.

PROGRAMA BRASIL QUILOMBOLA. **Comunidades Quilombolas Brasileiras. Regularização Fundiária e Políticas Públicas.** Presidência da República/Secretaria Especial

de Promoção da Igualdade Racial/Subsecretaria de Políticas para Comunidades Tradicionais. 2010.

RODRIGUES, José Carlos. **O tabu do corpo**. Rio de Janeiro. Ed. Fiocruz, 2006.

SANTAELLA, L. Cultura e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Editora Paulus, 2003.

RUBIM, Antônio. A. C. **Contemporaneidade, (idade) mídia e democracia**. IN: DOWBOR, Ladislau et al. Desafios da Comunicação. Petrópolis: Vozes, 2000.

SANTOS, Milton. O espaço do cidadão. 3.ed. São Paulo: Nobel, 1996.(Coleção espaços)

SANSONE, Lívio; SANTOS, Jocélio Teles dos. (Org.). **Negritude sem etnicidade: O local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra no Brasil**. Tradução Vera Ribeiro. Salvador: EDUFBA; Rio de Janeiro: Pallas, 2004, p. 24-299.

SCHNEUWLY, B. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: ROJO, R.; CORDEIRO, G.S. (Trad.) **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP; Mercado das Letras, 2004.

SEVERIANO, M. F. V. **Narcisismo e publicidade: uma análise psicossocial dos ideais do consumo na contemporaneidade**. 2ª edição. São Paulo: Annablume, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da.(Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2012.

TÁVORA, A. D. F. **Construção de um conceito de suporte: a matéria, a forma e a função interativa na atualização de gêneros textuais**. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, 2008.

TORRES, Fernanda Carolina. **O Direito ao Território Quilombola como Direito Étnico e Cultural frente ao Programa “Titulação” do ITER-MG**. Brasília: MDA-NEAD, 2009. Disponível em: http://www.iica.int/Esp/regiones/sur/brasil/Lists/DocumentosTecnicosAbertos/Attachments/422/O_direito_ao_terr%C3%B3rio_quilombola.pdf Acessado em: 29/06/2013 às 23:54.

VANSINA,Jan. A tradição Oral e sua Metodologia.In: KI-ZERBO, Joseph. **História geral da África,Vol.I. Metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO/ÁTICA, 2010.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da.(Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2012.

ZUMTHOR, Paul. **Unidade e Diversidade. In: a letra e a voz**. São Paulo. Companhia das Letras, 2001, p. 117-136.

ANEXO I

Adolescentes Entrevistados

Adolescente 1

E – E Elvis... // o que que você acha do seu nome? // Você gosta... / como é que é? / você gosta do seu nome?

A – Acho bonito... né

E – Acha bonito? / Tem uma história / da escolha do seu nome? / sua mãe te contou alguma coisa / do porque decidiu colocar o seu nome de Elvis, ou não?

A – Ela falou que era fã dele...

E – Ah... / é por causa do cantor ((riso))

E2 – Tem até uma foto dele na parede / né?

A – É...

E – Bacana...

E2 – Táí... descobri o motivo... ((do retrato antigo do Elvis cantor na parede da sala))

E – Olha... / que legal / era isso o que eu queria perguntar

(ELVIS – 15 anos)

Adolescente 2

E – E seu nome/ o que que você acha do seu nome Shayane/ porque do seu nome / cê gosta dele / porque que foi a escolha / você sabe porque que escolheram você / pra chamar Shayane Nathaly?

A – Shayane foi / meu pai que viu na televisão uma pessoa chamada e gostou

E – Ham...

A – E Nathaly é porque // eu nasci quase perto do Natal / aí vem...

E – Que bacana // E você gosta do seu nome?

A – Aham...

(SHAYANE NATHALY – 13 anos)

Adolescente 3

E. - Keniara... quais os meios de comunicação que você mais tem acesso? Assim...

A. - Internet...

E. - Internet. Você tem internet em casa?

A. - Tenho

E. - Ahn

A. - E a televisão

E. - E a televisão... tá... e no caso da televisão... que você estava me falando... quais os canais de TV e os programas que você mais assiste?

A. - Eu vejo mais a Globo, SBT e a Record aqui em casa... direto... todo dia...

E. - Aham... você tem o hábito de ir a cinema?

A. - Não

E. - Não vai lá... em Três Corações não... e na televisão... você gosta de assistir filmes ou não...

A. - Gosto

E. - Então tá... no computador Keniara... no caso você diz que tem acesso... que assunto você gosta de tratar por intermédio do computador? O quê que você mais gosta de...

A. - Isso eu não sei... porquê eu fico mais no Facebook... ou fazendo pesquisa assim... de escola... fora isso nenhum...

E. - Mais é o Facebook e pesquisa... quando você tá... aham... tá ótimo...

[...]

E. - Outra coisa... se você pudesse... assim Keniara escolher... ser parecido com alguém... eu gostaria de parecer com fulano... com quem seria? Tem alguém que você pensa... você assiste muito à televisão... tá no facebook... tem alguém assim que você olha e fala assim... ai... se eu pudesse ser parecida ... eu gostaria de ser assim?

A. - Ah... já pensei várias vezes nisso...

E. - É...

A. - Tipo a posição do Elano (personagem) ... lá da novela das sete (na Globo)... ((inaudível))

E2. - Advogado... né...

A. - Ele era certo... com as coisas que ele fazia... não era igual aos outros...

E. - Aham...

E2. - Ele era de família humilde... essas coisas...

A. - Isso mesmo...

E. - E tem alguém... alguma atriz ... ou algum ator com quem você se identifica... mais assim... mulher... que você tenha como referência ou alguma coisa... não...

A. - Não...

E. - E qual profissão que você quer seguir depois?

A. - Quero ser advogada.

E. - Advogada... é...

[...]

A. -

(KENIARA – 17 anos)

Adolescente 4

E – E agora vamos falar do nome / Edivânia // como é que / você gosta do seu nome // quem que escolheu o seu nome / qual é a origem dele...

A – Quem escolheu foi o meu pai...

E – É Edivânia / e / ele falou pra você porque que ele escolheu Edivânia...

A – Acho que é por causa de uma pessoa na novela...

E – Também de novela ((risos)) olha / que povo noveleiro ((risos)) gente / e você gosta do seu nome? / Edivânia...

A – Gosto...

E – Então tá bom...

(EDIVÂNIA – 14 anos)

Adolescente 5

E – E teu nome / Karolaine? Esse nome complicado de falar

A – ((riso))

E – Como é que é isso?

A – Era / pra mim // chamar Ashley

E – Égilei?

A - Ashley

E – Ashley? oh...

A – É porque minha mãe ía colocar o meu nome de Ashley/ e da minha irmã de Shirlene / não sei onde que ela tirou isso ((risos)) mas Karolaine assim / acho que veio de uma novela / que ela tava assistindo / aí ela achou bonito / e colocou meu nome / de Karolaine...

E – E você gosta / de Karolaine?

A – Eu gosto...

E – É bonito...

A – MAS ninguém tem costume de me chamar de Karolaine / todo mundo só (me) chama de Karol... ((riso))

E – É // Mas Karolaine é bonito sim / ainda mais agora que tem umas inclusões

E2 - de nomes estrangeiros / em português seria Caroline / né?

A – Então / a minha irmã chama Caroline ((riso))

E – Karolaine e Caroline

A – Era pra eu chamar Ashley e ela Shirlene // aí colocou Karolaine e Caroline

(KAROLAINE – 15 anos)

Adolescente 6

E – Tem algum lazer que você gosta... / assim / preferido Daiane? / que você gosta de fazer...

A - Ah::: eu gosto muito // de assistir televisão / e ir pra escola.

E – Você também é catequista? / ou não...

A - Eu sou catequista.

E – A Igreja tem uma importância grande aqui na vida de vocês / pelo visto né? / Tem bastante coisa pra fazer / bastante atividade ligada à Igreja

A2 - Agora que nós demos uma afastada / porque antes nós era...

A – Coordenadora... de grupo de jovens / de grupo de canto / de aula de violão / de liturgia / aula de violão...

E – E porque que vocês deram uma afastada?

A - Porque... // é a noite né / aí fica difícil pra nós sair a noite / e...

E – Aqui?

A - É... / aqui na Igreja

E – É muito perigoso... andar aqui a noite?

A - Não... não é que é perigoso / é que as nossas mães não deixa mesmo/ sair a noite sozinha // aí nós achou mais fácil / fica na catequese / porque é de dia / mais fácil

A2 – E também / quando chega a panha de café assim // agora com a mãe estudando // ela panha café // chega / toma banho e sai // aí fica muito difícil / aí / tem que ficar tomando conta de casa / ainda tem o curso também né / que a gente tem que fazer

E – Você acha que seria legal / se tivesse assim / um ponto/ por exemplo assim com computador / pra vocês terem assim... curso ...

A - Uma LAN HOUSE

A2 – Eu acho...

E – Um curso também / pra vocês fazerem um curso nessa área / tivesse aqui um espaço

E2 – Um telecentro

[...]

E – E em relação aos meios de comunicação / quais o que você tem mais acesso

A - Celular, televisão e o rádio

E – Aham, e o computador // e na casa aqui da / da / dela ((aponta para A2)) que tem computador, né /

A - É...

E – Vocês costumam vir aqui pra poder mexer também // a internet aqui é o quê / é modem? / como é que é

A2 - Modem da Vivo

A - Só na casa dela que tem

E – Modem da Vivo

A - Eu vou mais na casa da minha madrinha / porque ela já tem até impressora / e tudo / mas eu fico mais no celular mesmo / muito mais fácil ((riso))

E - É tá em casa / mexe pelo celular / vocês tem aquele plano / o que / é Tim?

A - Claro ... / é da Claro ... / aqui a maioria usa Claro

A2 - Claro e Vivo ((operadoras))

A - Mas meu celular não pega internet aqui em baixo ((onde mora)) / só lá pra cima

E2 - Aí.. tem que caminhar né / aí você ficam caminhando... / atualizando ...

E - E na televisão / quais são os canais / canais e programas favoritos...

A - Os canais são / Globo, SBT, a Record... / e TV Aparecida

E - Aham...

A - E eu gosto de ver... / filme, desenho, novela... / SÓ NÃO GOSTO DE JOGO DE FUTEBOL

E - Vocês reúnem pra assistir alguma coisa junto?

A - Ela reúne muito... que quase todo dia ela vai lá em casa pra gente assistir novela ((riso))

E - É bom né... a AP vai lá em casa todo dia assistir

E2 - Salve Jorge ((risos))

[...]

E - Então assim... / no computador / praticamente é quando vocês fazem / assim/ ou um trabalho / ou na casa da madrinha...

A -

E - Se você fosse escolher/ ser parecida com alguém/ Daiane / tem alguém...

A - Ah... com a Helô (delegada da novela)... da Salve Jorge ((risos))

E - Ah... com a Helô ((risos)) // ah / eu ia adorar ser daquele jeito / mulher corajosa / né?

A - Aham... ((risos))... / Salve Jorge...

E - Ah / você quer parecer com ela por causa do que?

A - Eu não sou muito não / mas // eu... / eu admiro muito o ...

E2 - O jeitão dela?

A - Aham... / muito a ela...

E - A posição que ela ocupa /

A - Eu queria ser... / Tanto que o MEU SONHO/ É CHEGAR A SER DELEGADA mesmo

E - É? / então sua profissão / o que você quer ser / você quer então fazer é direito? Pra ser delegada?

A - Pra ser delegada

E - Então você quer ser delegada / bacana hein...

[...]

E - Então / o parecer com a Helô da novela / é no sentido...

E2 - da profissão, né?

E - Da profissão / do que ela fala / do posicionamento dela né ?

A - Uma coisa que eu acho que ela é parecida comigo / é que ela é muito engraçadinha ((risos))

[...]

E - E tem mais alguma coisa dela que você quer falar / que você falou que ela é parecida assim... e...

A - Tudo / tudo / menos uma coisa / que eu acho que ela não é parecida/que eu não quero ser parecida com ela... / é que ela é meio assim...// é... / distanciada da filha dela / não porque ela não quer / não porque ela quer / .e sim porque a filha dela que quer isso

E - Ela é mais... / complicada

A - Isso eu não queria ser parecida com ela não...

E - Aham...

A - Mas o resto..

E - A profissão então é ser delegada / que você quer ser / você escolheu isso agora depois da Helô... ou...

A - Não... antes eu pensava em Direito / em ser advogada / amas depois eu vi a Helô e...

[...]

E - E seu nome Daiane / fala pra mim do seu nome / da escolha / do / se você gosta...

A - O meu irmão falou pra mim / que foi uma tia que escolheu o nome / foi por causa de uma esc / de uma princesa / porque ela achou bonito assim...

E2 - A princesa Daiana...

E - Aham...

A - ((risos))

E2 - Nossa / ela era fantástica / como pessoa // faz falta

E - Lá na família real na Inglaterra...

E2 - naquela família / ela era a melhor pessoa naquela família real

E - É verdade...

E2 - Muito humana // fazia trabalho humanitário... // uma boa escolha...

A - Eu ia chamar Simone / mas só que a minha irmã agora / chama Simone

E - Ela é maior...

A - Mais velha /

E - Mais velha?

A - É / Aí minha mãe pois nome nela de Simone... // Simoni...

A2 - É não / foi teu pai / ela era pra chamar outro nome / só que aí / foi numa confusão lá / que foi lá pra registrar / aí o pai / aí ela... / por não sei o que aconteceu colocou Simo... / era pra ser Simone // aí colocou SimoNI... / com i

E - Oh... oh... oh... na hora da escrita / né?

A / A2 - É...

(DAIANE - 13 anos)

Adolescente 7

E. - E Yan... / e seu nome / o quê que você acha de seu nome? / me conta a história de seu nome...

J. - Ah... o meu nome / foi a minha irmã que deu... / né?

E. - É?

J. - Essa que tá fazendo... / o .../ o / tá fazendo o cursinho em...

E. - Em Santa Rita / e porque que ela escolheu esse nome / você sabe a história dele... / do porquê que ela escolheu...

J. - Não

E. - Não? / Então tá...

(YAN - 14 anos)

Adolescente 8

E. - E seu nome Welinton? / o quê que você acha do seu nome / e como que foi escolhido o seu nome...

J. - Ah... na verdade / meu nome não seria Welinton / seria Wilicleiton / mas como meu vô não conseguia falar / nem Weliton ele conseguia fa... /pronunciar // aí que juntou minha mãe com o meu pai / um queria Weslei / o outro Cleiton / aí se tornou Weliton /

E. - Willcleiton

J. - Wilicleiton

E. - Wilicleiton quem queria

J. - A minha mãe

- E. - Sua mãe...
- J. - Aí não conseguia colocar / colocou uma coisa parecida / tipo Welinton mesmo...
- E. - Aham...
- J. - Aí ficou isso...
- E. - E a escolha foi de quem / o Welinton...
- J. - Foi do meu pai... / é / eles entraram num acordo ali...
- E. - Aham
- J. - Porque tava difícil e foi isso mesmo...
- E. - E o que você pensa disso / escolheram um nome difícil assim ((risos))
- J. - na verdade / sei lá / um nome bem grande /
- E. - Porquê que eles queriam esse nome / você sabe?
- J. - Ah... não sei / mas / sei lá / acabou ficando isso mesmo assim
- E. - E você gosta do seu nome?
- J. - Até gosto assim... / né / diferente também / e o significado tem tudo a ver também / que eu pesquisei
- E. - O quê que significa?
- J. - Aí colocava lá que / dava bem com todos / e na verdade / foi deu nisso mesmo...
- E. - Que legal
- J. - Foi... qualquer pessoa que eu chego...
- E. - Ficou até curioso de procurar o significado
- J. - Por eu falar demais... / aí esse povo acabava me ouvindo ali / e se não desse atenção eu falava mais ainda... bem mesmo como dizia o meu nome

(WELINTON – 17 anos)

ANEXO II

Jovens Entrevistados

Jovem 1

E. - O Celso / e seu nome? / o quê que você acha do seu nome / fala pra mim se você conhece a história do seu nome / como que foi a escolha dele? ...

J. - Não... / não sei / minha história assim / meu nome assim... / não parei pra perguntar pro meu pai e pra minha mãe ...

E. - É... / não sabe o porquê do seu nome / mas você gosta do seu nome?

J. - Gosto

E. - Gosta?

J. - Igual aquela hora que eu falei... / é fácil de falar / de escrever

E. - ((risos))

J. - pra assinar / rapidinho você escreve...

E. - Aham... / tá bom então Celso / muito obrigado.

(CELSONO – 23 anos)

Jovem 2

E – Elivelton / e que que você acha do seu nome / me conta a história do seu nome / se você sabe porque que você chama Elivelton / quem escolheu o seu nome...

J – Diz a minha mãe que foi meu vô / que escolheu esse nome

E – Elivelton?

J – Ele é falecido já...

E – Aham... / o esposo de Dona Ana?

J - Isso

E – An...

J – Ele que escolheu / diz a minha mãe / né...

E – E.../ mas você sabe / assim / o porque da escolha do nome... / que ele fez ou não...

J – Não / eu não vi falar não...

E – Não... né...

J – Só que foi ele que escolheu esse nome...

E – Ele devia gostar do nome né...

J – É...

E – Tá bom Elivelton / é essas perguntas que eu queria...

(ELIVELTON – 19 anos)

Jovem 3

E. - É .../ e seu nome Queila. / o que que você fala dele / cê gosta / como é que é ...

J. - LINDO // eu amo meu nome... ((risos))

E. - E como é que foi a escolha ./ me conta

J. - Ah... não sei. / ah... / isso é com a mãe... ((risos))

E.- É com a mãe... // você gosta do seu nome / mas você nunca teve curiosidade de perguntar/ mãe? / porque que eu chamo Queila ? / nunca não...

J. - Nunca tive essa curiosidade / boa pergunta... ((risos))

E. - Você sabe...

J. - Mãe... / porque que eu chamo Queila? / porque que eu chamo Queila?

MJ. - Porque você chama Queila?

J. - É...

MJ. - Ah ... porquê você chama Queila ((risos))

E. - Quem escolheu...

J. - Tem saber o porque aui... tem que ter um motivo...

E. / J. - Quem escolheu o nome?

[...]

MJ. - a Natália. ia chamar Keli...

J. - Mãe... é eu... porque que o meu nome é Queila.?

E. - Deixa ela contar a história... é tão bom poder contar assim... ((risos))

J. - Aqui é assim... porque o respeito aqui é assim...

[...]

E - Mas conta a história da Queila as meninas aí...

E. 2 - Porque que ela chama Queila?

J. - Porque que eu chamo Queila?

MJ. - ah... porque é um nome que eu gostava,...

E. - Então você escolheu esse nome porque você gostava... porque você ouviu aonde... assim você conhecia alguém...

MJ. - Porque eu achava bonito... / né... / assim... / Queila / Leila...

E. - Ah... a mãe / porque sempre tem isso o nome da gente / né? / ninguém fala...

MJ. - Não o dela não tem história... / não tem história não...

E. - aham... outra coisa Queila quais os meios de comunicação que vocês... mais utiliza... que vocês mais tem acesso aqui?

J. - aqui... .. televisão... rádio... e telefone...

E. - celular...

J. - celular.

E. - e você gosta de quais programas de televisão assim ... ou canais que você mais gosta de ver assim... que vocês em mais hábito de assistir...

J. - novela... ((riso))

E. - novela?

J. - a única coisa que dá tempo de assistir... porque chega em casa aqui... a noite já...

E. - e aí... a novela... e outros tipos de programa... tem algum... assim... ((inaudível))

J. - ah é a novela e... esses tipos de programa que passa assim... tipo... de entretenimento... depois das novelas... não utiliza muito televisão não...

E. - e aqui... internet você tem acesso ou não...

J. - melhor aqui... agora a internet geralmente é na cidade... lan house...

E. - e sem tem.... e às vezes você utiliza da... da internet?

J. - utilizo...

E. - e o celular... você não utiliza... porque alguns adolescentes falaram do celular prá nós... por isso é que eu tô te perguntando... elas acessam muito facebook, esse negócio muito pelo...

J. - celular... o meu até tem mas não entra ((riso)) então assim... o da minha irmã também tem... mas aqui dentro de casa ela não consegue... ela não consegue acessar...

E. - eh:::

J. - tem que subir... prá pegar rede... ..mas eu mesmo... é lan house

E. - mais a lan house... até mesmo porque você está na cidade... durante o dia na cidade fica mais fácil... né...

J. - fica mais fácil...

E. - aham... tá jóia... e quando você utiliza o computador... independente de você ter ou não aqui... ou lá na lan house... o que que você mais... utiliza no computador... assim... você utiliza o computador prá que... prá que tipo de coisa

J. - ah:: é mais::: pro face mesmo... prá conversar... com outras pessoas...

E. - aham...

J. - e prá ver notícias... notícias assim... como eu não tô em casa no meio do dia... porque tem dia que eu chego em casa dez horas da noite... aí eu não vejo jornal... não vejo nada... aí eu vou assim... e entro na internet prá ver notícias... assim... alguma coisa sobre novela que a gente fica sabendo... ((riso)) ((inaudível))

(QUEILA – 26 anos)

ANEXO V

QUESTIONÁRIOS

Questionário apresentado às jovens antes da realização da entrevista:

Caro (a) Jovem,
estou desenvolvendo uma pesquisa sobre a identidade dos adolescentes e jovens da Comunidade do Taquaral e se a mídia os influencia na construção das suas identidades (meios de comunicação). Neste sentido, gostaria que as perguntas abaixo fossem respondidas. **Todas as informações serão tratadas com rigor e sigilo. Nem os nomes, nem o local de residência serão divulgados.**

Questionário social

Nome:

Idade:

Tem irmãos/ãs? Sim () Não ()

Número de irmãos:

Número de irmãs:

Lugar em que nasceu:

Moradia:

Mora com: a mãe () os pais () parentes () outros ()

Escolaridade:

Série que está cursando:

Trabalho:

Você exerce alguma atividade remunerada? sim () não ()

Qual?

Situação familiar

Profissão do pai:

Profissão da mãe:

Renda familiar: Até um salário mínimo: () Até três salários mínimos: ()

Até cinco salários mínimos: ()

Mais de cinco salários mínimos: ()

Escolaridade familiar**Escolaridade da mãe:**

Ensino Fundamental completo () incompleto ()

Ensino Médio completo () incompleto ()

Ensino Superior completo () incompleto ()

Escolaridade do pai:

Ensino Fundamental completo () incompleto ()

Ensino Médio completo () incompleto ()

Ensino Superior completo () incompleto ()

Dados complementares:

Lazer preferido:

Participa de algum grupo, associação ou clube? sim () não ()

Se sim, quais as principais atividades realizadas pelo grupo do qual participa?

ROTEIRO FLEXÍVEL DE ENTREVISTA

- 1- Você gosta de morar aqui no Taquaral?
- 2- O que você mais gosta aqui na comunidade?
- 3- Quais os meios de comunicação que vocês mais têm acesso?
- 4- Quais os canais de TV e quais os programas que vocês mais assistem?
- 5- Você vai a cinema?
- 6- Vocês têm acesso a computador? Independente de ter ou não, que assuntos vocês gostariam de poder tratar por intermédio do computador?
- 7- Quais características uma mulher/ homem precisa ter para ser considerada(o) bonita(o)?
- 8- Qual parte do seu corpo vc mais gosta?
- 9- Qual parte você não gosta?
- 10- Vc percebe diferença nas falas das pessoas da comunidade e da cidade/
- 11- Cite alguns pontos positivos da comunidade do Taquaral e da cidade.
- 12- Caso vc pudesse escolher, ser parecido com alguém com quem seria? E por que?
- 13- Qual a profissão que você pretende seguir?
- 14- Qual o maior problema encontrado por vc na escola/trabalho?
- 15- Vc teve algum problema na infância que marcou sua vida? Qual?
- 16- Vc teve alguma experiência que marcou sua vinda para a cidade?
- 17- Vc se considera respeitado e aceito pelos colegas da escola/trabalho?
- 18- Vc se considera feliz morando na comunidade do Taquaral?
- 19- Gostaria de morar em outro lugar? Onde?
- 20- O que vc acha do seu nome?

ANEXO VI**TERMO DE CONSENTIMENTO****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Objetivos do projeto: Pesquisar se realmente a mídia, principalmente a televisiva, exerce influência na construção da identidade do adolescente e jovem quilombola da comunidade do Taquaral.

Neste sentido, o(a) jovem sob sua responsabilidade está sendo convidado(a) a participar de uma entrevista e questionário, a serem aplicados aos mesmos e para melhor compreensão das informações, estas serão gravadas.

Confidencialidade

A participação nesta pesquisa é totalmente confidencial e voluntária. Ninguém além da(os) pesquisadora(es) terá acesso ao que a adolescente falar. O verdadeiro nome da adolescente não será escrito ou publicado em nenhum local. Toda informação será guardada com número de identificação.

Participação

A participação da adolescente é voluntária. Ela pode, inclusive, recusar-se, por motivos pessoais, a responder qualquer pergunta.

Caso a Senhora e/ou o Senhor deseje obter alguma informação relacionada ao projeto, contate pelo telefone 8837 6410 a pesquisadora **Namar Oliveira Silva Figueiredo** (aluna do Mestrado de Letras, da Universidade Vale do Rio Verde- UNINCOR-Três Corações)

CONSENTIMENTO

Declaro que li ou leram para mim o consentimento acima e autorizo a participação do (a) adolescente sob minha responsabilidade na referida pesquisa.

Nome da adolescente: _____

Nome da/o responsável: _____

Assinatura da/o responsável: _____

Data: ___/___/___

ANEXO VII
CARTA DE CESSÃO

CARTA DE CESSÃO ILIMITADA

Três Corações, de Março de 2013.

Destinatário ,

Eu _____, _____, inscrito(a)
sob o RG n.º _____, declaro para os devidos fins que cedo os
direitos de minha entrevista dada no(s) dia(s)
_____ para a
pesquisadora e aluna do Mestrado em Letras da Universidade Vale do Rio Verde – UninCor,
Namar Oliveira Silva Figueiredo usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de
prazos e citações, desde a presente data.

Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros, que podem usar o texto final que está sob a
guarda das mesmas.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Assinatura ou confirmação digital.